

Carlos Eduardo de Barros Gonçalves

**Desportivismo e desenvolvimento de competências socialmente
positivas**

Estudo com jovens atletas dos 12 aos 16 anos em diferentes ambientes de prática

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

OUTUBRO, 2007

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

Desportivismo e desenvolvimento de competências sociais

Estudo com jovens atletas dos 12 aos 16 anos em diferentes ambientes de prática

Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto e Educação Física – Especialidade em Ciências do Desporto, na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Orientada pelos Prof. Doutor Manuel João Coelho e Silva (Universidade de Coimbra) e Prof. Doutor Jaume Cruz i Feliu (Universitat Autònoma de Barcelona).

Carlos Eduardo de Barros Gonçalves

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos vão em primeiro lugar para o Prof. Dr. Francisco Sobral Leal, homem de cultura e de ciência, que me despertou, de novo, o interesse pela investigação.

Ao Prof. Dr. Martin Lee, que inspirou o nascimento deste trabalho e que, com o seu saber e cultura científica, sempre me encorajou e acompanhou com os seus conselhos e sugestões.

Ao Prof. Dr. Jaume Cruz i Feliu, exemplo de qualidades académicas e humanas, que partilhou os seus conhecimentos e sabedoria e me abriu as portas do seu centro de investigação e me concedeu o privilégio do acesso, sempre cooperante, à sua equipa de investigadores.

Aos colegas do Centro de Estudos do Desporto Infante-Juvenil, cujo apoio e colaboração se revelaram inestimáveis. Uma menção especial para o António Figueiredo, de quem espero continuar a usufruir da amizade e qualidades de homem de ciência.

Por último, mas não o último, o Prof. Dr. Manuel João Coelho e Silva, mais do que um orientador, um amigo e um exemplo de dedicação ao trabalho intelectual, de probidade científica e de partilha do saber. *Non enim paranda nobis solum, sed fruenda sapientia est.*

RESUMO

O presente estudo pretende responder à questão de determinar os factores aptos a promover o desportivismo e as competências pró-sociais no desporto infanto-juvenil. Partindo da escolha e validação instrumentos adequados a avaliar as variáveis morais no desporto, a pesquisa procura validar para a população portuguesa de atletas com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos, o Youth Sport Values Questionnaire-2 (YSVQ-2), de Lee, Whitehead e Balchin (2000), o Sports Attitudes Questionnaire, de Lee e Whitehead (1999) na sua versão portuguesa (SAQp) e o Task and Ego in Sport Questionnaire (TEOSQ), de Chi e Duda (1995), na sua versão portuguesa de Fonseca e Biddle (1996). A análise factorial exploratória identificou quatro dimensões do SAQ e duas dimensões do TEOSQ, mas não conseguiu identificar uma estrutura factorial clara do YSVQ-2. A análise factorial confirmatória evidenciou o ajustamento do modelo de quatro e dois factores respectivamente do SAQ e do TEOSQ, aos dados obtidos numa amostra de 482 sujeitos (248 masculinos e 234 femininos) indicando que a versão portuguesa dos questionários é adequada para ser utilizada em futuras pesquisas.

O segundo estudo procura avaliar a hipótese de que as orientações para a realização de objectivos são predictoras de atitudes face à prática desportiva expressas pelos jovens, nomeadamente que a orientação para a tarefa é preditora de atitudes socialmente positivas e que a orientação para o ego é preditora de atitudes socialmente negativas. A análise de trajectória testou o papel preditor das orientações para a realização de objectivos sobre as atitudes face à prática desportiva, com uma amostra de 482 atletas com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos, que preencheram as versões portuguesas do TEOSQ e do SAQ. A adequação do modelo foi confirmada.

A sensibilidade ecológica das dimensões das orientações para a realização de objectivos e das atitudes face à prática desportiva foi testada com a amostra dos estudos anteriores através da pesquisa dos efeitos das variáveis independentes género (masculino ou feminino), tipo de desporto (individual ou de equipa) e contexto de prática (escolar ou federada). O efeito das variáveis independentes género e tipo de modalidade sobre as dimensões das variáveis dependentes foi estatisticamente significativo.

O último estudo investigou o efeito da experiência do treinador sobre as orientações para a realização de objectivos e as atitudes face à prática desportiva. Utilizando o Coach Behavior Assessment System (CBAS), de Smith, Smoll e Hunt (1977), foram

gravados em áudio e vídeo e posteriormente analisados 18 jogos de seis treinadores de Basquetebol do escalão de sub-16 anos masculinos, três experientes e três inexperientes. Os jogadores das equipas observadas preencheram as versões portuguesas do TEOSQ e do SAQ, bem como o questionário de percepções do comportamento do treinador do CBAS. Os resultados revelaram um efeito estatisticamente significativo da experiência ou inexperiência do treinador, tanto sobre as categorias comportamentais observadas em jogo como sobre as dimensões dos questionários.

Os estudos demonstraram a aptidão dos instrumentos TEOSQ e SAQ para a investigação de variáveis morais na população de jovens atletas portugueses com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos. O modelo que postula que as orientações para a realização de objectivos são preditoras de atitudes face à prática desportiva foi confirmado. O efeito da experiência do treinador sobre a orientação para a realização de objectivos e sobre as atitudes face à prática desportiva foi demonstrado. Permanecem questões em aberto que devem ser objecto de investigações posteriores com recurso a outras metodologias.

ABSTRACT

The research approaches the issue of the determination and assessment of the factors that can foster sportsmanship and pro-social competences in youth sport.

After obtaining the Portuguese versions of the Sports Attitudes Questionnaire-SAQ (Lee e Whitehead, 1999), and of the Youth Sport Values Questionnaire-2 (YSVQ-2), de Lee, Whitehead e Balchin (2000), the inventories were applied on two samples of 13-to 16-year-old athletes. Based on 511 subjects (247 boys, 264 girls) exploratory factor analysis identified four dimensions of SAQ but failed to identify a clear factor structure for YSVQ-2. In addition, confirmatory factory analysis showed the consistency between the SAQ' 4-factor model and the data collected from 482 subjects (248 males, 234 females). The Portuguese version of SAQ suggested to be a reasonable instrument for future research. It was also validated for the same population Task and Ego in Sport Questionnaire-TEOSQ (Chi e Duda, 1995), in the portuguese version (Fonseca e Biddle, 1996). The confirmatory factory analysis showed a clear 2-factor structure.

The purpose of the second study was to assess the hypothesis that achievement goal orientations will predict sportpersonship attitudes among Portuguese young athletes, namely that task orientation will predict socially positive attitudes and ego orientation will predict socially negative attitudes. For hundred and eighty two Portuguese athletes, aged 13 to 16 years completed the Portuguese versions of the Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQp) and of the Sports Attitudes Questionnaire (SAQp). A path analysis was performed to test the predicting role of task- orientation for pro-social attitudes and of ego- orientation for anti-social attitudes. The fit of the hypothesized model was confirmed, providing information for youth sport coaches about the importance of a task orientation in moral development thorough the perception of a task involving motivational climate.

The ecological sensivity of achievement goal orientations and sport attitudes was tested through the study of the effects of the independent variables gender (male/female), type of sport (individual/team), and context (school/club). The effect of independent variables gender and type of sport was stastically significant.

The next research studied the effect of coach Professional experience on achievement goal orientations and sport attitudes. Using the Coach Behavior Assessment System (CBAS), created by Smith, Smoll e Hunt (1977), 18 basketball games of under-16 years male teams were audio and video recorded and analysed. Six coaches, three with

professional experience and three without professional experience participated in the research.

The players of the observed teams fulfilled the portuguese versions of TEOSQ and SAQ, as well s the CBAS perceptions of coaches' behaviors questionnaire. The results showed a statistically significant effect of the coaches' professional experience both on the behavioral categories observed in competition and on the questionnaies' dimensions. The research showed the fit of the instruments TEOSQ and SAQ to the study of he moral variables among the portuguese athletes aged 13 to 16 years. The model that states that achievement goal orientations can predict the expression of sport attitudes was confirmed. The effect of the coach's professional experience on achievement goal orientations was supported by evidences. Further research on the issues remains open and asks for different approaches namely qualitative studies.

ÍNDICE GERAL

Capítulo 1 - Introdução	
1.1. Preâmbulo	1
1.2. Questões morais no desporto de jovens	6
1.3. Emergência de um modelo explicativo da tomada de decisão moral	12
1.4. A importância do treinador como adulto significativo	18
1.5. Complementaridade das metodologias de investigação	20
1.6. Objectivos	21
Capítulo 2 - Revisão da literatura	24
2.1. Estudo da moral no desporto: as teorias	24
2.2. Valor educativo do desporto	25
2.3. As ecologias do desporto infanto-juvenil e o papel do treinador	26
2.4. Orientação para a realização de objectivos e clima motivacional	28
Capítulo 3 – Considerações instrumentais	31
3.1. Introdução: estudos prévios	31
3.2. Metodologia	33
3.3. Resultados	38
3.3.1. Valores	38
3.3.2. Orientação para a realização de objectivos	47
3.3.3. Atitudes face à prática desportiva	51
Capítulo 4 - O papel preditor da orientação para a realização de objectivos sobre as atitudes face à prática desportiva	62
4.1. Introdução	62
4.2. Métodos	67
4.3. Resultados e discussão dos resultados	68
Capítulo 5 – A sensibilidade ecológica da orientação para a realização de objectivos e das atitudes face à prática desportiva	76
5.1. Efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre as Atitudes face à prática desportiva e sobre a Orientação para a Realização de Objectivos	76
5.2. Efeitos do Nível Desportivo sobre as Atitudes e a Orientação para a Realização de Objectivos em Jovens Atletas dos 13 aos 16 anos	78
5.2.1. Preâmbulo	78
5.2.2. Procedimentos	81
5.2.3. Resultados e discussão dos resultados	82
Capítulo 6 – Estudo do impacto do treinador sobre o ambiente moral no treino de jovens	90
6.1. Introdução	90
6.2. Métodos	92
6.2.1. Amostra	92
6.2.2. Instrumentos	94
6.2.3. Procedimentos	95

6.2.4. Tratamento de dados	96
6.3. Resultados e discussão dos resultados	96
Capítulo 7 – Conclusões e sugestões para futuras pesquisas	105
7.1. Conclusões	105
7.2. Limitações do estudo	107
7.3. Sugestões para futuros estudos	109
Bibliografia	111
Anexos	

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA	ASSUNTO	PÁG.
Tabela 1	Resultados da MANOVA factorial para testar simultaneamente os efeitos do género, contexto de prática desportiva e tipo de modalidade sobre os itens do Questionário de Valores face ao Desporto (YSVQp-2).....	
Tabela 2	Médias estimadas dos grupos gerados pelas variáveis género, contexto e tipo de modalidade no questionário de valores no desporto (YSVQp-2).....	
Tabela 3	Análise de componentes principais do YSVQ-2, forçando 3 factores. Comunalidades e cargas factoriais após rotação <i>varimax</i>	
Tabela 4	Análise de componentes principais do YSVQ-2, sem forçar o número de factores. Comunalidades e cargas factoriais após rotação <i>varimax</i>	
Tabela 5	Agregação dos itens do YSVQ-2 nas dimensões extraídas.....	
Tabela 6	Análise de componentes principais do Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ). Comunalidades e cargas factoriais dos itens após rotação <i>varimax</i>	
Tabela 7	Cargas factoriais e coeficientes de consistência interna do TEOSQ no presente estudo.....	
Tabela 8	Coefficientes de consistência interna do TEOSQ, prevendo a possibilidade de reduzir o número de itens em cada componente principal.....	
Tabela 9	Cargas factoriais e coeficientes de consistência interna do TEOSQ no estudo de Fonseca & Biddle (1996).....	
Tabela 10	Parâmetros item-factor (ρ) e erro de medida (σ) na estrutura de 4 dimensões do TEOSQ (Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire) testada pela análise factorial confirmatória.....	
Tabela 11	Parâmetros item-factor (ρ) na estrutura de 2 dimensões do TEOSQ, testada pela análise factorial confirmatória por Fonseca & Biddle (1996).....	
Tabela 12	Notas curriculares dos elementos que participaram na tradução do questionário SAQ.	
Tabela 13	Proposta final da versão portuguesa do questionário de atitudes face ao desporto (SAQp).	
Tabela 14	Análise de componentes principais do <i>Sport Attitudes Questionnaire</i> (SAQ). Comunalidades e cargas factoriais dos itens após rotação <i>varimax</i> . (n=511).	
Tabela 15	Cargas factoriais e coeficientes de consistência interna do SAQp, prevendo quatro itens em cada uma das componentes.	
Tabela 16	Cargas factoriais após análise factorial exploratória do SAQ no estudo de Lee e Whitehead (1999).	
Tabela 17	Parâmetros item-factor (ρ) e erro de medida (σ) na	

estrutura de 4 dimensões do SAQ (*Sports Attitudes Questionnaire*) testada pela análise factorial confirmatória.

- Tabela 18 Média e desvio-padrão das orientações para a tarefa e para o ego e das dimensões do Sports Attitudes Questionnaire para toda a amostra e por género.
- Tabela 19 Correlações entre as variáveis latentes do TEOSQp e do SAQp.
- Tabela 20 Análise da variância factorial para testar conjuntamente os efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre os itens do questionário de orientação para a realização de objectivos.
- Tabela 21 Médias estimadas para cada um dos grupos gerados pela análise da variância factorial utilizada para testar conjuntamente os efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre os itens do questionário de orientação para a realização de objectivos.
- Tabela 22 Análise da variância factorial para testar conjuntamente os efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre a orientação para a tarefa e para o ego, analisadas conjuntamente.
- Tabela 23 Análise da variância factorial para testar conjuntamente os efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre a orientação para a tarefa e para o ego, analisadas separadamente.
- Tabela 24 Médias estimadas para cada um dos grupos gerados pela análise da variância factorial utilizada para testar conjuntamente os efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre a orientação para a tarefa e para o ego.
- Tabela 25 Comparação entre os grupos masculinos e femininos no questionário de orientação para a realização de objectivos.
- Tabela 26 Comparação entre os grupos de praticantes de desporto escolar e desporto federado no questionário de orientação para a realização de objectivos.
- Tabela 27 Comparação entre os grupos de praticantes de modalidades individuais e modalidades colectivas no questionário de orientação para a realização de objectivos.
- Tabela 28 Distribuição da amostra consoante o género e o nível desportivo.
- Tabela 29 Estatística descritiva e resultados da prova *t* para testar o efeito do nível desportivo sobre os itens do questionário de atitudes face ao desporto (SAQ), para o sexo masculino.
- Tabela 30 Estatística descritiva e resultados da prova *t* para testar o efeito do nível desportivo sobre os itens do questionário de atitudes face ao desporto (SAQ), para o sexo

- feminino.
- Tabela 31 Estatística descritiva e resultados da prova t para testar o efeito do nível desportivo sobre os itens do questionário de orientação para a realização de objectivos no desporto (TEOSQ), para o sexo masculino.
- Tabela 32 Estatística descritiva e resultados da prova t para testar o efeito do nível desportivo sobre os itens do questionário de orientação para a realização de objectivos no desporto (TEOSQ), para o sexo feminino.
- Tabela 33 Estatística descritiva e resultados da prova F para testar o efeito do nível desportivo sobre os factores extraídos do questionário de atitudes face ao desporto (SAQ), para o sexo masculino.
- Tabela 34 Estatística descritiva e resultados da prova F para testar o efeito do nível desportivo sobre os factores extraídos do questionário de atitudes face ao desporto (SAQ), para o sexo feminino.
- Tabela 35 Estatística descritiva e resultados da prova F para testar o efeito do nível desportivo sobre os factores extraídos do questionário de orientação para a realização de objectivos no desporto (TEOSQ), para o sexo masculino.
- Tabela 36 Estatística descritiva e resultados da prova F para testar o efeito do nível desportivo sobre os factores extraídos do questionário de orientação para a realização de objectivos no desporto (TEOSQ), para o sexo feminino.
- Tabela 37 Características demográficas dos treinadores experientes.
- Tabela 38 Características demográficas dos treinadores inexperientes.
- Tabela 39 Valores médios por clube do k de Cohen para as observações dos jogos de Basquetebol.
- Tabela 40 Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito da experiência do treinador sobre as respostas dos jovens ao SAQp.
- Tabela 41 Análise multivariada da variância (MANOVA) para testar o efeito da experiência do treinador sobre as dimensões extraídas do SAQp.
- Tabela 42 Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito da experiência do treinador sobre os itens do TEOSQp.
- Tabela 43 Análise multivariada da variância (MANOVA) para testar o efeito da experiência do treinador sobre as dimensões extraídas do TEOSQp.
- Tabela 44 Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito da experiência do treinador sobre os itens do CBASp.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA	ASSUNTO	PÁG.
Figura 1	Solução do modelo de trajetória.	
Figura 2	Percentagens das categorias do CBAS para cada um dos seis treinadores observados.	
Figura 3	Percentagens das categorias do CBAS para os grupos de treinadores experientes e inexperientes.	

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1.Preâmbulo

Existe uma crença generalizada de que o Desporto, por si só, “faz bem”. É bom para a saúde, constitui um veículo óptimo de socialização, ocupa os tempos livres, fortalece o carácter, apura habilidades motoras, educa para a vida. Por estes motivos, a procura social do desporto é assumida como globalmente positiva, sendo desejável que a prática se transforme numa experiência que deveria ser proporcionada à maioria da população. Dado que é na infância e na juventude que os indivíduos estão mais predispostos a serem influenciados pela educação, a prática desportiva das crianças e jovens é fomentada e incentivada.

Os problemas éticos levantados pela prática desportiva, em especial ao nível do Alto Rendimento Profissional, vêm assumindo uma relevância continuada nos últimos anos e têm vindo a ser analisados tanto a nível institucional, público ou privado, como individual. Com o eco mediático que o desporto profissional provoca, associado à sua crescente importância económica, os casos e escândalos de violência, corrupção, ligações políticas, negócios, extravasam a esfera desportiva para se tornarem alvo do interesse de toda a sociedade (Sobral, 1994; Brettschneider, 2001).

Ao mesmo tempo, o triunfo da economia informacional e a mudança dos canais de transmissão das notícias e ideias, alteraram profundamente o conceito de cultura que se massificou e incorporou novas áreas da vida, que tradicionalmente lhe eram alheias, formando um grande caldo de cultura popular que atravessa transversalmente todas as classes sociais do mundo moderno (Castells, 2002, 2003; Gruneau, 1999). O Desporto tornou-se parte integrante – talvez a mais importante – dessa “cultura popular”.

As questões dos conflitos éticos na prática desportiva não são recentes e desde que existe competição que a tentação do embuste para ganhar vantagem está presente. Do mesmo modo, a visão do desporto como instrumento moralmente educativo e

formador constitui a base fundamental das propostas dos teóricos do Olimpismo. Coubertin pensava o desporto como expressão da Virtude e da Beleza e como projecto de formação de um escol de homens desejosos de um estilo de vida baseado no esforço exercido com alegria, no valor educativo do bom exemplo e no respeito por valores universais. Não proclama a Carta Olímpica que “o Movimento Olímpico visa colocar o desporto o serviço do desenvolvimento harmonioso das pessoas, promovendo uma sociedade pacífica e ligada à preservação da dignidade humana...”?

Com efeito, as transformações assumidas pelo capitalismo a partir dos anos 80 do século passado e transmitidas a todas as manifestações da vida social, em todo o mundo (Castells, 2002), a uma velocidade muito superior ao que a História conheceu no passado, vieram abalar profundamente o relacionamento das pessoas com o trabalho, com a natureza e com a sua própria humanidade individual e colectiva. À ética industrial, na sua versão *keyneseana*, baseada no trabalho interdependente e na manutenção de níveis mínimos de solidariedade e coesão social, sucedeu-se o pós-modernismo - entendido, impropriamente, como Sociedade Pós-Industrial, englobando as características que lhe são atribuídas tanto por Castells (2002), como por Santos (2002) - que consagra o sucesso individual, medido pelos níveis de consumo, como o valor supremo a perseguir. Em paralelo, a explosão de informação e a transformação radical do nosso relacionamento com os media, carrearam problemas acrescidos, muito particularmente no campo da educação, da cultura e das questões intergeracionais (Pais, 2003).

Do ponto de vista ético, a consequência deste acelerado desfasamento entre realidade e discurso (ainda) dominante traduziu-se inevitavelmente em discurso sobre “crise de valores”. Descartes, Kant, a Declaração (Universal) dos Direitos do Homem tornam-se obsoletos, em favor do Relativismo, Multiculturalismo e da “ética *light*”. (Hobsbawm, 2004; Gomes, 2004; Theodoulides, 2000). O desporto não escapou às transformações de paradigma e, bem pelo contrário, está no cerne do turbilhão que atravessa a transição do milénio, como espelho de mudanças sociais que lhe alteram as funções tradicionais e, no limite, o põem em causa.

O aumento desmesurado da sua importância económica, decorrente da aptidão para ser um veículo mediático óptimo da globalização e da procura social da prática por

parte de segmentos da população em busca de lazer saudável e do “corpo perfeito”, vem colocar questões éticas novas e complexas. Esta aparente contradição entre a exacerbação da excelência destinada ao espectáculo global - no desporto profissional – e a prática motivada pelo prazer ou pela busca da saúde e beleza traz consigo um abalo profundo à ideologia que fundamenta a formação desportiva dos jovens praticantes: correspondência entre a base e a elite, carreira balizada por etapas de preparação e norteada por fidelidade a uma modalidade desportiva e a valores de disciplina, perseverança, apego ao grupo e respeito pelas regras escritas ou tácitas.

Esta sucessão de paradoxos entre os valores negativos associados ao desporto profissional actual levaram alguns especialistas a negar qualquer carga educativa à prática desportiva tradicional e a propôr a adopção de formas de actividade física mais amigáveis e socializadoras do que competição em modalidades desportivas (Orlick, 2002; Scanlan, 2002).

Em segundo lugar, e de um ponto de vista interno, a diluição ou inadequação (“crise”) dos valores da prática orientada segundo as etapas de formação conhecidas (iniciação-especialização-competição) e as aspirações e tendências manifestadas dos jovens praticantes, provoca perplexidade e dúvida em muitos agentes desportivos, tanto ao nível da gestão das organizações como de treinadores e famílias (Brustad & Partridge, 2002; Marques & Oliveira, 2004).

As organizações desportivas de índole associativa tradicional – clubes, associações e federações de modalidade – continuam a oferecer actividades de treino e competição assentes em pressupostos de rendimento faseado, de selectividade progressiva e de obtenção de vitórias em campeonatos decalcados do modelo dos adultos. O afastamento de boa parte dos jovens dos valores éticos do aperfeiçoamento através do esforço, da perseverança e do espírito de equipa, em favor de motivos de participação de matriz afectiva e social (Coelho e Silva, 2004), vem agravando ora o abandono da prática desportiva nos anos de adolescência, ora o abaixamento da qualidade competitiva das competições infanto-juvenis. A esta situação, as federações desportivas têm procurado responder, reforçando os seus programas para elites jovens, através da melhoria da detecção e acompanhamento de talentos e da oferta de condições óptimas de treino aos atletas seleccionados (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004b).

No caso português, a existência do sistema desportivo tem sido alimentada quase exclusivamente pelo associativismo privado, vulgarmente designado por Desporto Federado (Teixeira de Sousa, 1988). Paralelamente, coexiste o Sistema Desportivo Escolar, conhecido como Desporto Escolar, da exclusiva responsabilidade política e administrativa do Estado e sob a exclusiva responsabilidade pedagógica dos estabelecimentos de ensino e dos seus professores (Melo de Carvalho, 1987; Pires, 1996). Seria lógico esperar, portanto, que o Desporto Escolar respondesse de modo mais expedito e flexível do que o Desporto Federado às alterações nas expectativas dos alunos e na sua motivação para a prática.

Neste contexto, o volume de estudos que aprofundem o conhecimento das questões educativas e éticas no Desporto Infanto-Juvenil é escasso em Portugal. E nos trabalhos existentes, a abordagem dos problemas tem sido feita de modo parcelar, focando apenas etapas do processo. Do mesmo modo, a validação de instrumentos originários de outras línguas não se concentrou na população-alvo que aqui interessa, a faixa etária que vai dos 12 aos 16 anos.

A determinação da população a ser estudada tem a ver com as idades de máximo envolvimento desportivo - que coincidem com o período em que o abandono da prática tem tendência para aumentar – e com os escalões etários em que a maioria das modalidades desportivas organiza competições de jovens já próximas do modelo das competições dos adultos (Seefeldt & Clark, 2002; Brustad & Partridge, 2002; Coelho e Silva & Malina, 2004). Segundo Passer e Wilson (2002), a competição é fundamentalmente um processo de comparação social. Ora, a compreensão total do significado de competir contra um adversário, que implica o desempenho de funções, o respeito por regras e o entendimento das causas e efeitos dos resultados das acções motoras só se torna possível a partir dos 12 anos. A colocação do limite superior nos 16 anos, prende-se com o facto de ser esse o tecto comumente aceite pelas organizações desportivas para a finalização das etapas de formação desportiva, começando a seguir o processo de especialização e transição para o rendimento. A faixa etária compreendida entre os 12 e os 16 anos é também aquela em que o treinador se transforma no “adulto significativo” com maior influência na actividade desportiva dos jovens (Lee, 1996; Cruz, 2003), e que se torna decisivo na criação do ambiente de treino e de competição.

O aumento da procura desportiva para crianças e jovens e as suas consequências

A procura da prática desportiva tem tido a sua maior incidência em idades cada vez mais baixas, ainda com uma clara sub-participação das raparigas. Se a iniciação precoce era, há 20 anos, apanágio de modalidades como a Ginástica ou a Natação, actualmente todos os desportos situam a sua base de recrutamento na faixa etária que vai dos 6 aos 10 anos. Neste caso, os interesses das famílias e das federações desportivas são coincidentes. A estas últimas interessa particularmente um segmento do “mercado” de prestação de serviços até então ignorado. A popularidade do desporto como principal actividade de tempos livres de crianças e jovens é inquestionável e consensual entre a administração pública desportiva, as organizações desportivas de direito privado e as famílias em geral.

Segundo Adelino, Vieira e Coelho (2005), no ano de 2004 existiriam em Portugal cerca de 160.000 praticantes desportivos com menos de 16 anos, inscritos em federações de modalidade. Os dados do Ministério da Educação informam que, no mesmo ano, 110.000 alunos com menos de 16 anos praticavam desporto nos estabelecimentos de ensino, no âmbito do programa de Desporto Escolar (Sousa & Magalhães, 2006). Este número representaria 20% do total da população portuguesa das mesmas idades. Situação semelhante é observável em países com uma matriz cultural semelhante à de Portugal, mas com uma maior participação dos jovens na prática desportiva, relativamente aos seus pares não praticantes (Ewing & Seefeldt, 2002; Seefeldt & Clark, 2002).

As justificações das decisões políticas para o apoio ao desporto infanto-juvenil são fundamentalmente de 3 categorias: (a) promoção da saúde pública; (b) promoção de estilos de vida que afastem os jovens situações de risco social; (c) aumento da qualidade da prática numa lógica de percurso para o alto rendimento. Nesta concepção instrumental do papel do desporto, os efeitos morais positivos são, pois, considerados imanentes e decorrentes da participação nos treinos e nas competições. A experiência e a investigação vêm-nos dizendo que não é bem assim.

A numerosa população de crianças e adolescentes que pratica o desporto de forma organizada, obedece a motivos e adota crenças e expectativas que não são consequência de um padrão único. De acordo com Malina, Bouchard e Bar-Or (2004), apenas 5% da população possui qualidades somáticas e funcionais, em grande parte geneticamente determinadas, que possibilitam a obtenção de resultados desportivos de elevado rendimento. Isto sugere que uma porção considerável das crianças participantes no processo de treino desportivo não estará apta para cumprir um percurso orientado para a carreira de atleta exposto às exigências do alto rendimento.

Ao iniciar a sua aprendizagem de uma modalidade desportiva na infância, muitas crianças chegam à adolescência acumulando vários anos de treino e de competição. As experiências destes jovens no âmbito da prática social do desporto, sejam gratificantes ou decepcionantes, não irão depender, na grande maioria dos casos, da obtenção de resultados de excelência ou de participação em competições de elite, mas de outros factores de ordem pessoal e social, profundamente enraizados na ética, nos códigos e nas regras do desporto (Hughes & Coakley, 2001).

1.2. Educação moral e ética desportiva

Segundo Shields, Bredemeier e Power (2002), “a estrutura técnica do desporto não possui significado moral intrínseco. O impacto da participação das crianças no desporto vai variar de acordo com o tipo de desporto (individual ou colectivo, nível de contacto), a qualidade e o estilo de treino.” Bredemeier e Shields (1986), em pesquisa realizada com praticantes universitários de basquetebol, homens e mulheres, concluíram que os níveis de juízo moral dos atletas se situavam abaixo dos resultados dos seus pares não praticantes. Um estudo com raparigas praticantes de futebol, com idades entre os 10 e os 14 anos, evidencia que a tentação para fazer batota está associada, entre outras variáveis, à permanência na mesma equipa (Stephens, 2000). Estes resultados da investigação levaram Bredemeier (1999) a sustentar que as equipas de crianças e jovens se deveriam constituir, para além de grupos dedicados à prática desportiva, como “comunidades morais”.

Os estudos de Shields e Bredemeier filiam-se na matriz teórica cognitivo-desenvolvimentista, ou estruturalista, desenvolvida por Kohlberg e plasmada no modelo

de acção moral de Rest (Lourenço, 2002). Para esta teoria, os conceitos morais, pessoais ou sociais, desenvolvem-se hierarquicamente em estádios que vão da anomia moral à moralidade pós-convencional. Em divergência com a abordagem conceitual estruturalista, a teoria da aprendizagem social (Bandura, 1977) postula que a investigação da psicologia da moralidade se deve limitar à descrição dos comportamentos morais de indivíduos e sociedades à luz do que é considerado socialmente positivo ou negativo, com o objectivo de condicionar as condutas em sentido socialmente desejável. As duas teorias têm em comum o objectivo de aplicação pedagógica, com particular incidência nas etapas de formação da personalidade humana.

A contradição entre a exacerbação da excelência destinada ao espectáculo global - no desporto profissional – e a prática motivada pelo prazer ou pela busca da saúde e beleza traz consigo um abalo profundo à ideologia que fundamenta a formação desportiva dos jovens praticantes: correspondência entre a base e a elite, carreira balizada por etapas de preparação e norteadas por fidelidade a uma modalidade desportiva e a valores de disciplina, perseverança, apego ao grupo e respeito pelas regras escritas ou tácitas.

As organizações desportivas de índole associativa tradicional – clubes, associações e federações de modalidade – continuam a oferecer actividades de treino e competição assentes em pressupostos de rendimento faseado, de selectividade progressiva e de obtenção de vitórias em campeonatos decalcados do modelo dos adultos. O afastamento de boa parte dos jovens dos valores éticos do aperfeiçoamento através do esforço, da perseverança e do espírito de equipa, em favor de motivos de participação de matriz afectiva e social (Coelho e Silva & Malina, 2004), vem agravando ora o abandono da prática desportiva nos anos de adolescência, ora o abaixamento da qualidade competitiva das competições infanto-juvenis. A esta situação, as federações desportivas têm procurado responder, reforçando os seus programas para elites jovens, através da melhoria da detecção e acompanhamento de talentos e da oferta de condições óptimas de treino aos atletas seleccionados (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004b).

No caso português, a existência do sistema desportivo tem sido alimentada quase exclusivamente pelo associativismo privado, vulgarmente designado por Desporto

Federado. Paralelamente, coexiste o Sistema Desportivo Escolar, conhecido como Desporto Escolar, da exclusiva responsabilidade política e administrativa do Estado e sob a exclusiva responsabilidade pedagógica dos estabelecimentos de ensino e dos seus professores. Seria lógico esperar, portanto, que o Desporto Escolar respondesse de modo mais expedito e flexível do que o Desporto Federado às alterações nas expectativas dos alunos e na sua motivação para a prática.

Assumindo claramente que o Desporto “faz bem”, aceita-se também que o Desporto pode “fazer mal”. O potencial educativo da prática desportiva continua incólume e continua a ser um veículo inestimável de aprendizagem de valores de afectividade, de solidariedade e de cidadania. Torna-se necessário o conhecimento aprofundado da realidade, sabendo o que pensam e em que acreditam os jovens praticantes, as suas famílias, os treinadores e os responsáveis pelas organizações.

Paradoxos do desporto contemporâneo e desporto infanto-juvenil como actividade pedagógica

Para aproximar o conhecimento necessário da realidade torna-se obrigatório clarificar o modelo teórico escolhido. O primeiro estudo deve encontrar a fundamentação teórica e metodológica das escolhas feitas. O modelo de Lee é filosoficamente sustentado pelo racionalismo liberal kantiano, actualizado por Rawls. A crença na auto-determinação do sujeito justifica a validade da adopção dos valores como ponto de partida do estudo da moral desportiva. O curto-circuito entre as concepções “iluministas” da decisão moral e os comportamentos reais revela a inadequação desta abordagem.

As questões abertas pela prática maciça de actividades desportivas por crianças e jovens não estão inscritas na agenda do “fundador” do desporto moderno. O barão de Coubertin, apesar de incluir o *fairplay* no código genético do desporto, dirige-se a um público bem diferente dos actuais praticantes de desporto infanto-juvenil. Mas, ao longo do século e meio de vida do desporto, a questão da prática das actividades físicas como meio de educação física e moral esteve sempre presente (Keating, 2001) e continua a ser uma referência justificativa para a sua promoção e fomento. O pano de fundo para a insistência nas virtudes educativas da prática desportiva é constituído pela enorme popularidade mediática global do desporto profissional e pela adesão de dezenas de

milhões de crianças e jovens, que se iniciam no treino desportivo em idades cada vez mais baixas (Ewing & Seefeldt, 2002).

Por um lado, o desporto hodierno é visto como uma degenerescência de uma idade de ouro de prática pura e desinteressada, herdeira do *fairplay* aristocrático de Coubertin, assistindo-se hoje à vitória do ethos competitivo sobre a carga educativa do desporto, após décadas de conflito mais ou menos tenso. Morgan (2001) lamenta que: as “regras do desporto se tenham transformado em pouco mais do que directivas técnicas que permitem aos participantes atingir os objectivos extrínsecos desejados. Qualquer poder moral que os regulamentos desportivos tenham em algum tempo possuído já desapareceu.” Para uma actividade que se assume como justa e meritocrática, as consequências podem ser a assumpção de um cinismo complacente.

É essa postura que muitos estudiosos, treinadores e outros agentes desportivos adoptam ao aceitar que os desportos fornecem o contexto para a expressão vigiada da violência. Mas o mesmo contexto também encoraja frequentemente a expressão ilimitada da violência - em que radica o conceito de *anti-desportivismo*, tão caro a Lee (1996). Se o desporto conduz a comportamentos agressivos e a condutas violentas é porque nós próprios desejamos que assim seja. Os espectadores esperam dos atletas um comportamento agressivo e duro que, não sendo considerado violência pura e dura, anda muitas das vezes de mãos dadas com ela. Para além disso, Cashmore (2005) argumenta que “as descobertas de Bandura estão em total consonância com a opinião de muitos treinadores e jogadores que acreditam que o desporto constitui um excelente meio para aliviar a pressão e libertar a agressividade do sistema.” O comportamento agressivo, tendencialmente violento é assimilado ao longo das nossas aprendizagens sociais, em interacção com os outros.

A emergência do desporto infanto-juvenil como fenómeno de massas, vem colocar o anti-desportivismo no cerne do processo pedagógico. A tensão entre competição e educação poderá ser resolvida no interior do treino desportivo? A proliferação de referências, tão visível no desporto, obriga a negociações e mediações, que tornam difícil determinar e avaliar uma sucessão de causa-efeito entre os conteúdos ensinados e o que de facto foi aprendido pelo praticante.

O estudo da moral no desporto é bem o espelho desta dificuldade teórica e metodológica. A moral desportiva que ressalta dos estudos de Shields & Bredemeier (1995), ou de Shields, Bredemeier & Powell (2002), reveste características específicas que impedem a sua transferência para a vida quotidiana. Na esteira de Kohlberg, é proposta uma moral universal que dê corpo ao ideal de justiça. Mas, que moral universal? As várias morais, resultantes de hierarquias estabelecidas, existentes dentro da equipa, podem não ser generalizáveis, ou, pelo menos, desejáveis. Os filtros que condicionam a percepção das mensagens (hierárquicos, étnicos, sociais, de género, culturais, entre outros), multiplicam o conteúdo inicial em recepções individualizadas (Weiss & Smith, 2002; Gonçalves et al., 2005).

Justificações pedagógicas do desporto

De um ponto de vista externo, o desporto é apanhado no turbilhão dos movimentos que marcam a globalização pós-moderna, ora incluindo-o na política dos Direitos Humanos das crianças (David, 2005), ora procedendo à sua medicalização e mercantilização, como produto de consumo que usa o corpo, mas é por ele subordinado (Anderson, 2006; Beja Santos, 2006).

Kirk (2006) refere que, para muitos académicos, o desporto está sob assédio, cercado por justificações extrínsecas, e argumentam que o desporto como actividade humana não é sustentável quando os benefícios extrínsecos da saúde e da fama são dominantes. Deste ponto de vista, a educação física e o desporto infanto-juvenil são encarados como secundários relativamente a outros bens sociais, como a saúde ou outros aspectos económicos.

Neste contexto, o desportivismo permanece apenas como expressão do politicamente correcto. Como o desporto é para o bem dos jovens, é preciso agarrá-los desde pequenos, para que os efeitos sejam profundos e duradouros. Após um longo período de apagamento, a pedagogia do desporto regressa para reclamar o seu papel como promotora da virtude e da educação moral.

O treino moral no desporto infanto-juvenil- ambiguidade axiológica

A partir do entendimento precedente, todo o treino e competição assumem uma dimensão ética, porque orientados para a formação do sujeito para a vida, em percurso paralelo ao da escolaridade. Os atletas são orientados para a tomada de decisões morais *correctas*, que exprimam níveis ascendentes de juízo moral autónomo.

Esta argumentação enfrenta dois tipos de dificuldades. Em primeiro lugar, o facto de certos sujeitos apresentarem níveis de juízo moral elevado pode não se traduzir em comportamento moral correspondente, em treino ou em competição. Em segundo lugar, pode dar-se o caso de as condições ecológicas de funcionamento da organização ou do grupo se enquadrarem no tipo de decisões morais proposto pelo treinador, ou de o contexto competitivo colocar questões inesperadas (papel do adversário, incerteza do resultado, intervenções da arbitragem ou do público, entre outras), que determinam a não aplicabilidade universal dos juízos morais aprendidos (Coakley, 2001).

Podemos pois inferir que pensar o desporto apenas nos termos de uma linguagem moral, leva necessariamente a negligenciar o papel desempenhado pelos conflitos, o poder e os interesses, tal como acontece nas competições desportivas. Paralelamente, omitir as relações de poder no processo de decisão, traduz-se no encobrimento dessas relações de poder no desporto por um véu de racionalidade, acessível ao indivíduo autónomo, apto a exercer cabalmente o seu julgamento moral, mas pouco adequado à criança ou jovem imerso em contexto desportivo de elevada complexidade relacional (Gomes, 2005; Kirk, 2006).

Os receios de deriva ética no desporto, causados pela preponderância dada ao rendimento, por más práticas ou maus climas de treino e de competição ou por incorrecta gestão das etapas de formação, são complementados pelo lamento de muitos treinadores e professores pela instrumentalização do desporto como veículo de promoção da saúde ou ferramenta de profilaxia e terapêutica sociais. Nesta encruzilhada, o trabalho académico de investigação, intelectual e epistemologicamente aberto, embora comprometido com um desporto ao serviço do desenvolvimento integral das crianças e jovens, representa uma contribuição indispensável para o conhecimento da realidade e para a sua transformação.

1.3. Emergência de um modelo de tomada de decisão moral

Embora partindo de pressupostos metodológicos diferentes, os estudos de Martin Lee apoiam-se nos mesmos fundamentos filosóficos, estabelecendo uma estreita relação com o imperativo categórico de Kant, que postula a perfeita homogeneidade entre a biografia e a obra, como consequência da absoluta subordinação da vida ao pensamento.

Ora, como foi referido anteriormente, o jovem atleta enfrenta uma série de constrangimentos e contradições (relações de poder, ambiente ecológico, vicissitudes da prática desportiva) que limitam as suas escolhas e provocam uma fractura entre a razão livre e o comportamento condicionado. Nesta situação, o risco de assumir acriticamente o paradigma positivista pode transformar uma ferramenta científica em máscara da realidade (Brustad, 2002). Daqui resulta a importância crescente conferida aos estudos multi-método, em que a investigação qualitativa complementa ou orienta a investigação quantitativa, na procura de um melhor conhecimento da realidade (Krane & Baird, 2005), bem como a recusa em separar os valores cognitivos de valores éticos e políticos.

O estudo das questões éticas no desporto de jovens tem sido esparsa e descontínua ao longo dos últimos anos. Uma das razões será a dificuldade de clarificar constructos e de desenvolver instrumentos quantitativos, aptos a medir os atletas de idades mais baixas. Uma das linhas de investigação que procurou evoluir para um modelo de tomada de decisão em contexto desportivo, foi iniciada no Reino Unido, sob impulso, principalmente, de Martin Lee. O autor (Lee, 1996) parte da definição de Rokeach, actualizada por Schwarz, para afirmar os valores como “crenças duradouras em que um comportamento específico é... pessoal ou socialmente preferível a outro comportamento... contrário ou alternativo.” Neste sentido, os valores representam o fundamento das condutas socialmente desejáveis, tendo pois, um carácter instrumental. Os valores (fundamentalmente o seu sistema e estrutura) funcionarão como “princípios que orientam a vida pessoal e social” (Lee, 2000). Schwarz (1994) organiza os valores hierarquicamente, propondo um sistema, estruturado sobre dois eixos, resultantes de outras tantas dimensões motivacionais: (a) da “auto-transcendência” para o “auto-reforço”, da tolerância para o autoritarismo, por exemplo; (b) da “abertura à mudança” para o “conservadorismo”. Este quadro teórico permite que os valores sejam

identificados como próximos ou contrários e abre caminho à construção de um instrumento apto a descrever o sistema de valores numa dada população.

A partir da assumpção de um sistema de valores que, do ponto de vista individual, seria sempre positivo, o atleta, face a situações concretas levantadas pelo treino ou pela competição, assumiria a atitude adequada aos valores assumidos. Deste modo, existiria uma relação hierárquica entre valores, atitudes e comportamentos, cristalizada em modelo de tomada de decisão, em que o conhecimento do sistema de valores expresso pelo indivíduo funcionaria como preditor das condutas desportivas. O conceito de *desportivismo* sintetizaria a constelação de valores que o desportista deve interiorizar, seja qual for o seu nível de prática. Em sentido lato, o desportista assumiria a sua condição tanto em treino e competição como na sua vida privada e pública. O desporto funcionaria como exemplo socialmente positivo.

Atitudes face ao desporto

No campo específico do desporto, entende-se que o comportamento dos atletas se deveria pautar pelo respeito pelo *desportivismo* (*sportpersonship* ou *fair play*), conceito que englobaria um conjunto de “boas práticas”, que confeririam um carácter educativo ao treino e à competição. Cruz, Boixadós, Valiente e Torregrosa (2001) afirmam que o Desportivismo se compõe de: respeito pelas regras e pelos adversários; igualdade de condições entre os intervenientes; renúncia à vitória a todo o custo; dignidade nas vitórias e nas derrotas; “dar o melhor de si mesmo”.

Para responder à questão de avaliação do construto Desportivismo, Vallerand, Briere, Blanchard e Provencher (1997) propõem a *Multidimensional Sportpersonship Orientations Scale* - MSOS-25. O instrumento baseia-se nas cinco dimensões do *desportivismo*, propostas por Vallerand, Deshaies, Courier, Brière e Pelletier (1996): empenhamento na participação; respeito pelas convenções sociais; respeito pelas regras e pelos árbitros; respeito pelo adversário; abordagem negativa do desportivismo. Cada dimensão é representada por cinco itens.

Na mesma linha, mas partindo da sua própria definição de *fairplay*, Boixadós e Cruz (1995) desenvolvem um instrumento de medida, a *Escala d'Actituds de Fair Play* – EAF/C, composta por 22 itens e destinada a medir as atitudes dos atletas face à sua prática desportiva. Num estudo com futebolistas federados, com idades entre os 13 e os 19 anos, foram identificados três factores: *ganhar*; *jogo duro*; *espírito do jogo e divertimento*.

Por seu lado, e respondendo a uma solicitação do *Conselho da Europa* e do *Sports Council* do Reino Unido, que visava o estudo da ética na prática desportiva infanto-juvenil, Lee (1996) coordenou uma pesquisa que deveria conduzir à elaboração de questionários de Valores e Atitudes, direccionados para o desporto de jovens. O modelo adoptado (Lee, 1996; Whitehead, Lee & Hatzigeorgiadis, 2003) para estudar e avaliar as premissas morais individuais que determinam as decisões, parte do princípio que as atitudes são contingentes à situação dada e informam sobre o comportamento que o atleta assumiria face a um potencial conflito moral (Prat & Soler, 2003). Neste sentido, as atitudes representariam, para o atleta, a avaliação afectiva e instrumental da conduta a adoptar (Rhodes e Courneya, 2005; Chantal, Robin, Vernat & Bernache-Assolant, 2005).

Partindo da identificação de atitudes efectuada por um grupo de peritos, Lee (1996) elaborou o *Sports Attitudes Questionnaire* -SAQ, de 26 itens, que foi aplicado a uma amostra de 1391 atletas, dos 12 aos 16 anos, rapazes e raparigas, praticantes dos desportos mais populares no Reino Unido. O instrumento compreende quatro escalas: *Batota*, *Anti-desportivismo*, *Vitória a todo o preço* e *A vitória não é o mais importante*. Em estudo posterior, Lee e Whitehead (1999) modificam o SAQ de modo a que duas sub-escalas do MSOS-25 proposto por Vallerand, Brière, Blanchard e Provencher (1997) – “*empenhamento na participação*”, “*respeito pelas convenções sociais*” – substituam as escalas “*a vitória não é o mais importante*” e “*vitória a todo o preço*” da versão original. Os itens do questionário são reduzidos para 23, resultando numa proposta de modelo de quatro factores, sendo dois considerados socialmente positivos (*Empenhamento* e *Convenção*) e dois socialmente negativos (*Batota* e *Anti-desportivismo*). O instrumento é aplicado a uma amostra de 549 atletas, dos 13 aos 16 anos, rapazes e raparigas, praticantes dos desportos mais populares no Reino Unido (Lee & Whitehead, 1999; Whitehead, Lee & Hatzigeorgiadis, 2003). Neste estudo, a

consistência interna do modelo de quatro factores revela-se elevada; o coeficiente do *alfa-de-cronbach* para o *Empenho* foi .68, para a *Convenção* .82, para a *Batota* .81 e para o *Anti-desportivismo* .84.

O *Sports Attitudes Questionnaire* foi aplicado a amostras de idades e de composição de demografia desportiva similares à população-alvo do presente estudo (dos 13 aos 16 anos, que, para além de atravessar o período da adolescência, corresponde igualmente à etapa de especialização na maioria das modalidades desportivas) e a sua validade psicométrica foi verificada no Reino Unido (Lee & Whitehead, 1999). Do mesmo modo, o modelo de quatro dimensões, sendo duas consideradas socialmente positivas e duas consideradas socialmente negativas, para além de demonstrar sólida consistência interna, está em consonância conceptual com os instrumentos propostos por Vallerand et al. (1996) ou Boixadós & Cruz (1995).

Orientações para a realização de objectivos

Tanto nos seus estudos precedentes como nos seus escritos mais recentes (Lee, 2005), o autor em referência nunca escondeu as dificuldades e demonstrou assinalável abertura intelectual para novas linhas de pesquisa e metodologias. As suas preocupações permaneceram ligadas à transferência dos saberes provenientes da investigação para os agentes que estão no interior do desporto infanto-juvenil, em especial para os treinadores (Lee, 1998). Por esse motivo, pode afirmar-se que a investigação da moral no desporto que ainda não revelou toda a sua fecundidade.

A necessidade de ligação a outros construtos, mais próximos do ambiente da preparação e competição desportivas, levou à aproximação das questões morais ao tema da motivação, considerado como o cerne do relacionamento do atleta com o meio circundante. Entre as várias teorias que abordam o problema (adiante mencionadas no capítulo 2), considerou-se a Teoria de Realização de Objectivos (*achievement goal theory*) como candidata a integrar o modelo de tomada de decisão moral.

Nicholls (1989) considera que a definição de sucesso por parte do indivíduo pode constituir a chave da orientação para realizar os objectivos propostos. O atleta pode avaliar o seu desempenho em tarefas motoras tomando-se a si próprio como

referência ou seja, avaliando os resultados em função do progresso obtido e do aperfeiçoamento conseguido através do treino. As melhorias podem então ser atribuídas ao esforço e empenhamento depositos nos exercícios de treino realizados. O sucesso corresponde ao desempenho da tarefa motora de modo progressivamente mais eficaz do que nas tentativas precedentes. Estes atletas estão orientados para a *tarefa*.

Outro atleta pode referenciar-se normativamente, em comparação com os seus pares. O sucesso na tarefa motora é avaliado pelo resultado no confronto com companheiros ou adversários. Se ganhar ou fizer melhor do que os outros existe sucesso, se perder ou fizer pior surge o insucesso. Neste caso, o atleta tende a atribuir o seu desempenho à habilidade natural ou à sua falta. Estes atletas estão orientados para o *ego*.

A orientação para a realização de objectivos é tida como ortogonal, o que significa que ambas as orientações são compatíveis e não se excluem mutuamente. Teoricamente são possíveis quatro perfis de orientação para a realização de objectivos, correspondentes a outros tantos tipos de adaptabilidade aos contextos desportivos (Duda, 2001; McArdle & Duda, 2004). As orientações para a *tarefa* e para o *ego* são, em certa medida, aspectos disposicionais, constituindo como que uma característica inicial do jovem atleta que, á partida não tem a ver com o contexto de prática. A possibilidade de alteração das orientações disposicionais mediante a manipulação do ambiente de treino e de competição tem sido investigada por vários autores que reforçam a importância do contexto ecológico e do tempo disponível para o alterar, como condição necessária a intervenções positivas e duradouras (Roberts, 2001; Treasure, 2001; Papaioannou, Marsh, & Theodorakis, 2004).

De notar que Nicholls (1989) baseia as orientações para a *tarefa* e para o *ego* em percepções de habilidade, indiferenciada ou diferenciada. Ora, vários autores (Duda, 2001; Weiss & Smith, 2002) consideram que a diferenciação da percepção de habilidade se torna clara para o praticante cerca dos 12 anos de idade, o que dificulta a investigação das orientações em idades mais baixas, em que também a avaliação da competição por parte dos mais novos se torna imprecisa, até porque dependente da opinião de adultos significantes.

A partir deste enquadramento teórico foram elaborados instrumentos de pesquisa, consubstanciados em dois questionários: *Task and Ego Orientations in Sport Questionnaire* (TEOSQ, Chi & Duda, 1995) e *Perception of Success Questionnaire* (POSQ, Roberts, Treasure & Balague, 1998). Ambos os instrumentos têm revelado assinalável robustez psicométrica, nos contextos em que têm sido aplicados (Weiss & Smith, 2002; Weiss & Ferrer-Caja, 2002), embora Hanrahan e Biddle (2002) apontem para uma maior fiabilidade do TEOSQ.

Estudos que relacionem as orientações para a realização de objetivos com as questões morais no desporto de jovens são ainda escassos (Duda, 2001). Mas investigações realizadas com atletas adolescentes apontam para correlações positivas entre a orientação para a tarefa e a adopção de atitudes socialmente positivas e para correlações também positivas entre a orientação para o ego e a adopção de atitudes socialmente negativas (Lee & Whitehead, 1999; Fry & Newton, 2003; Boixadós, Cruz, Torregrosa & Valiente, 2004; D'Arripe-Longueville, Pantaléon & Smith, 2006). Do mesmo modo, embora recorrendo à teoria estruturalista, Kavussanu (2006), Kavussanu e Ntoumanis (2003) e Kavussanu e Spray (2006) sugerem correlações positivas entre a orientação para o ego e a adopção de níveis inferiores de raciocínio moral.

A partir destes resultados é então possível colocar a hipótese que as orientações disposicionais para a tarefa ou para o ego, estreitamente ligadas ao ambiente ecológico das equipas desportivas, poderão exercer a função de preditores de atitudes face ao desporto. Deste modo, a ser confirmado o modelo, seria esperável que a orientação para a tarefa funcionasse como preditor da adopção de atitudes consideradas socialmente positivas e que a orientação para o ego fosse preditora da adopção de atitudes socialmente negativas. O modelo assim sumariamente descrito poderia fornecer informações úteis aos adultos significantes, em especial para o treinador, de modo a ser possível manipular o clima de treino e competição no sentido socialmente desejável (Roberts, 2001; Treasure, 2001; Smith, Smoll & Cumming, 2007).

A partir da eventual confirmação do modelo, tratada no capítulo 4, a figura do treinador emerge como o sujeito apto a fazer a ponte entre as variáveis disposicionais, *tarefa* e *ego*, e as variáveis de contexto ou de clima, tal como são definidas no modelo de Newton e Duda (2000).

1.4. A importância do treinador como adulto significativo

Entre os vários adultos significantes para o jovem atleta, o treinador parece assumir importância especial como figura de referência (*role model*) em períodos marcantes de desenvolvimento pessoal e social. Segundo Lee (1996), a relevância dos adultos para o praticante vai variando em função da idade e do nível de prática. Na adolescência, aproximadamente entre os 12 e os 16 anos de idade, a importância do treinador torna-se preponderante face à influência da família, até pelo maior empenhamento no desporto que o praticante irá ter durante essa fase. Na maioria das modalidades desportivas, a partir dos 12 anos de idade, as competições começam a representar um desafio cada vez mais absorvente e o seu formato começa a aproximar-se do das competições de adultos (Adelino, Vieira & Coelho, 2005). Ora, a acção dos adultos significantes e, em especial, do treinador pode representar para o jovem atleta uma referência positiva ou negativa, funcionando como fonte de apoio, de informação ou de pressão e com repercussões evidentes no clima motivacional da equipa (Bengoechea & Streat, 2007; Würth, Lee & Alfermann 2003). Para vários autores (Cruz, 2003; Cruz, Boixadós, Valiente & Torregrosa, 2001), algumas das derivas morais no desporto de jovens podem ser imputadas a “mau treino”, ou seja, à acção nefasta do treinador na promoção do clima motivacional adequado à adopção de condutas socialmente positivas.

Estas evidências colocam a necessidade de investigar o treinador nas suas crenças, conhecimentos, comunicação com os atletas e comportamentos em treino e competição (Smoll & Smith, 2002; Smith, Smoll & Cumming, 2007; Gilbert & Trudel, 2004; Cassidy, Jones & Potrac, 2004). Para além disso, importa também pensar a formação dos treinadores de jovens em moldes que ponham em evidência as funções múltiplas do treinador, que vão muito para além da transmissão e aperfeiçoamento de habilidades técnicas. Cassidy, Jones e Potrac (2004) sustentam que a questão fulcral a ser colocada é se os treinadores devem ser considerados como educadores morais. Para Verkoshansky (2002) essa questão não deve ser colocada no âmbito do treino desportivo, já que este é naturalmente selectivo e o papel do treinador deve limitar-se a atingir o rendimento máximo a que os seus atletas poderão aspirar. Porém, como visto no ponto 2 deste capítulo, a grande maioria dos praticantes adolescentes não visa ou não

tem condições para atingir o rendimento máximo, mas sim uma experiência desportiva gratificante.

Em estudo com atletas de elevado nível competitivo, Myers, Felz, Maier, Wolfe e Reckase (2006) concluíram que para os praticantes o treinador deve ser, para além de um técnico desportivo competente, um motivador e um formador de carácter. Por seu lado, McCullick e Brecher (2005), em estudo com candidatos a treinadores de golfe, apresentam resultados em que estes exprimem o desejo de mais e melhor ensino da pedagogia do desporto, como forma de otimizar a sua intervenção em domínios não técnicos.

Mas a situação actual da formação de treinadores de jovens não contempla, senão superficialmente, as competências de formação do carácter (Cruz, Boixadós, Valiente & Torregrosa, 2001). Coelho e Silva, Rocha e Gonçalves (2006), em estudo com treinadores recém-formados de Basquetebol, concluíram que estes são em geral muito jovens e revelam pouco interesse pela carreira de treinador. Pode colocar-se aqui a hipótese de que, quanto mais inexperiente for o treinador de jovens, menor controlo terá sobre as variáveis motivacionais e morais do treino. Pelo contrário, o treinador com maior experiência prestará uma atenção mais cuidada àqueles factores.

Cumpre pois observar os treinadores no desempenho da sua acção e, em especial, analisar a interacção de comunicação que mantêm com os seus atletas. Um dos métodos utilizados no campo desportivo, com intuítos claros de intervir na formação do treinador, tem sido o Sistema de Avaliação de Comportamento do Treinador (*Coach Behavior Assessment System/CBAS*, proposto por Smith, Smoll e Hunt, 1977). O modelo parte da observação da conduta dos treinadores em competição, mediante o registo vídeo do jogo e áudio da comunicação com os atletas. Os dados recolhidos são analisados e consignados em grelha própria, que inclui 12 categorias comportamentais estabelecidas através de estudos anteriores. Em complemento, são aplicados aos atletas questionários que procuram discernir as suas percepções e opiniões sobre o seu treinador, o processo de treino e o estilo de orientação das competições. A aboragem pormenorizada do CBAS é objecto do capítulo 6.

A relação entre os resultados da observação do treinador com recurso ao CBAS e os construtos Atitudes face á prática desportiva e Orientação para a Realização de Objectivos, tendo em conta o modelo de tomada de decisão moral sugerido no ponto 1.3, filtrada pela experiência do treinador, constitui informação que poderá orientar a promoção do ambiente ecológico do treino no sentido socialmente desejável.

1.5. Complementaridade das metodologias de investigação

A aplicação dos questionários de Atitudes (SAQ) e de Orientação para a Realização de Objectivos Fundamentam-se na Teoria Social Cognitiva e utilizam metodologias quantitativas, aptas a estudar amostras mais extensas. Do mesmo modo, a procura de um modelo de tomada de decisão moral é apoiado em ferramentas estatísticas que partem de resultados médios. Ora, a forma organizativa desportiva por excelência é a equipa, microcosmos onde se decidem e potenciam quase todas as variáveis em estudo. O clima de equipa, fomentado em grande parte pelo treinador e pelos pares atletas vai decidir muitas das escolhas morais expressas no campo desportivo (Stephens, 2000; Stornes & Roland, 2004; Visek & Watson, 2005).

Torna-se necessário o estudo da equipa como unidade funcional obedecendo a regras próprias e moldando o seu ambiente ecológico em constante e dinâmico diálogo com a complexidade das situações criadas dentro e fora do desporto (Vallerand, 2001). Sob este prisma, a pesquisa das variáveis morais na esfera dos praticantes e do treinador só tem sentido no universo da equipa. A aplicação dos instrumentos aos atletas que treinam e competem juntos durante um largo período de tempo revela o clima específico de equipa determinado pelo contexto de prática. O estudo do treinador não é realizado em abstracto mas com o indivíduo concreto na ambiência concreta. Só assim se torna possível fundamentar uma intervenção pedagógica que tenha em conta os destinatários: a sua formação, experiência, expectativas, ambições. No presente estudo, a variável cujo efeito se vai testar é a experiência na carreira que, como referido no capítulo 6, está estreitamente associada à formação de especialidade desportiva do treinador.

Para além disso, o ambiente da equipa não é percebido de modo idêntico por todos os atletas (May, 2001), filtrado por relações e posicionamentos no grupo e por

traduções pessoais da comunicação do treinador. A aplicação do questionário de percepção do comportamento do treinador, integrado no CBAS, pode minorar o problema e fornecer um melhor conhecimento dos participantes do grupo. Na esteira dos resultados obtidos, o capítulo 7 aponta metodologias que podem complementar o estudo e fundamentar uma intervenção individualizada.

A complexidade das questões morais levantadas pela prática desportiva de jovens não se torna passível de ser apreendida por um único método, antes exigindo uma combinação de recursos que forneça informação pertinente a todos os que se envolvem na coordenação e condução do processo, em especial aos treinadores e aos formadores de treinadores.

1.6. Objectivos do estudo

Os objectivos do estudo desenvolvem-se em vários níveis, em função da necessidade de adequar as metodologias à complexidade da questão inicial que orienta a investigação. Apesar da unidade conceptual de toda a pesquisa, a *research question* pode dar origem a estudos parcelares que permitem uma abordagem e apresentação quase independente, embora representando sempre sub-capítulos de um todo. Torna-se possível dividir a investigação em três momentos principais: a) o primeiro problema consiste em tentar resolver as questões dos instrumentos de pesquisa, levantadas pela sua transposição cultural e pelas especificidades das amostras; b) a segunda questão põe à prova o modelo hipotético de tomada de decisão moral, bem como a sensibilidade contextual da Orientação para a Realização de Objectivos; c) a terceira resulta da observação e análise do comportamento do treinador em competição e a sua relação com.

Quanto à primeira questão, os objectivos do estudo são:

- a) Traduzir e validar o *Youth Sport Values Questionnaire -2* (YSVQ-2) e o *Sport Attitudes Questionnaire* (SAQ) para a população de atletas portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos.

- b) Validar a estrutura bifactorial do Task and Ego in Sport Questionnaire (TEOSQ) para a população de atletas portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos, que é utilizada no presente estudo.

- c) Descrever os valores, as atitudes e as orientações para a realização de objectivos da população de atletas portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos.

Para a segunda questão, os objectivos do estudo são:

- a) Avaliar a hipótese de que a orientação para a tarefa seja preditora das atitudes pró-sociais expressas por atletas portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos.

- b) Avaliar a hipótese de que a orientação para o ego seja preditora da expressão de atitudes anti-sociais pela mesma população.

- c) Testar os efeitos do género, do contexto e do tipo de modalidade sobre a Orientação para a Realização de Objectivos e sobre as Atitudes face à prática desportiva, expressas por jovens atletas dos 13 aos 16 anos de idade, de várias modalidades desportivas.

- d) Testar os efeitos do nível de prática desportiva sobre a Orientação para a Realização de Objectivos e as Atitudes face à prática desportiva expressas por jovens atletas federados dos 13 aos 16 anos de idade, de várias modalidades desportivas.

Para a terceira questão, os objectivos do estudo são:

- a) Observar o comportamento de treinadores de Basquetebol de atletas masculinos sub-16 anos em situação de competição, utilizando o *Coach Behavior Assessment System/CBAS*.

- b) Descrever as Atitudes face à prática desportiva, as Orientações para a Realização de Objectivos e as Percepções do comportamento do treinador expressas pelos atletas das equipas orientadas pelos treinadores observados.

- c) Testar os efeitos da experiência dos treinadores sobre as Atitudes face à prática desportiva, as Orientações para a Realização de Objectivos e as Percepções do comportamento do treinador expressas pelos atletas das equipas orientadas pelos treinadores observados.

Capítulo 2

REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo procede-se á revisão da literatura relativa aos grandes temas conceptuais que envolvem a investigação: a moral no desporto, o desporto infanto-juvenil como educação moral, as ecologias do desporto, a tomada de decisão moral e o papel dos agentes socializadores, nomeadamente do treinador. A literatura sobre as questões instrumentais e aplicadas do estudo é revista nos capítulos respectivos, a saber 1, 3, 4, 5 e 6.

2.1. Estudo da moral no desporto: teorias explicativas

Weiss e Smith (2002) apontam o Estruturalismo (de Piaget a Kohlberg) e a Teoria da Aprendizagem Social (segundo Bandura) como as principais teorias explicativas no estudo das questões morais no desporto. Bandura (1991) evoluiu da Teoria da Aprendizagem Social para a Teoria Social Cognitiva (*social cognitive approach*), atribuindo maior peso aos factores cognitivos na mediação para os comportamentos, embora não esquecendo a importância dos processos sociais de aprendizagem, condicionamento, modelagem e reforço (Shields, Bredemeier e Powell, 2002). Para o autor, os comportamentos morais, tal como todos os outros tipos de comportamento, são resultantes de aprendizagens social e culturalmente balizadas. Esta ancoragem na cultura de uma dada sociedade determina o não universalismo das normas morais. Dado que a utilidade social constitui o fim último da aprendizagem moral, é apenas a descrição dos comportamentos morais observáveis que pode ser objecto de investigação científica.

Para Lourenço (2002), a teoria de Bandura é criticável precisamente pelo seu relativismo cultural que resulta em relativismo moral. Esta posição é implicitamente corroborada por Weiss e Ferrer-Caja (2002) quando, revendo a literatura sobre a aplicação de questionários de orientação para a realização de objectivos, põem em evidência as diferenças de padrões de repostas, de acordo com a pertença cultural das amostras. Pelo contrário, Gomes (2005) aponta precisamente ao estruturalismo aplicado à pedagogia e filosoficamente conceptualizado por Kohlberg a pretensão de querer determinar um “perfil desejável” de indivíduo baseado em pressupostos ideológicos. O

desenvolvimentismo que sustenta o acesso aos estádios superiores de juízo moral radicaria na visão liberal do mundo assente na liberdade inata do indivíduo (Kant, 1998; Rawls, 1971), sem ter em conta as condições desiguais dos agentes “naturais” (Bourdieu, 1997) ou os constrangimentos sociais do contexto.

O utilitarismo apontado à Teoria da Aprendizagem Social, que pressuporia que a única abordagem científica possível da moral seria descritiva, levaria a assumir princípios epistemológicos positivistas, que mascarariam um rigoroso conhecimento da realidade (Brustad, 2002; Lourenço, 2002). Brustad (2002) sublinha que a visão positivista pode substituir a epistemologia pelas competências metodológicas, perturbando a visão científica do problema. Na mesma linha, Felz e Kontos (2002) criticam a investigação baseada apenas nas metodologias e na “ritualização da estatística”. Os autores propõem então que as questões a pesquisar sejam abordadas usando múltiplas metodologias. A compatibilidade das abordagens estruturalista e sócio-cognitiva é patente nos estudos, por exemplo, de Kavussanu e Ntoumanis (2003) e de Kavussanu e Spray (2006).

2.2. Valor educativo do desporto

A experiência desportiva de crianças e jovens deveria ser gratificante e perdurar no tempo, devido ao seu valor intrínseco (Kretschmar, 2005). Por seu lado, Kirk (2006) aponta os perigos de justificar a prática desportiva mediante os benefícios para a saúde, o equilíbrio social ou para a economia, argumentando que tal reducionismo reduz dramaticamente o papel educativo do desporto. A validade da afirmação que o desporto representa um treino de competências para a vida, depende da experiência individual de cada atleta que, definitivamente, se constitui o factor crítico (Papacharisis, Goudas, Danish & Theodorakis, 2005). Sob este ponto de vista, a possibilidade de promoção do desportivismo deve ser procurada dentro do próprio processo de treino desportivo e do seu ambiente ecológico e não em qualquer expediente ou estratégia que lhe sejam estranhos (Fraser-Thomas, Côté & Deakin, 2005). Cumpre-se assim o objectivo de Siedentop (2002), que representava a sua Educação Desportiva como um projecto globalizante, que incluía a literacia desportiva, o desenvolvimento de elites, a promoção da saúde e a formação cultural e cívica.

A aprendizagem motora e de carácter constitui deste modo um processo longo, que acompanha todo o período de crescimento e maturação do indivíduo, reestruturando-se e definindo-se continuamente, em função do contexto e das percepções do sujeito (Scanlan, 2002). Segundo a perspectiva desenvolvimentista, o jovem atleta vai progressivamente actualizando e integrando a sua visão do desporto, acompanhando a construção da sua própria identidade pessoal. Passer e Wilson (2002) chamam a atenção para o condicionamento social que vai influenciar as experiências do praticante que por sua vez vão servir de moldura e guia à expressão de emoções, à demonstração de competências motoras e cognitivas e à orientação motivacional. É preciso ter em conta que as expectativas na habilidade motora decrescem com a idade (Rodriguez, Wigfield e Eccles, 2003) e conseqüentemente também a expressão de valores e o interesse na actividade, colocando o problema de manter a motivação e as potencialidades educativas do desporto. No mesmo sentido, Tsorbatsoudis e Emmanouilidou (2005) em estudo com crianças dos 9 aos 13 anos e dentro da Teoria do Comportamento Planeado (*Theory of Planned Behavior*) concluem que nestas idades os comportamentos morais estão menos controlados nos mais novos do que nos adolescentes e em especial nos que praticam desporto competitivo.

Dado que o desenvolvimentismo pretende construir um atleta com perfil desejável, Cassidy, Jones e Potrac (2004) alertam para o perigo de exclusão dos praticantes que não se enquadrem na norma educativa e de promoção do conformismo que tal perfil desejável pode representar. Tendo em conta que os adolescentes tendem a adoptar comportamentos grupais (Stephens, 2000), a uniformização e adequação de condutas a um padrão pré-estabelecido poderia provocar uma diminuição da autonomia do indivíduo e do seu espírito crítico (Lee, 2004), contrária a objectivos pedagógicos e fomentar a expressão de atitudes e condutas subordinadas ao que é politicamente correcto (Marques, 2002). Outro risco pedagógico a ter em conta é o facto, apontado por Wallhead e O'Sullivan (2005), de os jovens praticantes se tornarem mais competentes, instruídos e entusiastas através da sua participação no desporto, mas não terem oportunidade de utilizar essas habilidades no mundo real do desporto de competição, em que outros valores e interesses moldam as oportunidades de intervenção.

2.3 As ecologias do desporto infanto-juvenil e o papel do treinador

Shields e Bredemeier (1995) apontaram o contexto de prática como decisivo para a elevação ou diminuição do nível de juízo moral. Para Bredemeier (1999) as possibilidades de promover o desportivismo estão pendentes das equipas desportivas se assumirem como comunidades morais. Face à participação maciça de crianças e jovens nas actividades desportivas organizadas, tanto federadas como escolares, que abarcam dezenas de milhões de indivíduos em todo o mundo (Seefeldt & Clark, 2002), Conroy e Coatsworth (2006) postulam que o desporto infanto-juvenil constitui o pano de fundo ecológico de desenvolvimento da juventude. Em estudo com alunos de ensino básico nos Estados Unidos, Simpkins, Ripke, Huston e Eccles (2005) concluem que é possível prever a participação desportiva e a satisfação com a prática a partir das ecologias sociais, nomeadamente o estatuto sócio-económico e a envolvência afectiva e cognitiva de adultos significantes e pares.

A configuração do ambiente em que se desenrola a actividade é produto de vários factores e de agentes socializadores diversos, que podem ir dos adultos próximos – famílias, treinadores – aos pares companheiros de equipa. Os agentes socializadores podem representar para os jovens atletas fontes de informações pertinentes, apoios motivacionais, afectivos e cognitivos e fontes de pressão para a obtenção de resultados (Brustad & Partridge, 2002; Geendorfer, Lewko & Rosengren, 2002). Como já foi apontado no capítulo 1, a influência dos outros significantes vai variando à medida que muda a ecologia de prática, nomeadamente a idade e o nível competitivo dos atletas. Na adolescência, em especial a partir dos 12 anos de idade, a figura do treinador atinge uma importância decisiva, chegando a sobrepor-se à influência das famílias (Lee, 1996; Weigand, Carr, Petherick & Taylor, 2001).

O papel decisivo do treinador na criação e manutenção do clima de treino e competição é mediada pelas percepções dos atletas, que interpretam de modo diverso os comportamentos, atitudes e estilos de liderança dos treinadores (Cruz, Boixadós, Valiente, Torregrosa & Mimbreno 1996; Smoll & Smith, 2002; Gilbert & Trudel, 2004; Penney, 2006). As percepções das condutas dos treinadores por parte dos atletas são mais precisas a partir da adolescência e atravessam os vários níveis competitivos e os vários contextos, com impacto não despreciando sobre a motivação e as orientações dos praticantes. Hollembeak e Amorose (2005), em estudo com atletas universitários de vários desportos, concluem que a percepção dos comportamentos do treinador pode

predizer a motivação intrínseca. Conroy e Coatsworth (2004), em estudo com nadadores adolescentes, argumentam que os treinadores têm um efeito significativo no medo de errar dos atletas, com consequências motivacionais. A percepção do comportamento do treinador pode funcionar como preditor do clima motivacional, como afirmam Smith, Fry, Ethington e Li (2005), em estudo com raparigas adolescentes, praticantes de desporto competitivo.

As percepções dos atletas não são uniformes no tempo, nem dentro da própria equipa. May (2001), em estudo etnográfico com jogadores de basquetebol adolescentes, observa que os jogadores e os treinadores filtram as noções de desportivismo através dos contextos do jogo, da filosofia do treinador face à conduta do jogador e da realidade social quotidiana dos atletas. Estes usam os contextos para definir os comportamentos desportivos adequados, face a dilemas de situações dúbias, em que os jovens devem ponderar os frequentemente contraditórios objectivos de vitória relativamente às mutantes definições de desportivismo.

2.4. Orientação para a realização de objectivos e clima motivacional

Foi referida no capítulo 1 a importância dos construtos relacionados com a motivação no desporto infanto-juvenil, tanto na sua função energética, como na sua relação com as questões educativas e morais. A tradução do conceito motivação para a realidade complexa do jovem no desporto, tem sido objecto de várias abordagens teóricas que, apesar de partirem de pontos de vista diversos, exibem notável proximidade filosófica. Vallerand (2001) e Vallerand e Grouzet (2001) propõem o Modelo Hierárquico de Motivação Intrínseca e Extrínseca, em que as influências do clima ecológico se desdobram em níveis subordinados, desde o contexto social até ao contexto de equipa, passando pelo filtro do contexto intermédio, de clube ou de escola. O modelo de Vallerand relaciona-se nos seus pressupostos com o modelo hierárquico de Lee (1996), sendo patentes as afinidades entre as escalas propostas pelos dois autores: o MSOS-25 (Vallerand, Brière, Blanchard & Provencher, 1997) e o SAQ (Lee & Whitehead, 1999).

A Teoria da Auto-Determinação (Ryan & Deci, 2000) propõe também um modelo integrador que permita compreender e otimizar a participação dos jovens no

desporto. Os autores partem do princípio que os indivíduos integram uma actividade para se sentirem competentes, afectivamente satisfeitos e socialmente aceites. Se estes pressupostos não forem cumpridos, a experiência desportiva não poderá ser gratificante e motivacionalmente positiva.

A Teoria de Realização de Objectivos (Nicholls, 1989) que, pode ser denominada de orientação motivacional, constitui um modelo que possui a vantagem de se assumir como um elo estreito entre o construto teórico, o indivíduo e o meio ambiente (ver capítulo 5, ponto 3). Embora os estudos que relacionem a Teoria de Realização de Objectivos e as questões morais no desporto não sejam abundantes (Duda, 2001; Roberts, 2001), torna-se possível discernir um padrão conceptual em que a orientação para a *tarefa* e para o *ego* se apresentam como indicadores pertinentes de expressão de atitudes ou de adopção de comportamentos morais.

Papaioannou, Marsh e Theodorakis (2004), em estudo com adolescentes atletas, concluem que as orientações disposicionais se correlacionam significativamente com o ambiente de equipa. Gano-Overway, Guivernau, Magyar, Waldron e Ewing (2005), em estudo com raparigas voleibolistas adolescentes e utilizando a escala de atitudes MSOS-25 (Vallerand, Briere, Blanchard & Provencher, 1997) encontram evidências de relações entre as orientações disposicionais e o desportivismo: o respeito pelo jogo dependendo da orientação para a tarefa. Ao nível mais geral da equipa, a percepção do clima é mais matizada, embora a orientação para a tarefa favoreça o desportivismo. Também em estudo com atletas adolescentes, Newton, Watson, Kim e Beacham (2006) sugerem que a orientação para a tarefa e o clima motivacional se correlacionam com o respeito pelos outros e com a responsabilidade pessoal.

Todavia, é preciso ter em conta que as orientações disposicionais não constituem características pessoais estáticas. Conroy, Coatsworth e Fifer (2005) afirmam que as orientações para a tarefa e ego são dinâmicas e dependem da experiência do atleta, em estreita relação com a idade. Para Gernigon, D'Arripe-Longueville, Delignières e Ninot (2004), que aplicaram questionários e entrevistaram 2 judocas adultos, as orientações disposicionais variam com a ecologia do treino e com o contexto de acção.

O papel do treinador revela-se aqui fundamental. Watson, Newton e Kim (2003), em pesquisa com jovens nadadores, concluem que a manipulação do clima de treino no sentido de orientação para a tarefa conduz a melhor aceitação de valores positivos. Por seu turno, Weiss e Weiss (2007), ao estudarem raparigas ginastas de competição, avaliam quão importante é a pressão social do treinador em certas idades e as suas consequências para o desportivismo e o bem estar das atletas. Theodosiu e Papaioannou (2005), em estudo com alunos do ensino básico, sublinham importância da tarefa e do clima de tarefa para o envolvimento nas actividades extra-escolares, nomeadamente desportivas, e para aceitar valores positivos.

Torna-se porém necessário enfatizar a complexidade das orientações para a realização de objectivos e as suas múltiplas relações com o desportivismo, bem como todas as consequências que tal complexidade implica para o trabalho com os jovens. Conroy, Elliot e Hofer (2003), referem a complexidade das orientações disposicionais e as suas implicações para a motivação. Bengoechea e Streat (2007) chamam a atenção para o contexto complexo da motivação, com múltiplas fontes de apoio, pressão ou informação por parte de vários agentes socializadores. Sage, Kavussanu e Duda (2006), em estudo com futebolistas adultos reforçam as evidências do papel das orientações como preditoras do funcionamento moral, mas previnem que a relação entre as variáveis motivacionais e morais é complexa e é preciso considerar a interacção entre orientação para a tarefa e para o ego e se uma delas modera a influência da outra sobre as variáveis morais. Para Smith, Balaguer e Duda (2006), a complexidade das orientações sugere a importância de determinar *clusters* de orientação mas, ao mesmo tempo, os autores, tal como Harwood, Cumming e Fletcher (2004) interrogam-se sobre as consequências práticas do conhecimento dos *clusters*?

As orientações para a realização de objectivos correlacionam-se igualmente com outros construtos próximos do desportivismo (Dunn, Dunn & Syrotuik, 2002) e demonstram maior aptidão para funcionarem como preditores de empenho na prática desportiva e de desportivismo (McDonough & Crocker, 2005) do que a amizade dentro da equipa ou a competência motora. Para Griffin, Brooker e Patton (2005), os treinadores devem conhecer a teoria da orientação de objectivos para melhor ensinar o gosto pelo desporto.

Capítulo 3

CONSIDERAÇÕES INSTRUMENTAIS

3.1. Introdução: estudos prévios e enquadramento conceptual

Partindo da conceptualização de Schwarz, e respondendo a solicitações do *Conselho da Europa e do “Sports Council” do Reino Unido*, um grupo de investigadores de vários países europeus, liderado por Lee, procurou criar e validar um questionário para “medir” os valores no desporto infanto-juvenil.

A partir de entrevistas com jovens praticantes (15-20 anos) de futebol e ténis, em que eram colocados aos respondentes dilemas morais na respectiva modalidade desportiva, Lee & Cockman (1991) identificaram 18 valores definidos como “expressões adultas de constructos psicológicos” (Lee, 1996). De forma a aferir a relevância e a inteligibilidade dos 18 valores para a população-alvo, foram realizadas novas entrevistas, recorrendo à técnica dos Grupos Focais, com 3 a 5 elementos. Os sujeitos foram 50 praticantes de desporto federado, dos 11 aos 17 anos de idade, alunos de 5 escolas do Sul de Inglaterra. O objectivo dos grupos era fomentar a discussão entre os jovens, de modo a clarificar e tornar perceptíveis os conceitos e os respectivos descritores. Os valores melhor compreendidos pelos jovens foram “saúde e boa forma” e “obediência”, enquanto que aqueles que mais dificuldades causaram foram “respeito pelos compromissos”, “auto-aperfeiçoamento” e “coesão da equipa”. Os resultados obtidos nos grupos focais foram analisados por 3 investigadores com grande experiência, que seleccionaram as frases que melhor descreveriam os valores e que seriam mais acessíveis à compreensão dos jovens respondentes.

Os 18 itens resultantes são estruturados em dois formatos. O formato A usava a frase “Quando pratico desporto é importante para mim...” seguido da descrição do valor. O formato B usava a descrição de uma pessoa cuja actividade representasse o valor e com quem o jovem respondente se identificasse. Os dois formatos do questionário utilizavam uma escala de 7 pontos, (em que -1 significa “Esta ideia é o contrário daquilo em que eu acredito”, 0 “Esta ideia não é importante para mim” e 5 “Esta ideia é extremamente importante para mim”) e foram aplicados a uma amostra de 453 atletas

(253 rapazes e 200 raparigas) dos 12 aos 16 anos de idade. O formato A foi preferido devido à sua simplicidade e à menor dispersão de respostas face ao formato B.

De seguida testaram-se descrições alternativas para cada valor junto da faixa etária mais jovem da amostra, pressupondo que seriam os mais novos que teriam maiores dificuldades se os itens não fossem claros. Daqui foram retidas as frases com melhores indicadores estatísticos e foi fixada a versão definitiva do questionário. A versão final do YSVQ-1 (*Youth Sport Values Questionnaire – version 1*) foi aplicada a 1391 atletas (647 rapazes, 728 raparigas e 16 sem identificação de género), dos 12 aos 18 anos de idade e provenientes de zonas urbanas e não urbanas de Inglaterra (Lee *et al.*, 2000). Desta amostra é extraída outra, de 614 indivíduos (282 rapazes, 318 raparigas e 4 sem identificação de género), considerada mais representativa dos desportos praticados, das idades e do nível de prática.

Com o objectivo de descrever os valores percebidos pelos jovens atletas portugueses face à sua prática desportiva, comparar os resultados com os obtidos através da aplicação do mesmo questionário no Reino Unido e analisar a estrutura factorial do instrumento com vista ao seu aperfeiçoamento para utilização em futuros estudos, o questionário YSVQ-1 foi aplicado a uma amostra de 182 basquetebolistas masculinos, dos 13 aos 16 anos de idade, praticantes em clubes dos distritos de Aveiro, Coimbra e Lisboa (Gonçalves, Coelho e Silva & Lee, 2004). Os resultados mostraram as médias dos basquetebolistas como sendo claramente mais elevadas do que as obtidas no estudo de Lee *et al.* (2000), o que é de certa forma surpreendente. A ordenação dos vários itens conforme as respostas dos jovens portugueses e ingleses destacou o item “sinto-me bem e divirto-me” em primeiro lugar por ambos os grupos. Os basquetebolistas portugueses conferem ao item “quero ganhar” uma importância relativa que os ingleses negligenciam (último lugar). Com base na mesma amostra, recorreu-se à análise de componentes principais para tentar obter uma solução mais económica de valores no desporto. A estrutura factorial revelou-se pouco clara, não tendo permitido identificar as dimensões propostas por Lee, Whitehead e Balchin (2000).

Posteriormente à aplicação da primeira versão do questionário de valores, Lee e Whitehead (2002) sentiram a necessidade de introduzir alterações no instrumento. A

razão principal foi a verificação de um modelo teórico de três factores, correspondentes a três “tipos de valores”: “Moral”, “Competência” e “Estatuto”. Para tal, são acrescentados novos itens com o objectivo de aumentar a amplitude dos factores “Competência” e “Estatuto” e complementar os itens já existentes do factor “Moral”. Ao mesmo tempo, são eliminados itens com o fim de melhorar a independência dos factores “Moral” e “Competência”. Por conseguinte, a segunda versão do YSVQ passa de 18 para 26 itens. O YSVQ-2 é aplicado em Inglaterra a uma amostra de 549 atletas de vários desportos (317 rapazes e 232 raparigas), com idades entre os 13 e os 16 anos. Do estudo resulta a confirmação do modelo de três factores (RMSEA <.05), utilizando 10 itens.

Tendo em conta os resultados obtidos com a aplicação da primeira versão do YSVQ, em que a amostra era apenas de rapazes, pertencia a uma única modalidade desportiva e em contexto federado, os objectivos do presente trabalho focaram-se no estudo dos efeitos do género, contexto de prática e tipo de desporto sobre os valores expressos pelos jovens praticantes através da aplicação do YSVQ-2. Apesar de, em estudo anterior com amostra semelhante (Gonçalves, Cardoso, Freitas, Lourenço, & Coelho e Silva, 2005), se terem revelado diferenças entre a estrutura factorial obtida no Reino Unido e em Portugal (o factor *moral* mostrou-se ambíguo para os jovens portugueses), foi considerado que o instrumento poderia continuar a ser utilizado na investigação dos fundamentos das decisões morais no desporto infanto-juvenil (Whitehead, Lee & Hatzigeorgiadis, 2003)

3.2. Metodologia

Tradução do Youth Sport Values Questionnaire-2

O *Youth Sport Values Questionnaire-2* (YSVQ-2, Lee e Whitehead, 2002) engloba 26 itens e pretende avaliar os valores face ao desporto, constituindo um aperfeiçoamento da primeira versão, de 18 itens, de Lee (1996). A tradução do questionário adoptou os seguintes passos:

- a) Constituição de um painel de 5 peritos com formação avançada em ciências do desporto, leitores habituais de bibliografia científica em língua inglesa, com

experiência de missões de estudo no estrangeiro e/ou frequência de congressos científicos em língua inglesa com apresentação de comunicações;

b) Constituição de outro painel de 5 licenciados em línguas e literatura inglesa ou títulos correlatos e com especialização em técnicas de tradução.

c) Análise do trabalho efectuado pelos dois painéis de peritos, escolhendo o item candidato à escala final. Esta tarefa foi efectuada por um doutorado em Ciências do Desporto, bolseiro por um semestre em universidade dos Estados Unidos da América e por um elemento do Instituto do Desporto de Portugal, licenciado em Educação Física, com vasta experiência na tradução de artigos de ciências do desporto para a revista *Treino Desportivo*.

Nos anexos 1 e 2 apresentam-se as versões original em Inglês e a versão final em Português respectivamente

Procedimentos

Com base numa versão adaptada para língua portuguesa do “*Youth Sport Values Questionnaire – YSVQ-2*”, de acordo com os procedimentos descritos em Gonçalves, Cardoso, Freitas, Lourenço, Coelho e Silva (2005) e na sequência de um protocolo estabelecido entre o *Centro de Estudos do Desporto Infanto-Juvenil* (unidade científico pedagógica da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra) e a estrutura administrativa do Desporto Escolar da Direcção Regional de Educação do Centro, foram examinados os efeitos do género (masculino x feminino), contexto de prática desportiva (desporto escolar x desporto federado) e tipo de modalidade (individual x colectiva) sobre os valores no desporto de jovens.

A amostra foi constituída por 489 sujeitos (248 rapazes, 241 raparigas), com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos. Os jovens eram praticantes das seguintes modalidades: andebol (n=29), atletismo (n=29), badminton (n=7), basquetebol

(n=97), canoagem (n=3), futebol (n=89), ginástica (n=26), hóquei em patins (n=10), natação (n=68), remo (n=19), ténis de mesa (n=30), voleibol (n=30), perfazendo 258 de modalidades colectivas e 231 de modalidades individuais.

Tratamento estatístico

Neste ponto abordam-se as técnicas e análise estatística que foram utilizadas tanto neste capítulo, para o estudo das Atitudes face à prática desportiva e das Orientações para a Realização de Objectivos, como no capítulo 5, para testar a sensibilidade ecológica dos construtos Atitudes face à prática desportiva e Orientações para a Realização de Objectivos relativamente às variáveis independentes.

Análise factorial

A análise factorial pode ser conduzida no modo exploratório ou no modo confirmatório. No primeiro tipo de análise, procura-se descrever e sintetizar os dados agrupando as variáveis que se encontram correlacionadas entre si. As variáveis podem ou não ter sido seleccionadas na expectativa de encontrar uma estrutura latente. A análise confirmatória limita-se a rejeitar ou aceitar um modelo de agregação das variáveis aprioristicamente estabelecido. A técnica testa a consistência entre os dados e o modelo teórico.

Análise factorial exploratória

Sumariamente, a análise factorial exploratória visa a obtenção de uma solução parcimoniosa de factores capazes de reduzir o número inicial de variáveis (Disch, 1989). A técnica procura responder às seguintes questões:

- *Quantos factores estão incluídos num conjunto inicial de variáveis?*
- *Que interpretação para os factores?*
- *Que porções da variância são explicadas por cada um dos factores?*

A amostra deve exibir amplitude de variação suficiente para que a extracção de factores seja possível. Caso contrário, não existe nada para analisar. As séries de dados devem possuir um mínimo de sujeitos. Uma amostra de 50 sujeitos é muito fraca, 100 é

fraca, 200 é razoável, 300 é boa e 500 é muito boa (Tabachnick & Fidell, 1996). Por fim, as medidas devem ser fiáveis. A deficiente qualidade dos dados afecta a magnitude das correlações e, por conseguinte, as próprias cargas factoriais.

Numa boa análise factorial, uma elevada percentagem da variância do conjunto inicial de variáveis é explicada pelos primeiros factores. A inclusão de factores adicionais aumenta a porção de variância explicada. Contudo, o aumento do número de factores pode comprometer o próprio objectivo da técnica, ou seja, diminuir a parcimónia da solução final. Teoricamente, é possível extrair tantos factores quantas as variáveis na solução inicial. Na prática, é frequente adoptar-se um valor critério de 1.0 para incluir os *eigenvalues* na solução factorial. De acordo com Tabachnick & Fidell (1996), o número de factores deverá situar-se entre o número de variáveis a dividir por 5 e o número de variáveis a dividir por 3.

A primeira componente principal é a combinação linear de variáveis que maximiza a variância extraída pela componente. A segunda componente é formada a partir da matriz de valores residuais e corresponde à combinação linear de variáveis que extrai a máxima variância não correlacionada com a primeira componente. As componentes subsequentes continuam a extrair o máximo de variância a partir de matrizes de valores residuais e caracterizam-se por não estarem correlacionadas com as componentes previamente extraídas. Pela forma como as componentes são extraídas, ficam ordenadas de forma decrescente em função dos *eigenvalues* e da percentagem de variância explicada.

A correlação entre uma variável e um factor é denominada carga factorial (*factor loading*). A partir da magnitude das cargas factoriais, as variáveis que estão mais relacionadas com um factor são usadas como variáveis marcadoras desse factor. Se mais que duas variáveis têm carga num factor, este é designado factor de um grupo. Se o número de variáveis correlacionadas com um factor for muito elevado, estamos na presença de um factor geral. Se apenas duas variáveis tiverem carga factorial no factor, este é considerado um duo (melhor tradução encontrada para *doublet*). Se apenas uma variável está substancialmente associada a um factor, então designa-se factor específico. Uma variável pura está apenas correlacionada com um factor, enquanto uma variável complexa associa-se a diversos factores. Uma variável com valor muito baixo de

comunalidade (tradução do inglês *communality*) é considerada uma variável isolada (em inglês *outlier*), sendo geralmente ignorada.

Uma decisão crítica para interpretar os factores prende-se com a classificação do conceito de carga factorial substancial. No presente estudo, considerámos o valor crítico de 0.40 para incluir uma variável num determinado factor. Disch (1989) sugere duas opções: a adopção de um valor critério mínimo de 0.30 ou, em alternativa, a fixação das variáveis ao factor em que tem carga mais elevadas.

Outro passo na análise factorial consiste em saber se os factores devem ser submetidos a uma rotação ou se devem permanecer no seu espaço geométrico natural. A rotação de factores é um processo que pretende tornar mais fácil a interpretação dos factores, sem alterar as suas propriedades matemáticas. A mais popular das rotações ortogonais é a *varimax* (ou *Kaiser rotation*). Esta rotação maximiza as correlações mais elevadas e minimiza as cargas factoriais mais baixas (Disch, 1989).

Análise factorial confirmatória

Na análise factorial confirmatória a relação entre os itens e as variáveis latentes expressa-se pela equação:

$$V = \rho F + \sigma$$

Em que V é a variável observada (item), ρ corresponde à correlação entre a variável latente e o item, ou parâmetro estimado, F o factor e σ o erro de medida.

Em primeiro lugar, determina-se o coeficiente de Mardia-Based Kappa para verificar os pressupostos de aplicação das equações lineares estruturais. O recurso a este procedimento de análise exige a normalidade de distribuição e a fiabilidade das medidas.

Para a avaliação da qualidade do ajustamento global dos modelos de medida investigados decidimos recorrer aos critérios que mais frequentemente têm sido referidos na literatura internacional referente à validação de instrumentos de avaliação psicológica em contexto desportivo (Fonseca, 1999). O qui-quadrado, a raiz quadrada

média residual (SRMR – *standardized root mean square residual*), o índice de bondade de ajustamento (GFI – *goodness of fit index*), o índice de bondade de ajustamento ajustado (AGFI – *adjusted goodness of fit index*) e o índice comparativo do ajustamento (CFI - *compative fit index*).

O GFI e AGFI são medidas das variâncias e covariâncias explicadas pelo modelo. Os seus valores oscilam entre 0 e 1, sendo 0.90 considerado empiricamente como o valor de corte para aceitação ou rejeição do modelo (Chi & Duda, 1995; Maia, 1996). O outro indicador da qualidade do ajustamento refere-se aos resíduos. A SRMR é a raiz quadrada das médias das variâncias e covariâncias residuais. Em caso de perfeito ajustamento entre o modelo investigado e os dados, o valor seria zero. Valores inferiores a 0.05 são considerados desejáveis (Byrne, 1989; Byrne, 1998; Joreskog & Sorborn, 1989), embora outros autores (McAuley et al., 1989; Rupp & Segal, 1989) consideram igualmente como aceitáveis o intervalo 0.05-0.10.

Para a AFE foi utilizado o programa SPSS, versão 12.0, enquanto que para a AFC foi utilizado o programa EQS, versão 5.7.

3.3. Resultados

3.3.1. Valores: *Youth Sport Values Questionnaire*

Na tabela 1 apresentam-se os resultados do efeito das variáveis independentes sobre os valores do YSVQ-2. Observa-se que, na grande maioria dos itens do questionário, as variáveis independentes não operam qualquer efeito discriminante sobre as respostas dos jovens atletas.

No que respeita ao género, as diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas centram-se quase em exclusivo nos itens que marcam a dimensão “estatuto”: item 5 “mostrar que sou melhor que os outros”, item 7 “vencer ou derrotar os outros”, item 13 “ser um líder do grupo”, item 23 “ganhar”. Em relação aos outros itens, as diferenças de género ou não existem ou são de reduzida amplitude.

O contexto desportivo diferencia claramente o Desporto Escolar do Desporto Federado também em itens preponderantemente relacionados com o estatuto pessoal:

item 5 “mostrar que sou melhor que os outros”, item 13 “ser um líder do grupo”, item 18 “ter bom aspecto”, item 23 “ganhar”. Curiosamente os atletas escolares e federados diferenciam-se também em item ligado a uma dimensão *moral* (item 14 “aceitar os pontos fracos dos outros”).

O tipo de desporto diferencia os praticantes tanto em itens relacionados com as dimensões *moral* (item 14 “aceitar os pontos fracos dos outros”), como com o estatuto pessoal (item 23 “ganhar”) ou com a competência (item 16 “melhorar como jogador”).

Ao observarmos as médias estimadas para cada item, por variável independente (Tabela 2), é patente a semelhança do padrão de respostas. As tendências de aceitação/rejeição dos diversos valores não revelam discrepâncias gritantes nas respostas dos jovens praticantes, sugerindo que o género, o contexto de prática ou o tipo de desporto não possuem efeitos que provoquem um reordenamento do sistema de valores.

Tabela 1. Resultados da MANOVA factorial para testar simultaneamente os efeitos do género, contexto de prática desportiva e tipo de modalidade sobre os itens do Questionário de Valores face ao Desporto (YSVQp-2).

		Género		Contexto		Tipo modalidade	
		F	p	F	p	F	p
1	Não desiludir as pessoas	0.530	n.s.	0.002	n.s.	0.368	n.s.
2	Sentir uma grande satisfação quando estou a jogar	0.662	n.s.	2.471	n.s.	0.174	n.s.
3	Dar o meu melhor	0.198	n.s.	2.256	n.s.	2.007	n.s.
4	Dar-me bem com toda a gente	0.595	n.s.	4.625	*	0.552	n.s.
5	Mostrar que sou melhor que os outros	25.103	**	10.880	**	0.000	n.s.
6	Tentar ser honesto	0.922	n.s.	0.040	n.s.	2.045	n.s.
7	Vencer ou derrotar os outros	10.577	**	5.337	*	3.849	*
8	Melhorar o meu desempenho	0.039	n.s.	0.023	n.s.	0.282	n.s.
9	Cumprir o que me dizem para fazer	0.005	n.s.	0.036	n.s.	2.402	n.s.
10	Fazer desporto para estar em forma	3.079	n.s.	5.421	*	0.568	n.s.
11	Executar correctamente as técnicas	0.001	n.s.	3.904	*	0.098	n.s.
12	Mostrar espírito desportivo	0.255	n.s.	0.006	n.s.	0.956	n.s.
13	Ser um líder do grupo	34.601	**	30.546	**	1.758	n.s.
14	Aceitar os pontos fracos dos outros	1.406	n.s.	7.236	**	9.247	**
15	Sentir-me bem e divertir-me	0.113	n.s.	0.211	n.s.	0.687	n.s.
16	Melhorar como jogador	0.722	n.s.	0.013	n.s.	7.475	**
17	Procurar fazer com que todos estejamos unidos	0.173	n.s.	0.615	n.s.	3.969	*
18	Ter bom aspecto	2.804	n.s.	16.464	**	0.011	n.s.
19	Jogar sempre com correcção	0.298	n.s.	0.168	n.s.	1.007	n.s.
20	Sair e divertir-me com os meus companheiros de equipa	0.275	n.s.	2.242	n.s.	0.634	n.s.
21	Utilizar bem as minhas capacidades técnicas	1.132	n.s.	0.580	n.s.	1.217	n.s.
22	Ter competições estimulantes	0.864	n.s.	0.109	n.s.	4.290	*
23	Ganhar	3.978	*	7.976	**	12.502	**
24	Ajudar os outros quando precisam	5.052	*	0.185	n.s.	4.510	*
25	Estabelecer os meus próprios objectivos	1.729	n.s.	0.467	n.s.	0.446	n.s.
26	As pessoas reconhecerem o meu esforço	0.920	n.s.	0.146	n.s.	0.572	n.s.

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

Existem todavia diferenças que merecem análise mais detalhada. As raparigas apresentam uma maior valorização do que os rapazes dos valores relacionados com a

competência, a prática correcta ou a sociabilidade (item 3, “dar o meu melhor”; item 6, “tentar ser honesto”; item 24, “ajudar os outros quando precisam”). Em contrapartida, os rapazes tendem a dar maior importância ao estatuto pessoal ou aos aspectos competitivos (item 5, “mostrar que sou melhor que os outros”; item 18 “ter bom aspecto”; item 23, “ganhar”). Estes resultados estão de acordo com estudos anteriores (Lee, Whitehead & Balchin, 2000; Duda, 2001; Roberts, 2001), que apontam os mesmos tipos de orientação diversificados, tanto para rapazes como para raparigas.

Tabela 2. Médias estimadas dos grupos gerados pelas variáveis género, contexto e tipo de modalidade no questionário de valores no desporto (YSVQp-2).

		Género		Contexto		Tipo modalidade	
		Mas	Fem	Esc	Fed	Ind	Col
1	Não desiludir as pessoas	3.75	3.86	3.80	3.81	3.76	4.85
2	Sentir uma grande satisfação quando estou a jogar	4.34	4.25	4.21	4.38	4.27	4.32
3	Dar o meu melhor	4.57	4.61	4.53	4.65	4.53	4.64
4	Dar-me bem com toda a gente	4.28	4.36	4.21	4.42	4.35	4.28
5	Mostrar que sou melhor que os outros	2.74	1.78	2.57	1.94	2.26	2.26
6	Tentar ser honesto	4.21	4.30	4.25	4.27	4.18	4.33
7	Vencer ou derrotar os outros	3.75	3.23	3.67	3.30	3.33	3.64
8	Melhorar o meu desempenho	4.48	4.50	4.49	4.50	4.47	4.51
9	Cumprir o que me dizem para fazer	4.31	4.31	4.32	4.30	4.24	4.38
10	Fazer desporto para estar em forma	4.18	3.95	4.21	3.91	4.11	4.01
11	Executar correctamente as técnicas	4.22	4.22	4.12	4.32	4.21	4.24
12	Mostrar espírito desportivo	4.35	4.40	4.37	4.38	4.32	4.43
13	Ser um líder do grupo	2.99	1.91	2.95	1.94	2.33	2.57
14	Aceitar os pontos fracos dos outros	3.88	3.71	3.98	3.61	3.58	4.01
15	Sentir-me bem e divertir-me	4.50	4.53	4.49	4.54	4.48	4.55
16	Melhorar como jogador	4.57	4.50	4.53	4.54	4.43	4.64
17	Procurar fazer com que todos estejamos unidos	4.39	4.43	4.48	4.38	4.32	4.50
18	Ter bom aspecto	3.54	3.26	3.74	3.06	3.41	3.39
19	Jogar sempre com correcção	4.17	4.22	4.22	4.18	4.15	4.25
20	Sair e divertir-me com os meus companheiros de equipa	4.12	4.06	4.18	4.01	4.14	4.05
21	Utilizar bem as minhas capacidades técnicas	4.34	4.25	4.26	4.33	4.25	4.35
22	Ter competições estimulantes	4.05	3.95	3.98	4.02	3.89	4.11
23	Ganhar	3.95	3.66	4.01	3.60	3.55	4.06
24	Ajudar os outros quando precisam	4.16	4.39	4.25	4.30	4.17	4.38
25	Estabelecer os meus próprios objectivos	4.15	4.28	4.18	4.25	4.18	4.25
26	As pessoas reconhecerem o meu esforço	4.07	3.96	4.03	3.99	4.06	3.97

Os atletas de modalidades colectivas parecem mais interessados na competição e vitória do que os seus pares de modalidades individuais (item 23 “ganhar”, item 22 “ter competições estimulantes”), o que está de acordo com os resultados obtidos por Lee *et al* (2000). Ao mesmo tempo, os praticantes de desportos de equipa apresentam resultados mais elevados e estatisticamente significativos nos itens relacionados com a sociabilidade/tolerância (item 24 “ajudar os outros quando precisam”, item 14 “aceitar os pontos fracos dos outros”) e com as competências técnicas (item 16 “melhorar como jogador”), o que está de acordo com as interacções pessoais que, teoricamente, são geradas no seio da equipa, favorecendo o espírito de entreajuda.

Por seu lado, os atletas do Desporto Escolar parecem conferir maior importância às questões relacionadas com o “estatuto” do que os seus pares do Desporto Federado (item 5 “mostrar que sou melhor que os outros”, item 13 “ser o líder do grupo”, item 18 “ter bom aspecto”), o que contraria a opinião que atribui ao contexto do Desporto Escolar maior ênfase sobre os aspectos educativos na prática desportiva.

Também o item 11 “executar correctamente as técnicas” é mais valorizado pelos praticantes de Desporto Federado do que pelos seus pares do Desporto Escolar. Este facto poderá ter a ver com a menor estruturação e formalismo dos treinos e das competições no Desporto Escolar, com menor exigência relativamente ao desempenho motor.

Tabela 3. Análise de componentes principais do YSVQ-2, forçando 3 factores. Comunalidades e cargas factoriais após rotação *varimax*.

		Comunalidades	F1	F2	F3
1	Não desiludir as pessoas	.24	.47		
2	Sentir uma grande satisfação quando estou a jogar	.44	.61		
3	Dar o meu melhor	.52	.71		
4	Dar-me bem com toda a gente	.40	.56		
5	Mostrar que sou melhor que os outros	.56		.73	
6	Tentar ser honesto	.27	.51		
7	Vencer ou derrotar os outros	.56		.72	
8	Melhorar o meu desempenho	.46	.64		
9	Cumprir o que me dizem para fazer	.47	.60		
10	Fazer desporto para estar em forma	.49			.63
11	Executar correctamente as técnicas	.49	.51		.48
12	Mostrar espírito desportivo	.34	.51		
13	Ser um líder do grupo	.57		.68	
14	Aceitar os pontos fracos dos outros	.33			.49
15	Sentir-me bem e divertir-me	.41	.49		.42
16	Melhorar como jogador	.55	.72		
17	Procurar fazer com que todos estejamos unidos	.45	.64		
18	Ter bom aspecto	.54		.65	
19	Jogar sempre com correcção	.46	.63		
20	Sair e divertir-me com os meus companheiros de equipa	.47			.61
21	Utilizar bem as minhas capacidades técnicas	.56	.72		
22	Ter competições estimulantes	.38	.55		
23	Ganhar	.58		.68	
24	Ajudar os outros quando precisam	.46	.57		
25	Estabelecer os meus próprios objectivos	.47	.64		
26	As pessoas reconhecerem o meu esforço	.37			.41
		Eigenvalues	6.46	2.89	2.51
		% Variância	24.8	11.1	9.7
		α - Cronbach	0.74	0.72	0.52

Análise factorial exploratória

Na análise de componentes principais foram utilizadas duas metodologias. A primeira, forçando três factores, de acordo com o proposto por Lee & Whitehead (2002), como consta da Tabela 3. A segunda, sem forçar o número de factores, tal como mostra a Tabela 4. Em qualquer dos casos é possível identificar as dimensões “Competência” (F1) e “Estatuto” (F2). Todavia, o terceiro factor permanece de difícil interpretação,

dada a agregação de itens problemáticos e que se assemelha ao factor designado por “Sociabilidade/Tolerância” na análise dos resultados do YSVQ-1 (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004). A dimensão *Moral*, referenciada por Lee & Whitehead não é identificada neste estudo. A Tabela 4 é, neste caso, bastante explícita. Tal como resultou dos dados do estudo com o YSVQ-1 (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004a), também neste caso surgem cinco factores de difícil interpretação e com numerosos itens problemáticos.

A Tabela 5 apresenta os itens com maior carga factorial nos três factores emergentes e revela-se a dificuldade de definir o terceiro factor, que agrega itens que dificilmente poderão ser conceptualmente agrupados, em especial se relacionados com o modelo originalmente proposto pelos autores do instrumento e resultante da sua aplicação no Reino Unido.

Tabela 4. Análise de componentes principais do YSVQ-2, sem forçar o número de factores. Comunalidades e cargas factoriais após rotação *varimax*.

		Comunalidades	F1	F2	F3	F4	F5
1	Não desiludir as pessoas	.27					
2	Sentir uma grande satisfação quando estou a jogar	.50	.64				
3	Dar o meu melhor	.54	.58				
4	Dar-me bem com toda a gente	.47	.62				
5	Mostrar que sou melhor que os outros	.59			.75		
6	Tentar ser honesto	.48	.66				
7	Vencer ou derrotar os outros	.61			.73		
8	Melhorar o meu desempenho	.56	.58				
9	Cumprir o que me dizem para fazer	.59	.54				.47
10	Fazer desporto para estar em forma	.68					.71
11	Executar correctamente as técnicas	.58	.46				.56
12	Mostrar espirito desportivo	.42					.45
13	Ser um líder do grupo	.62			.74		
14	Aceitar os pontos fracos dos outros	.47	.43			.50	
15	Sentir-me bem e divertir-me	.54				.56	
16	Melhorar como jogador	.64		.74			
17	Procurar fazer com que todos estejamos unidos	.49		.53			
18	Ter bom aspecto	.61			.60		
19	Jogar sempre com correcção	.55		.64			
20	Sair e divertir-me com os meus companheiros de equipa	.63				.68	
21	Utilizar bem as minhas capacidades técnicas	.63		.66			
22	Ter competições estimulantes	.54		.45			
23	Ganhar	.60		.47	.61		
24	Ajudar os outros quando precisam	.48	.53				
25	Estabelecer os meus próprios objectivos	.49	.54				
26	As pessoas reconhecerem o meu esforço	.42				.41	
		Eigenvalues	4.11	3.27	2.80	1.99	1.82
		% Variância	15.8	12.6	10.8	7.6	7

Implicações para a organização do treino de jovens

Ao pretender estudar o valor educativo do desporto e a sua relevância moral para a população jovem portuguesa entre os 13 e os 16 anos, o presente estudo partiu de pressupostos teóricos de ordem filosófica e ideológica e de ordem metodológica.

A hipótese fundamental assenta nas virtualidades do Desporto como meio pedagógico, que poderá influenciar as disposições, as convicções e os comportamentos dos participantes. No domínio da prática infanto-juvenil, e especificamente no que respeita às questões de ética, o favorecimento de valores socialmente positivos constituiria um dos factores de sucesso da passagem de uma substancial parte dos jovens pela actividade desportiva organizada e competitiva. O tema assumiu uma relevância premente no seio das mudanças sociais (e necessariamente também no Desporto) induzidas pela transição para a Sociedade da Informação (Castells, 2003). Como corolário, considera-se que é a organização e conteúdo da prática que conferem qualidade “pró-social” ao Desporto de crianças e jovens dado que, só por si, o treino e a competição não favorecem o desenvolvimento de comportamentos desejáveis.

Tabela 5. Agregação dos itens do YSVQ-2 nas dimensões extraídas

		Loadings	α se item eliminado	α –Cronbach todos os itens
F1	3- Dar o meu melhor	.71	0.68	.74
	16- Melhorar como jogador	.72	0.66	
	21- Utilizar bem as minhas capacidades técnicas	.72	0.61	
F2	5- Mostrar que sou melhor que os outros	.73	0.66	.72
	7- Vencer ou derrotar os outros	.72	0.65	
	13- Ser o líder do grupo	.68	0.65	
	23- Ganhar	.68	0.69	
F3	10- Fazer desporto para estar em forma	.63	0.43	.52
	14- Aceitar os pontos fracos dos outros	.49	0.49	
	20- Sair e divertir-me com os meus companheiros de equipa	.61	0.36	

Os resultados revelaram uma acentuada orientação pró-social ao nível dos Valores expressos pela generalidade dos respondentes. Estes dados confirmam os estudos acima referidos de Lee (1996), de Lee, Whitehead e Balchin (2000), com jovens ingleses praticantes de vários desportos, e de Gonçalves & Coelho e Silva (2004), com basquetebolistas federados masculinos.

A análise da variância factorial demonstrou, que as variáveis de género, masculino ou feminino, e de tipo de modalidade, individual ou de equipa, são fonte de diferenças estatisticamente significativas nas respostas dos praticantes, embora sem alteração nas tendências dos resultados. É na variável de contexto, federado ou escolar, que as diferenças não surgem como significativas, esbatendo a influência, esperável, do clima pedagógico da escola ou do clube. Ao aceitarem com maior facilidade os itens relativos ao “estatuto” e revelarem menor predisposição para a aprendizagem das

técnicas, os escolares põem em causa algumas das crenças professadas sobre a superioridade pedagógica da escola e, acima de tudo, obrigam à realização de novos estudos, com outros instrumentos ou recorrendo a outras metodologias.

Por conseguinte, parece que os jovens praticantes se orientam para uma participação desportiva imbuída de desportivismo e de vontade de respeitar as regras e de convívio entre pares. A grande maioria dos atletas mais novos não confere grande importância a valores relacionados com a carreira desportiva ou com o estatuto pessoal. Estes dados estão de acordo com outros estudos que comprovam que apenas uma pequena percentagem das crianças e jovens (5-10%) possui aptidões, ou pensa que as possui, que lhes permita aceder aos escalões de competição.

Outro ponto importante reside no facto de as raparigas apresentarem um padrão de respostas definido e diferente do dos rapazes, rejeitando os valores de “estatuto” e valorizando a sociabilidade e do empenho na actividade. Coloca-se claramente aos responsáveis pelas instituições gestoras do Desporto Infanto-Juvenil, públicas e privadas, a questão da organização das actividades de modo a dar resposta à necessidade de participação (e de sucesso) da maioria dos praticantes, nomeadamente a grupos específicos, como por exemplo, as raparigas. Dado que a estrutura do Desporto Federado é naturalmente selectiva, os caminhos a percorrer deverão seguir múltiplas direcções.

Um erro a evitar, porém, será ignorar os muito poucos que podem e desejam atingir níveis de excelência desportiva, pois o seu papel social continua a revelar-se importante. Se os estudos permitem um melhor conhecimento da realidade portuguesa, não é menos verdade que resta um longo caminho a percorrer e que se abrem múltiplas vias de investigação. Em primeiro lugar, a disseminação de estudos entre a população de praticantes desportivos, alargando o leque de instrumentos e de métodos. O recurso a técnicas estatísticas que permitam discernir as correlações (positivas ou negativas) entre os valores e outros construtos relacionados, como a motivação, a habilidade percebida, a satisfação com a prática ou as atitudes

O estudo segmentado dos jovens atletas representa também uma área importante. Face às tendências manifestadas pelas organizações desportivas federadas no sentido de

proporcionarem condições de treino cada vez mais sofisticadas em idades cada vez mais baixas (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004), as elites desportivas dos escalões de formação são alvo de metodologias e climas de treino que têm pouco a ver com a realidade vivida pelos seus pares. Será que este ambiente especial vai influir nos valores morais dos melhores atletas?

É desejável que a investigação empírica seja complementada com estudos que providenciem informação adequada a treinadores, famílias e responsáveis pelas organizações desportivas dos jovens. E que a pesquisa aplicada revista um carácter continuado e, quando possível, longitudinal. A maior parte dos estudos são pontuais ou limitam-se a intervenções de curto prazo (Chatoupis & Emmanuel, 2003; Christodoulidis et al., 2001). Parece claro que as sociedades estão a mudar e que a relação dos jovens com o desporto evolui. A vontade de preservar e reforçar o papel da actividade desportiva na educação física e moral dos praticantes, passa necessariamente por um melhor conhecimento da realidade que permita proporcionar experiências de sucesso a todas os participantes no Desporto Infanto-Juvenil.

Notas finais sobre os resultados da aplicação do YSVQ-2

Os estudos empíricos realizados em Portugal, tanto com basquetebolistas federados masculinos como com atletas de várias modalidades, de ambos os sexos e em contexto escolar ou federado revelaram resultados marcadamente mais elevados do que os obtidos pelos seus pares em Inglaterra ou Espanha (Cruz, Boixadós, Valiente & Capdevila, 1995), simultaneamente com uma reclassificação dos itens mais pontuados, sugerindo que para os jovens portugueses a prática desportiva constitui muito mais um momento e processo de socialização do que de treino e aprendizagem.

Da análise de componentes principais das duas versões do questionário, que foram aplicadas a duas amostras diversas, ressalta a não concordância com as dimensões identificadas em Inglaterra por Lee & Whitehead e vem corroborar as dúvidas expressas por Torregrosa (2000) na análise dos resultados de estudos feitos na Catalunha, utilizando o YSVQ-1. Se nos resultados obtidos em Portugal é possível identificar os factores *Competência* e *Estatuto*, já o factor *Moral* permanece obscuro, emergindo outros factores, também eles de difícil interpretação.

As razões para as diferenças poderão ser de várias ordens. Em primeiro lugar, problemas de tradução ou de compreensão das frases que descrevem os valores por parte dos jovens portugueses. Buisman & Van Rossum (2001) criticam o YSVQ por formular valores típicos dos adultos e sem sentido para jovens dos 12 aos 16 anos de idade. É possível contrapor a esta objecção o facto da construção do questionário ter recorrido em vários momentos a entrevistas com os jovens para adequar o vocabulário e o fraseado ao nível de compreensão dos respondentes (e a aplicação do instrumento em Portugal não provocou aparentemente insegurança ou perplexidade durante o preenchimento).

A segunda razão reside nas diferenças culturais entre os jovens dos 2 países. Tanto o sistema de valores como o sistema desportivo, socialmente determinados; induzem a crenças e opiniões diversas sobre os itens em apreço. A análise dos resultados sugere que os jovens portugueses não valorizam a dimensão moral autonomamente, antes a incluem na sociabilidade e na própria prática (“jogar limpo” é igual a “jogar bem”).

Por último, é possível encarar as fragilidades psicométricas do instrumento e as dificuldades quanto à sua utilização em Portugal, nomeadamente em conjunto com outros inventários em que se procura testar modelos de avaliação moral do Desporto Infante-Juvenil. A análise factorial do YSVQ-2 demonstrou a inadequação psicométrica do instrumento para a população portuguesa, facto já indiciado em estudo anterior, já citado, de Gonçalves & Silva (2004). Este problema levou ao abandono do YSVQ-2 no estudo confirmatório. Por este motivo, foi decidido preterir o YSVQ-2 no modelo explicativo de decisões morais e não o utilizar nos estudos posteriores.

Apesar deste facto, o estudo dos valores funcionou como estudo piloto, testando a metodologia de aplicação, o tratamento de dados e as grandes tendências de sentido das respostas, para além da sua solidez transcultural – em virtude da sua génese no âmbito de um projecto internacional e por ter sido aplicado em países tanto da Europa do Norte como da Europa do Sul. A realização do estudo dos valores, com recurso ao YSVQ constituiu um momento importante de treino metodológico e de desenvolvimento conceptual, permitindo cumprir trâmites de exploração e

desenvolvimento de modelos explicativos mais adequados às ecologias do desporto infanto-juvenil.

3.3.2. Orientação para a realização de objectivos

Análise factorial exploratória do TEOSQp

A análise factorial exploratória permitiu obter uma solução mais económica de combinações lineares de itens, capazes de conter o máximo de variância da solução inicial de variáveis. A análise iniciou-se com o teste de Bartlett, que mostrou a adequação da técnica à solução inicial de 13 itens [$\chi^2_{(78)} = 1879.904$, $p \leq .01$]. A análise de componentes principais com rotação *varimax* e um nível de inclusão de *factor loadings*. A solução final de dois factores explica 50% da variância, um com 6 itens, contendo 27% da variância e outro com 7 itens, compreendendo 23% da variância. Nenhum item ficou fora da estrutura de dois factores ou apresentou carga factorial superior a 0.40 em mais do que um factor.

Tabela 6. Análise de componentes principais do “Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire” (TEOSQ). Comunalidades e cargas factoriais dos itens após rotação *varimax*.

	Comunalidades	F1	F2
1) ...sou o único executar as técnicas	.53	.73	
2) ...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	.43		.66
3) ...consigo fazer melhor do que os meus colegas	.60	.77	
4) ...os outros não conseguem fazer tão bem como eu	.62	.77	
5) ...aprendo algo que me dá prazer fazer	.48		.69
6) ...os outros cometem erros e eu não	.63	.77	
7) ...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	.52		.55
8) ...trabalho realmente bastante	.35		.55
9) ...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	.45	.67	
10) ...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	.54		.73
11) ...sou o melhor	.62	.79	
12) ...sinto que uma técnica que aprendo está bem	.31		.46
13) ...faço o meu melhor	.42		.65
	<i>Eigenvalues</i>	3.53	2.97
	% Variância	27.1	22.9
	α - Cronbach	0.85	0.76

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

O primeiro factor (F1) pode ser interpretado como orientação para o ego (*eigenvalue* = 3.53), nele têm carga superior a 0.40 os itens 1 (“sou o único executar as técnicas”), 3 (“consigo fazer melhor do que os meus colegas”), 4 (“os outros não conseguem fazer tão bem como eu”), 6 (“os outros cometem erros e eu não”), 9 (“ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos”) e 11 (“sou o melhor”).

O factor (F2) parece representar a orientação para a tarefa, englobando os itens 2 (“aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais”), 5 (“aprendo algo que me dá prazer fazer”), 7 (“aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante”), 8 (“trabalho realmente bastante”), 10 (“algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais”), 12 (“sinto que uma técnica que aprendo está bem”) e 13 (“faço o meu melhor”), todos com carga superior a 0.40.

Determinação dos coeficientes de consistência interna

Como se pode ver na Tabela 7, os coeficientes de consistência interna (quadrado do coeficiente de correlação múltipla entre os itens da componente principal e os *scores* da componente em que os itens são incluídos) são sempre superiores a 0.70, valor de corte sugerido por Nunnally (1978).

Tabela 7. Cargas factoriais e coeficientes de consistência interna no presente estudo.

Factor	Itens	carga	alpha
Ego	1) ...sou o único executar as técnicas	.73	.85
	3) ...consigo fazer melhor do que os meus colegas	.77	
	4) ...os outros não conseguem fazer tão bem como eu	.77	
	6) ...os outros cometem erros e eu não	.77	
	9) ...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	.67	
	11) ...sou o melhor	.79	
Tarefa	2) ...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	.66	.76
	5) ...aprendo algo que me dá prazer fazer	.69	
	7) ...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	.55	
	8) ...trabalho realmente bastante	.55	
	10) ...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	.73	
	12) ...sinto que uma técnica que aprendo está bem	.46	
	13) ...faço o meu melhor	.65	

Atendendo aos potenciais benefícios que poderiam resultar na melhoria das propriedades psicométricas do instrumento, decidimos investigar se os valores de alfa de Cronbach poderiam ser aumentados a partir da eliminação de um item. De acordo com os resultados apresentados na Tabela 8, a subtração de itens, não acarretaria ganhos nos coeficientes de consistência interna.

Factores extraídos no estudo original

A análise da Tabela 9 mostra que a solução encontrada para o presente estudo pode ser considerada como bastante satisfatória, uma vez que tal como aconteceu no estudo de Fonseca (1999) confirma os itens 1, 3, 4, 6, 9 e 11 no primeiro factor como orientação para o ego, enquanto os itens 2, 5, 7, 8, 10, 12, 13 possuem carga no segundo factor, interpretado como sendo a orientação para a tarefa. Note-se que não existe nenhum item ambíguo, isto é, presente em mais de um factor. Mais, a solução final de dois factores, integra os 13 itens da solução inicial.

O estudo inicial para a adopção do *Task and ego orientation in sport questionnaire*, concebido por Duda & Nichols (1989), à realidade portuguesa foi efectuado por Fonseca e Biddle (1996) e por Fonseca (1999), com base em 767 sujeitos (405 masculinos e 362 femininos), com idades compreendidas entre os 12 e os 29 anos, pertencentes às seguintes modalidades: aeróbica, andebol, basquetebol, futebol, ginástica artística, karaté, musculação e voleibol.

Tabela 8. Coeficientes de consistência interna prevendo a possibilidade de reduzir o número de itens em cada componente principal.

Factor	Itens	Alpha se eliminado o item
Ego	1) ...sou o único executar as técnicas	.83
	3) ...consigo fazer melhor do que os meus colegas	.82
	4) ...os outros não conseguem fazer tão bem como eu	.82
	6) ...os outros cometem erros e eu não	.82
	9) ...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	.84
	11) ...sou o melhor	.81
Tarefa	2) ...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	.73
	5) ...aprendo algo que me dá prazer fazer	.73
	7) ...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	.72
	8) ...trabalho realmente bastante	.74
	10) ...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	.71
	12) ...sinto que uma técnica que aprendo está bem	.76
	13) ...faço o meu melhor	.73

Tabela 9. Cargas factoriais e coeficientes de consistência interna no estudo de Fonseca & Biddle (1996).

Factor	Itens	carga
Ego	1) ...sou o único executar as técnicas	.69
	3) ...consigo fazer melhor do que os meus colegas	.78
	4) ...os outros não conseguem fazer tão bem como eu	.81
	6) ...os outros cometem erros e eu não	.74
	9) ...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	.68
	11) ...sou o melhor	.79
Tarefa	2) ...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	.69
	5) ...aprendo algo que me dá prazer fazer	.52
	7) ...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	.72
	8) ...trabalho realmente bastante	.64
	10) ...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	.73
	12) ...sinto que uma técnica que aprendo está bem	.51
	13) ...faço o meu melhor	.64

Análise factorial confirmatória

A partir da Tabela 9, em concordância com as indicações dos autores da versão original do questionário, assumimos a existência de dois factores (orientação para o ego e orientação para a tarefa). Escolhemos os itens apresentados na Tabela 10 como variáveis marcadoras de cada um dos factores. Os resultados da análise factorial

confirmatória relativas ao ajustamento global do momento mostram um coeficiente de Mardia-Based Kappa=0.5921 e um valor de $\chi^2_{(63)}=235.561$ significativo para $p<.001$ e valores dos índices de bondade de ajustamento CFI=0.91, GFI=0.93 e AGFI=0.90 (ambos acima do valor de corte 0.90), sendo o SRMR=0.07 (inferior ao valor crítico de 0.08).

Tabela 10. Parâmetros item-factor (ρ) e erro de medida (δ) na estrutura de 2 dimensões do TEOSQ (Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire) testada pela análise factorial confirmatória.

Factor	ρ	Itens	δ
Ego	+0.66	1) ...sou o único executar as técnicas	+0.75
	+0.73	3) ...consigo fazer melhor do que os meus colegas	+0.69
	+0.74	4) ...os outros não conseguem fazer tão bem como eu	+0.67
	+0.73	6) ...os outros cometem erros e eu não	+0.68
	+0.58	9) ...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	+0.81
	+0.73	11) ...sou o melhor	+0.68
Tarefa	+0.57	2) ...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	+0.82
	+0.62	5) ...aprendo algo que me dá prazer fazer	+0.79
	+0.67	7) ...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	+0.74
	+0.48	8) ...trabalho realmente bastante	+0.88
	+0.66	10) ...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	+0.75
	+0.40	12) ...sinto que uma técnica que aprendo está bem	+0.92
	+0.57	13) ...faço o meu melhor	+0.83

Tabela 11. Parâmetros item-factor (ρ) na estrutura de 2 dimensões do TEOSQ (*Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*), testada pela análise factorial confirmatória por Fonseca & Biddle (1996).

Factor	ρ	Itens
Ego	+0.67	1) ...sou o único executar as técnicas
	+0.80	3) ...consigo fazer melhor do que os meus colegas
	+0.75	4) ...os outros não conseguem fazer tão bem como eu
	+0.63	6) ...os outros cometem erros e eu não
	+0.52	9) ...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos
	+0.71 ^c	11) ...sou o melhor
Tarefa	+0.58	2) ...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais
	+0.43	5) ...aprendo algo que me dá prazer fazer
	+0.64	7) ...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante
	+0.61	8) ...trabalho realmente bastante
	+0.64	10) ...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais
	+0.48	12) ...sinto que uma técnica que aprendo está bem
	+0.53	13) ...faço o meu melhor

Os dados das tabelas 10 e 11 mostram a adequação do instrumento à realidade representada pela amostra do presente estudo, ou seja, os atletas dos 13 aos 16 anos de idade, participantes em competições desportivas organizadas, em paralelo com a amostra de Fonseca e Biddle, que incluía também praticantes de actividades físicas não competitivas (musculação, dança) e de idades superiores (até 24 anos). A utilização do instrumento *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* para o estudo da população jovem portuguesa com idades entre os 13 e os 16 anos, praticante de desporto, está assim validada.

3.3.3. Atitudes face à prática desportiva

A prática desportiva das crianças e jovens é fomentada e incentivada devido às suas virtudes formativas – carácter, disciplina, vontade, de “preparação para a vida” e pró-sociais. Assistimos nas últimas décadas a um vertiginoso aumento da oferta desportiva para idades cada vez mais baixas, chegando-se à actual situação em que a participação em actividades desportivas representa a maior fatia de ocupação de tempo livre, não lectivo, entre as crianças e os adolescentes (Cruz et al., 2001; Seefeldt & Clark, 2002).

No âmbito do que chamamos “desporto organizado”, com praticantes regularmente inscritos em federação desportiva ou escolar e estando, ou não, orientado para o rendimento, é aceite que é a correcta organização e orientação das actividades que determina o efeito pedagógico positivo da participação das crianças e jovens. Todavia, outros estudos sugerem que o impacto da prática desportiva nos jovens pode não ser gerador de convicções e atitudes pró-sociais (Cruz et al., 1996; Keech & McFee, 2000).

Medir e avaliar as atitudes dos jovens face ao desporto tem sido uma preocupação dos investigadores, em especial a partir da última metade da década de 90 do século XX (Shields, Bredemeier & Powell, 2002; Weiss & Smith, 2002). O problema reside não só na dificuldade de encontrar instrumentos adequados ao objecto de estudo, como em estabelecer um enquadramento conceptual que torne evidente a expressão de condutas que os jovens praticantes julgam como as mais adequadas às situações desportivas e permitam, ao mesmo tempo, a intervenção dos agentes de ensino. As teorias sócio-cognitivas e estruturalista têm procurado criar um quadro teórico que viabilize a investigação do modo como o raciocínio moral se forma e se transforma em condutas observáveis (Weiss & Smith, 2002). As investigações produzidas permitiram entrever a complexidade dos processos cognitivos e sociais que, nos diversos contextos, vão determinar as decisões morais de crianças e jovens.

O presente estudo pretende produzir a versão portuguesa do instrumento do *Sports Attitudes Questionnaire* (SAQp) validando a sua estrutura multidimensional para atletas portugueses com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos.

Tradução do Sport Attitudes Questionnaire (SAQ)

Com o objectivo de tornar o instrumento de pesquisa a utilizar linguística e conceptualmente acessíveis à população-alvo, foram seguidos um certo número de procedimentos:

- a) Constituição de um painel de cinco peritos com formação avançada em ciências do desporto, leitores habituais de bibliografia científica em língua inglesa, com experiência de missões de estudo e ensino no estrangeiro e/ou frequência de congressos científicos em língua inglesa com apresentação de comunicações.
- b) Constituição de um painel de cinco licenciados em línguas e literatura inglesa ou títulos correlatos e com especialização em técnicas de tradução.
- c) Análise do trabalho efectuado pelos dois painéis de peritos, escolhendo o item candidato à escala final. Esta tarefa foi efectuada por um doutorado em Ciências do Desporto, bolseiro por um semestre em universidade dos Estados Unidos da América e por um elemento do *Instituto do Desporto de Portugal*, licenciado em Educação Física, com vasta experiência na tradução de artigos para a revista *Treino Desportivo*.

As várias fases de confrontação de alternativas de tradução, que filtram todos os itens e a experiência dos peritos, tanto no domínio da língua inglesa, como nas ciências do desporto, nomeadamente no treino de jovens, garantiram uma correcta adequação do instrumento à capacidade de compreensão dos destinatários. Os *curricula* dos tradutores e dos especialistas em ciências do desporto são apresentados na Tabela 12.

O *Sports Attitudes Questionnaire* – SAQ , de 23 itens, é introduzido por um breve texto: “*Here are some things that some young athletes have said about the way they play sport. Please read each one and circle one of the numbers beside it to show how much you agree or disagree with it*”. A escala de respostas varia entre 1 e 5: *1, I strongly disagree with the statement, 2, I disagree with the statement but not strongly, 3, I neither agree nor disagree with the statement, 4, I agree with the statement but not strongly, 5, I strongly agree with the statement.*

Os itens do questionário são: *(1) I go to every practice, (2) Sometimes I waste time to unsettle the opposition, (3) I would cheat if I thought it would help me win, (4) I congratulate the opposition after I have lost, (5) If other people are cheating, I think I*

can do, (6) I always try my best, (7) It is not against the rules to “psyche” people out so it is OK to do, (8) I shake hands with the opposition’s coach, (9) I cheat If I can get away with it, (10) I sometimes try to “wind up” the opposition, (11) I am always thinking about how to improve, (12) I congratulate the opposition for a good play or performance, (13) Sometimes I have to cheat, (14) I think I can unsettle my opponents as long as I don’t break the rules, (15) I make an effort even if I am certain of losing, (16) It is OK to cheat if nobody knows, (17) I shake hands with the opposition-win or lose, (18) If I don’t want another person to do well, then I put them off a bit, (19) Sometimes I cheat to gain an advantage, (20) It’s a good idea to upset your opponents, (21) I don’t give up after mistakes, (22) I congratulate the opposition after I have won, (23) I try to get officials to rule in my favour even when they shouldn’t.

Tabela 12. Notas curriculares dos elementos que participaram na tradução do questionário SAQ.

		Nota curriculares
Tradutor	1	Licenciatura em Filosofia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
	2	Licenciatura em Línguas Estrangeiras e Literaturas Modernas Germânicas, variante de Inglês-Alemão, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
	3	Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Franceses e Ingleses (via científica), pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
	4	Certificado em Língua Inglesa pela <i>University of Cambridge</i> .
	5	Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Ingleses e Alemães, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
	6	Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Ingleses e Alemães, pela Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra.
Especialista	1	Mestre em Psicologia do Desporto e participante em eventos profissionais e científicos, realizados no estrangeiro, com apresentação de comunicações em Língua Inglesa.
	2	Doutorado em Ciências do Desporto, obtido numa Universidade no Reino Unido.
	3	Mestre em Biocinética e Desenvolvimento, bolseiro por um semestre numa Universidade nos Estados Unidos da América.
	4	Mestre em Treino Desportivo de Alto Rendimento, com apresentação de comunicações em congressos internacionais em língua inglesa, titular de publicações em língua inglesa, docente Universitário e Doutorando em Ciências do Desporto.
	5	Licenciado em Educação Física e Desporto e participante em eventos profissionais e científicos realizados no estrangeiro, com apresentação de comunicações em Língua Inglesa.
Peritos	1	Doutorado em Ciências do Desporto, bolseiro por um semestre numa Universidade nos Estados Unidos da América.
	2	Licenciado em Ciências do Desporto, tradutor experiente em artigos da principal revista portuguesa de Treino Desportivo.

A Tabela 13 apresenta a solução final de itens em língua portuguesa, apurada pelo painel final de peritos. Oito dos vinte e três itens da versão final do questionário foram propostos pelo painel final de peritos. Apenas um item é exclusivamente proveniente da proposta feita pelo painel de tradutores e onze outros itens resultam da tradução efectuada pelos especialistas em ciências do desporto. Existem três afirmações que são simultaneamente sugeridas pelos especialistas e tradutores.

Amostra

Lee e Whitehead (1999) conduziram tanto a análise factorial exploratória (AFE) como a AFC nos seus estudos. No entanto, dado que se trata de um estudo transcultural (uma vez que o SAQp ainda não fora aplicado a amostras portuguesas), foi decidido usar a AFE e a AFC com base em amostras independentes. Trata-se de uma estratégia comum para a especificação de modelos, em que a AFE demonstra a sua utilidade, quando conjugada com a AFC (Williams et al., 2003).

Tabela 13. Proposta final da versão portuguesa do questionário de atitudes face ao desporto (SAQp)

	P	T	PF
1. Vou a todos os treinos	1-5	1-6	
2. Às vezes perco tempo a perturbar os adversários	4		
3. Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	6		
4. Cumprimento os adversários após uma derrota			X
5. Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer			X
6. Dou sempre o meu melhor	1, 3, 5	3-4	
7. Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo			X
8. Cumprimento o treinador adversário	1-2, 4	3, 5-6	
9. Faço batota se ninguém der por isso	5		
10. Por vezes tento enganar os meus adversários	5		
11. Estou sempre a pensar em como melhorar			X
12. Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho		1	
13. Por vezes é preciso fazer batota	3		
14. Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	2-3		
15. Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	3		
16. Não há problema em fazer batota se ninguém notar			X
17. Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	5		
18. Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco			X
19. Por vezes faço batota para obter vantagem	3-5		
20. É uma boa ideia irritar os meus adversários			X
21. Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	3		
22. Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	5		
23. Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade			X

P (peritos), T (tradutores), PF (painel final).

Para a análise factorial exploratória foi efectuada uma primeira colecção de dados sobre uma amostra de 511 sujeitos dos 13 aos 16 anos (15.0 ± 1.0 anos), 247 rapazes e 264 raparigas, 271 praticantes de desporto escolar e 240 atletas federados, 275 praticantes de modalidades individuais (atletismo, badminton, ginástica, judo, natação, ténis, ténis de mesa) e 236 de modalidades colectivas (andebol, basquetebol, futebol, voleibol).

Para a análise factorial confirmatória foram inquiridos 482 praticantes com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos de idade (14.3 ± 0.9), 248 rapazes, 234 raparigas, sendo 167 escolares e 315 praticantes de desporto federado, num total de 222 atletas de modalidades individuais (atletismo, badminton, canoagem, judo, ginástica,

natação, remo, ténis de mesa) e 260 de modalidades colectivas (andebol, basquetebol, futebol e voleibol). Note-se que esta amostra é independente da utilizada na análise factorial exploratória.

A obtenção das amostras seguiu o princípio de combinar em proporções semelhantes atletas de desporto federado e de desporto escolar, de modalidades individuais e de modalidades de equipa, de rapazes e de raparigas, tendo-se optado sempre pela inclusão de mais do que um núcleo/clube por cada grupo de modalidade/sexo.

A aplicação dos questionários aos alunos das escolas, foi precedida pela celebração de um protocolo com a *Direcção Regional de Educação do Centro*. Os procedimentos de recolha de dados foram registados na *Comissão Nacional de Protecção de Dados*, que autorizou a sua aplicação depois de verificar as condições de recolha e manuseamento. Os questionários foram preenchidos antes ou após treinos ou competições, na presença de um investigador.

Análise factorial exploratória e análise factorial confirmatória

A análise factorial confirmatória limita-se a rejeitar ou aceitar um modelo de agregação das variáveis aprioristicamente estabelecido. A técnica testa o ajustamento entre os dados e o modelo teórico. A existência de pesquisas anteriores permitiu aplicar esta técnica. De facto, Lee e Whitehead (1999) conduziram tanto a AFE como a AFC nos seus estudos. Na AFC, foi usada o método de estimativa *maximum likelihood* (ML). Para a avaliação da qualidade do ajustamento global dos modelos de medida investigados, foi decidido recorrer aos critérios mais frequentemente referidos na literatura internacional relativamente à validação de instrumentos de avaliação psicológica em contexto desportivo. O qui-quadrado, a raiz quadrada média residual – SRMR, em inglês *standardized root mean square residual*, o índice de bondade de ajustamento – GFI, em inglês *goodness of fit index*, o índice de bondade de ajustamento ajustado – AGFI, em inglês, *adjusted goodness of fit index* e o índice comparativo do ajustamento – CFI, em inglês, *comparative fit index*).

Análise factorial exploratória

A extracção de factores foi precedida pelo teste de Bartlett, que mostrou a adequação da técnica à solução inicial de 23 itens [$\chi^2_{(253)}=5386.020$, $p \leq .01$]. A análise foi realizada com recurso à rotação *varimax* e um nível de inclusão de *factor loadings* ≥ 0.40 , valor de corte recomendado por Pedhazur (1982), mostrando uma estrutura de quatro dimensões, sem itens ambíguos. A solução final de quatro factores explica 58% da variância. É ainda de notar que todos os factores compreendem mais do que dois itens.

Tabela 14. Análise de componentes principais do “Sport Attitudes Questionnaire” (SAQ). Comunalidades e cargas factoriais dos itens após rotação *varimax*. (n=511)

<i>Itens</i>	<i>Comunalidades</i>	<i>F1</i>	<i>F2</i>	<i>F3</i>	<i>F4</i>
1. Vou a todos os treinos	.35				.54
2. Às vezes perco tempo a perturbar os adversários	.48		.62		
3. Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	.69	.78			
4. Cumprimento os adversários após uma derrota	.64			.75	
5. Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	.56	.65			
6. Dou sempre o meu melhor	.43				.61
7. Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	.66		.79		
8. Cumprimento o treinador adversário	.47			.67	
9. Faço batota se ninguém der por isso	.71	.76			
10. Por vezes tento enganar os meus adversários	.50		.61		
11. Estou sempre a pensar em como melhorar	.47				.66
12. Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	.45			.54	
13. Por vezes é preciso fazer batota	.72	.80			
14. Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	.72		.81		
15. Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	.58				.74
16. Não há problema em fazer batota se ninguém notar	.79	.81			
17. Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	.67			.77	
18. Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	.65		.74		
19. Por vezes faço batota para obter vantagem	.77	.80			
20. É uma boa ideia irritar os meus adversários	.61		.70		
21. Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	.45				.66
22. Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	.64			.78	
23. Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	.41		.48		
	<i>Eigenvalue</i>	4.25	3.96	2.74	2.47
	<i>%Variância</i>	18.5	17.2	11.9	10.7

O primeiro factor (F1) pode ser interpretado como *Batota* e explica 19% da variância. Nele têm carga superior a 0.40 os itens 16 (“não há problema em fazer batota se ninguém notar”), 19 (“por vezes faço batota para obter vantagem”), 13 (“por vezes é preciso fazer batota”), 3 (“era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a vencer”), 9

(“faço batota se ninguém der por isso”), 5 (“se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer”).

O segundo factor (F2) pode ser designado *Anti-desportivismo* e resulta da agregação do item 14 (“penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras”), item 10 (“por vezes tento enganar os adversários”), item 7 (“como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”), item 18 (“se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”), item 20 (“é uma boa ideia irritar os meus adversários”), item 2 (“às vezes perco tempo a perturbar os adversários”), e item 23 (“tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”). Esta dimensão explica 17% de variância.

O factor (F3) designado *Convenção* é marcado pelos itens 22 (“depois de ganhar, cumprimento os meus adversários”), 17 (“seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários”), 4 (“cumprimento os adversários após uma derrota”) 8 (“cumprimento o treinador adversário”) e 12 (“felicitos os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho”). Esta dimensão explica 12% da variância.

O quarto e último dos factores (F4) explica 11% da variância e parece corresponder ao domínio *Empenhamento*. Os itens com carga factorial acima do valor de corte estabelecido são 15 (“esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder”), 11 (“estou sempre a pensar em como posso melhorar”), 21 (“não desisto mesmo depois de ter cometido erros”), 6 (“dou sempre o meu melhor”) e 1 (“vou a todos os treinos”).

Como se pode ver na Tabela 15, os coeficientes de consistência interna (quadrado do coeficiente de correlação múltipla entre os itens da componente principal e os *scores* da componente em que os itens são incluídos) são sempre superiores a .67, valor que pode ser considerado aceitável. Atendendo aos potenciais benefícios que poderiam resultar na melhoria das propriedades psicométricas do instrumento, decidimos investigar se os valores de *alfa-de-cronbach* poderiam ser aumentados a partir da eliminação de um item. De acordo com os resultados igualmente apresentados na Tabela 16, a subtracção de itens, não acarretaria ganhos nos coeficientes de consistência interna.

Tabela 15. Cargas factoriais e coeficientes de consistência interna prevendo quatro itens em cada uma das componentes.

<i>Factor</i>	<i>Itens</i>	<i>carga</i>	<i>alpha</i>	<i>alpha se eliminado o item</i>	
Batota	16	Não há problema em fazer batota se ninguém notar	.81	.90	.86
	19	Por vezes faço batota para obter vantagem	.80		.86
	13	Por vezes é preciso fazer batota	.80		.87
	3	Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	.78		.89
Anti-desportivismo	14	Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	.81	.85	.80
	7	Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	.79		.81
	18	Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	.74		.82
	20	É uma boa ideia irritar os meus adversários	.70		.81
Convenção	22	Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	.78	.78	.71
	17	Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	.77		.69
	4	Cumprimento os adversários após uma derrota	.75		.69
	8	Cumprimento o treinador adversário	.67		.80
Empenho	15	Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	.74	.67	.54
	21	Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	.66		.64
	11	Estou sempre a pensar em como melhorar	.66		.61
	6	Dou sempre o meu melhor	.61		.62

A análise das Tabelas 15 e 16 mostra que a solução encontrada para o presente estudo pode ser considerada como bastante satisfatória, uma vez que para cada uma das dimensões existem sempre 2 ou 3 itens comuns aos dois estudos. Mais, não existe nenhum item que esteja numa das pesquisas agregado a uma componente principal e no outro estudo apareça como marcador de uma dimensão diferente.

Tabela 16. Cargas factoriais após análise factorial exploratória no estudo de Lee e Whitehead (1999).

<i>Factor</i>	<i>Itens</i>	<i>carga</i>	
<i>Cheating</i>	9.	<i>I cheat If I can get away with it</i>	.82
	13.	<i>Sometimes I have to cheat</i>	.79
	16.	<i>It is OK to cheat if nobody knows</i>	.81
<i>Gamesmanship</i>	10.	<i>I sometimes try to "wind up" the opposition</i>	.77
	18.	<i>If I don't want another person to do well, then I put them off a bit</i>	.67
	7.	<i>It is not against the rules to "psyche" people out so it is OK</i>	.63
<i>Convention</i>	12.	<i>I congratulate the opposition for a good play or performance</i>	.72
	22.	<i>I congratulate the opposition after I've won</i>	.71
	4.	<i>I congratulate the opposition after I have lost</i>	.66
<i>Commitment</i>	1.	<i>I go to every practice</i>	.49
	6.	<i>I always try my best</i>	.63
	21.	<i>I don't give up after mistakes</i>	.53

Os resultados apresentados na Tabela 16 referem-se ao estudo desenvolvido por Lee e Whitehead (1999) com o objectivo de testar um modelo teórico da influência da estrutura de valores sobre as atitudes face à prática desportiva. A referida pesquisa foi desenvolvida numa amostra de 549 rapazes e raparigas ingleses praticantes de desporto

organizado e competitivo. A análise de conteúdo dos itens que aparecem na Tabela 15 e não constam da Tabela 16, sugere que a agregação encontrada no presente estudo é adequada, ou seja:

- Na primeira componente, *batota*, consta o item “Por vezes faço batota para obter vantagem”, não incluído na pesquisa de Lee e Whitehead (1999);
- A segunda componente, *anti-desportivismo*, é composta pelos itens “É uma boa ideia irritar os adversários” e “Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”, que não entravam na solução de Lee e Whitehead (1999), apresentada na Tabela 5;
- Os itens “Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários” e “Cumprimento o treinador adversário” entram na terceira componente principal do nosso estudo, interpretada como *convenção*. Estas duas expressões não tinham sido incluídas no estudo original com jovens ingleses;
- O quarto domínio, interpretado como *empenho*, contém dois itens que tinham escapado à estrutura factorial proposta por Lee e Whitehead (1999): “Estou sempre a pensar em como melhorar” e “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder”.

Análise factorial confirmatória

A partir da Tabela 15 e em concordância com as indicações dos autores da versão original do questionário de atitudes dos jovens face à prática desportiva, assumimos a existência de quatro factores (*cheating*, *gamesmanship*, *convention*, *commitment*). Foram escolhidos os itens apresentados na Tabela 17 como variáveis candidatas a serem marcadoras de cada um dos factores.

Os resultados da análise factorial confirmatória relativos ao ajustamento global do momento mostram um coeficiente de Mardia-Based Kappa=0.31 e um valor de $\chi^2_{(98)}=148.31$ significativo para $p<.001$. Quando o modelo hipotético se encontra confirmado de modo não problemático, como no caso presente com o modelo de quatro

factores, Tabachnik e Fidell (2001) afirmam que os índices a apresentar podem resultar de preferências pessoais, tendo-se seguido a sugestão de Hu e Bentler (1999), a saber: no caso vertente, são apresentados os valores dos índices de bondade de ajustamento CFI=0.98 (acima do valor de corte de 0.95), GFI=0.96 e AGFI=0.95 (ambos acima do valor de corte 0.90), sendo o SRMR=0.04 (inferior ao valor crítico de 0.08).

Tabela 17. Parâmetros item-factor (ρ) e erro de medida (δ) na estrutura de 4 dimensões do SAQ (*Sports Attitudes Questionnaire*) testada pela análise factorial confirmatória.

Factor	ρ	Item	δ
Batota	+0.76	3. Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	0.65
	+0.82	9. Faço batota se ninguém der por isso	0.58
	+0.73	13. Por vezes é preciso fazer batota	0.68
	+0.86	19. Por vezes faço batota para obter vantagem	0.52
Anti-desportivismo	+0.69	7. Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	0.73
	+0.76	18. Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	0.65
	+0.75	20. É uma boa ideia irritar os meus adversários	0.66
	+0.67	23. Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	0.75
Convenção	+0.57	4. Cumprimento os adversários após uma derrota	0.82
	+0.53	8. Cumprimento o treinador adversário	0.85
	+0.80	17. Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	0.60
	+0.66	22. Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	0.75
Empenho	+0.48	6. Dou sempre o meu melhor	0.88
	+0.71	11. Estou sempre a pensar em como melhorar	0.71
	+0.46	15. Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	0.89
	+0.38	21. Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	0.92

Discussão e conclusões

De uma forma sumária, podemos afirmar que a tradução dos 23 itens do *Sports Attitudes Questionnaire* (SAQ) não colocou problemas semanticamente irresolúveis, tendo sido possível obter uma solução mais económica de quatro dimensões. Os factores encontrados pela análise factorial exploratória possuem uma essência de conteúdo parcialmente semelhante à solução do estudo inicial desenvolvido no Reino Unido por Lee e Whitehead (1999). Não foram encontrados itens problemáticos, com carga factorial em mais do que um factor. Comparativamente ao estudo de Lee e Whitehead (1999) a presente solução oferece a vantagem de possuir coeficientes de consistência interna mais elevados e ainda de apresentar cada um dos factores marcado por 4 itens. Adicionalmente, a análise factorial confirmatória demonstra a bondade de ajustamento do modelo de quatro dimensões de quatro itens cada.

A validade do questionário para a realidade do desporto infanto-juvenil em Portugal surge confirmada através do presente estudo, viabilizando a sua aplicação, em conjunto com outros instrumentos, em investigações mais abrangentes. O estudo das

atitudes, será sempre informativamente pobre, quando levado a cabo isoladamente (Kavussanu & Ntoumanis, 2003).

A integração do estudo das atitudes num modelo mais compreensivo dos efeitos do treino e da competição sobre os jovens participantes, implica o recurso a outros construtos (Boixadós, Cruz, Torregrosa & Valiente, 2004). Do mesmo modo, o estudo das variáveis ecológicas (outros significantes, ambiente de clube ou escola, ambiente da equipa), com recurso a outros instrumentos e métodos, surge como uma via promissora para conhecer a realidade e intervir na prática, tal como é sugerido nos estudos de Brustad, Babkes e Smith (2001), Guivernau e Duda (2002) e Torregosa et al (2005).

Capítulo 4

PAPEL PREDITOR DA ORIENTAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE OBJECTIVOS SOBRE AS ATITUDES FACE À PRÁTICA DESPORTIVA

4.1. Introdução

A importância do desporto para crianças e jovens, determinada pelos seus efeitos positivos, tem sido sublinhada pelos especialistas e inquestionavelmente aceite pela opinião pública. Os benefícios seriam de várias ordens: o impacto da experiência desportiva fortalece o corpo, desenvolve as interações com os pares, treinadores e com outros adultos significantes e ajuda a construir o carácter (Roberts, 2001). Mas, como foi apontado por Shields, Bredemeier, e Power (2002), tais benefícios não surgem simplesmente através da participação nas actividades, mas dependem do ambiente dos treinos e das competições, em particular das influências dos pares, treinadores, famílias e outros adultos significantes (Ntoumanis & Vazou, 2005; Smith, Balaguer, & Duda, 2006; Smoll & Smith, 2002; and Brustad & Partridge, 2002).

Dado que o aumento do número de participantes desportivos desde os anos 60 do século XX, na maioria dos países desenvolvidos, se deveu principalmente à incorporação de atletas de idades cada vez mais baixas (a partir dos 6, 7 anos), as questões relativas à educação moral no desporto tornaram-se cada vez mais pertinentes (Seefeldt & Clark, 2002; Gonçalves & Coelho e Silva, 2004b). Neste contexto, marcado pela aceleração de mudanças globais, torna-se urgente reavaliar as funções educativas e formativas do desporto infanto-juvenil, de modo a corresponder às aspirações das crianças e adolescentes e orientar a prática desportiva para valores duradouros de autonomia, satisfação pessoal, auto-aperfeiçoamento e participação cívica (Vallerand, 2001; Kretchmar, 2005).

A primeira causa de preocupação, tanto para académicos como para as famílias, é representada pelo impacto, seja negativo ou positivo, que o modelo do atleta profissional poderá ter sobre a educação moral dos mais jovens (Steenbergen, 2001). Por conseguinte, os organizadores do desporto de jovens, os treinadores e as famílias podem sentir a inadequação entre os valores desportivos baseados no esforço, na perseverança, espírito de equipa e desportivismo e as aspirações e crenças de crianças e jovens em sociedade em rápida mudança (Brustad & Partridge, 2002; Marques &

Oliveira, 2004). Esta situação levantou novas questões às organizações que se ocupam com a gestão do desporto infanto-juvenil, seja nos EUA (Ewing & Seefeldt, 2002), seja na Europa (Keech & McAfee, 2000; Knoppers, Boom, Buisman, Elling, & De Knop, 2001).

A experiência da participação desportiva é vivida e avaliada de modo bastante diverso pelas crianças e adolescentes, em processo contínuo de ajuste dos seus comportamentos às expectativas dos adultos e às suas próprias ambições pessoais (Passer & Wilson, 2002). Na maior parte dos casos, “os outros significantes estão demasiado próximos e implicados para que a sua influência possa passar despercebida. De facto, as famílias, os treinadores e os professores exercem, em graus diferentes de intensidade e em etapas diversa da vida dos jovens, uma influência considerável sobre o ambiente do treino e das competições e, conseqüentemente, sobre as escolhas morais e os comportamentos dos praticantes (Lee, 1996). Do mesmo modo, a partir dos 12, 13 anos, os pares podem passar a ser a principal referência comportamental dos adolescentes, induzindo condutas grupais, muitas vezes estereotipadas (Greendorfer, Lewko & Rosengren, 2002; Vazou, Ntoumadis & Duda, 2005).

Medir e avaliar os valores e as atitudes dos jovens face ao desporto tem sido uma preocupação central dos investigadores, em particular a partir de meados dos nos 80 do século XX. O problema reside não só na dificuldade de encontrar os instrumentos adequados ao objecto de estudo, mas também na definição do enquadramento conceptual que confira coerência à validação dos mecanismos de decisão moral e que, ao mesmo tempo, permita a intervenção dos agentes educativos. A complexidade das questões envolvidas torna difícil a sua análise a partir de um único ponto de vista teórico ou o uso de uma única metodologia.

O estudo das premissas morais individuais que determinam as decisões em caso de conflito desportivo foi efectuado, na maioria dos casos, no âmbito das teorias estruturalistas do desenvolvimento ou da aprendizagem social (Weiss & Smith, 2002). Assumindo este último enquadramento conceptual, a operacionalização dos pressupostos teóricos que permita o desenvolvimento de instrumentos que possibilitem uma abordagem indirecta dos aspectos éticos do desporto de jovens, tem o seu ponto de partida no conceito de desportivismo (Fry & Newton, 2003).

O construto desportivismo foi similarmente definido por Vallerand, Deshaies, Courrier, Briere e Pelletier (1996), Lee, Whitehead, e Balchin (2000), e Boixadós, Valiente, Torregrosa e Cruz (2004), com base em elementos normativos/convencionais, supostamente suportados pelos regulamentos desportivos, tanto cognitivos (“renúncia à vitória a todo o custo”, ou “dar o melhor”), como sociais (“dar-me bem com todos os participantes”). Boixadós, Cruz, Torregrosa e Valiente (2004) desenvolveram um instrumento, *Fair Play Attitudes Scale* (EAF), composto por 22 itens, destinado a avaliar as atitudes dos atletas face à sua prática desportiva. Em estudo com jogadores de futebol federados, com idades entre os 13 e os 19 anos, foram identificados 3 factores: *ganhar, jogo duro e batota, divertimento*. No Reino Unido e respondendo a uma solicitação do Conselho da Europa e do Sports Council para estudar a ética no desporto infanto-juvenil, Lee (1996) coordenou uma investigação que levou à elaboração de questionários de Valores e Atitudes visando o desporto de jovens. Com o objectivo de avaliar o construto *desportivismo*, Vallerand, Briere, Blanchard e Provencher (1997) criaram a *Multidimensional Sportpersonship Orientations Scale* - MSOS-25. Este instrumento baseia-se em cinco dimensões de *desportivismo*: a) compromisso com a participação desportiva, b) respeito pelas convenções sociais, c) respeito pelas regras e pelos árbitros, d) respeito pelo adversário, e e) abordagem negativa do desportivismo. Cada dimensão é representada por cinco itens.

O modelo adoptado para estudar e avaliar as premissas morais individuais que determinam as decisões assume que as atitudes dependem de uma situação dada e informam sobre o comportamento do atleta quando confrontado com um potencial conflito moral (Prat & Soler, 2003). Neste sentido, as atitudes representariam para o atleta a avaliação emocional e instrumental do comportamento a adoptar, assumindo que não existem outros factores exteriores ao processo que possam intervir (Reinboth & Duda, 2004; Chantal, Robin, Vernat, & Bernache-Assolant., 2005).

Com base nestes pressupostos, o *Sports Attitudes Questionnaire* –SAQ, composto de 23 itens, foi aplicado a uma amostra de atletas, masculinos e femininos, com idades entre os 13 e os 16 anos, praticantes dos desportos mais populares em Inglaterra (Whitehead, Lee & Hatzigeorgiadis, 2003). Este estudo resultou em proposta de modelo de quatro factores, dois dos quais considerados socialmente positivos

(*compromisso* e *convenção*) e os outros dois socialmente negativos (*batota* e *anti-desportivismo*¹). É preciso realçar que as escalas *compromisso* e *convenção* coincidem com as escalas *compromisso com a participação e respeito pelas convenções sociais* do MSOS-25 (Vallerand et al., 1997). A consistência interna do modelo de quatro factores surge como elevada; o alfa de Cronbach para o *compromisso* foi .68, para a *convenção* .82, para a *batota* .81 e para o *anti-desportivismo* .84.

Tendo em conta a avaliação indirecta do comportamento potencial em caso de conflito moral, possibilitado pelos resultados pelo questionário de atitudes, Lee (2004) chama a atenção para a inconsistência da natureza humana, dado que o facto de uma atitude poder estar na origem de comportamentos diversos depende uma multiplicidade de situações. No caso do desporto de jovens, em que os treinos e as competições são parte de um processo muitas vezes stressante, a promoção de comportamentos considerados socialmente positivos e pessoalmente gratificantes pode não derivar da mera expressão de atitudes pró-sociais. Para os treinadores e para os outros adultos significantes, parece necessário apelar a outras formas de educação moral que viabilizem uma intervenção mais eficaz (Miller, Roberts & Ommundsen, 2005).

Desde os anos 90 do século XX que a Teoria para a Realização de Objectivos (Nicholls, 1989) fornece um sólido enquadramento teórico para explicar as relações entre as orientações disposicionais e as questões morais no desporto de jovens (Duda, 2001; Roberts, 2001). O *Questionário de Orientação para a Tarefa e para o Ego-TEOSQ* (Chi & Duda, 1995) representa um instrumento psicometricamente fiável (Hanrahan & Biddle, 2002), com satisfatória validação transcultural (Peiró & Sanchis, 2004; Gonçalves, Coelho e Silva & Cruz, 2005).

A literatura sugere que uma orientação alta para a tarefa tende a associar-se positivamente a variáveis morais socialmente positivas e que uma orientação alta para o ego tem maiores probabilidades de favorecer comportamentos inapropriados, como resultado da participação extensiva em programas desportivos competitivos (Lemyre, Roberts & Ommundsen, 2002; Kavussanu & Ntoumanis, 2003). Por outro lado,

¹ O conceito de Anti-desportivismo é definido por Lee e Whitehead (1999) como uma categoria de actos que não violam as regras de um desporto específico mas “parecem violar o espírito da competição... usando os regulamentos para obter vantagens que podem ser consideradas desonestas ou desonrosas”.

investigações anteriores (Magyar & Feltz, 2003; Treasure, 2001) demonstraram que as orientações individuais para a tarefa ou para o ego podem ser afectadas por variáveis situacionais criadas por adultos significantes e pares (Greendorfer, Lewko & Rosengren, 2002; Vazou et al., 2005; Ntoumanis & Vazou, 2005).

Whitehead, Lee e Hatzigeorgiadis (2003), no seu estudo com atletas de idades entre os 13 e os 16 anos em Inglaterra, argumentam que o sistema pessoal de valores influencia as atitudes éticas através da mediação das orientações para a realização de objectivos. Todavia, na nossa investigação anterior com jovens atletas portugueses participantes em desporto competitivo (Gonçalves, Cardoso, Freitas, Lourenço & Coelho e Silva, 2005), usando o Questionário de Valores no Desporto de Jovens -2; YSVQ-2 (Lee et al., 2000), não encontramos idêntico modelo de 3 factores (*competência, estatuto e moral*) tal como fora conceptualizado por Whitehead et al. (2003), em special a extracção de uma dimensão *moral*. De acordo com estes resultados, argumentamos que o modelo teórico deve ser simplificado, com base na hipótese da existência de uma relação directa entre as orientações disposicionais para a realização de objectivos e as atitudes morais expressas pelos adolescentes. Por conseguinte, as orientações para a realização de objectivos representariam o elo entre as atitudes individuais e o ambiente ecológico.

No presente capítulo, analisamos as relações entre as orientações para a realização de objectivos e as atitudes no desporto em atletas portuguesas com idades entre os 13 e os 16 anos. Colocamos a hipótese que a orientação para a tarefa seria preditora da expressão de atitudes pró-sociais no desporto, especificamente do respeito pelas convenções sociais e do compromisso na participação e que a orientação para o ego seria preditora de atitudes desportivas anti-sociais, como a batota e o anti-desportivismo.

Os objectivos do capítulo são: a) avaliar a hipótese de que a orientação para a tarefa seja preditora das atitudes pró-sociais expressas por atletas portuguesas com idades entre os 13 e os 16 anos; b) avaliar a hipótese de que a orientação para o ego seja preditora da expressão de atitudes anti-sociais pela mesma população.

4.2. Métodos

Amostra

Quatrocentos e oitenta e dois adolescentes portugueses (dos 13 aos 16 anos de idade, $M=14.28$, $SD=0.86$) participaram no estudo. Os atletas pertenciam a núcleos de desporto escolar ($n=167$, 72 rapazes, 95 raparigas) e clubes federados competindo a nível regional e local ($n=315$, 176 rapazes, 139 raparigas). As modalidades praticadas incluíram atletismo, badminton, canoagem, judo, ginástica, natação, remo, ténis de mesa, andebol, basquetebol, futebol e voleibol.

Instrumentos

Para avaliar a orientação para a realização de objectivos foi aplicado o *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ, Chi & Duda, 1995). A versão portuguesa do questionário foi obtida por Fonseca e Biddle (1996) e validada para a população alvo por Gonçalves, Freitas, Cardoso, Lourenço e Coelho e Silva (2005). As respostas aos 13 itens foram dadas em escala de Likert de 1 a 5, em que (1) *discordo totalmente*, (2) *discordo*, (3) *não concordo nem discordo*, (4) *concordo*, (5) *concordo totalmente*. As orientações para a tarefa e para o ego representam agregações de itens, de acordo com um resultado prévio (Gonçalves, Cardoso, Freitas, Lourenço & Coelho e Silva, 2005). A consistência interna das duas escalas foi satisfatória (orientação para a tarefa: alfa de Cronbach=.80; orientação para o ego: alfa de Cronbach=.80) e a análise factorial confirmatória, usando uma amostra independente, produziu índices de bondade de ajustamento dentro dos valores aceitáveis (CFI=0.91, GFI=0.93, SRMR=0.07).

As atitudes face ao desporto foram avaliadas com recurso ao *Sport Attitudes Questionnaire* (*Questionário de Atitudes face ao Desporto*) de Lee e Whitehead (1999). O instrumento é composto de 23 itens que pretendem identificar a opinião dos respondentes sobre o modo como praticam o seu desporto principal. Os participantes responderam em escala de Likert de 1 a 5, em que (1) *discordo totalmente*, (2) *discordo*, (3) *não concordo nem discordo*, (4) *concordo*, (5) *concordo totalmente*. O questionário de 23 itens foi traduzido por 2 painéis de 5 membros (um painel incluiu doutorados portugueses em Ciências do Desporto que estudaram em Inglaterra ou nos EUA, enquanto que o outro painel incluiu licenciados em Estudos Ingleses). O questionário (SAQp) foi então aplicado a duas amostras de atletas com idades entre os 13 e os 16 anos (Gonçalves, Coelho e Silva, Cruz, Lee, & Chatzisarantis, 2006). A análise factorial

exploratória identificou 4 dimensões, enquanto que a análise factorial confirmatória mostrou a consistência entre o modelo de quatro factores e os dados recolhidos. As variáveis latentes (resultantes cada um de quatro itens) que emergiram do questionário foram: batota, anti-desportivismo, convenção e compromisso. A consistência interna das quatro escalas foi satisfatória (alfa de Cronbach: batota=.90; anti-desportivismo= .85; convenção=0.78; compromisso=.67). A análise factorial confirmatória, usando uma amostra independente, produziu índices de bondade de ajustamento dentro dos limites aceitáveis (CFI=0.98, GFI=0.96, SRMR=0.04).

Procedimentos

Depois de registar a proposta de investigação na Comissão Nacional de Protecção de Dados Pessoais, a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra estabeleceu um protocolo com o Ministério da Educação. O acordo permitiu aos investigadores contactar os Conselhos Pedagógicos das escolas e com as direcções e treinadores dos clubes. Todas as instituições contactadas concordaram em participar e foram marcadas as datas convenientes. Todos os atletas receberam formulários para autorização dos seus pais ou encarregados de educação. Nenhum atleta foi impedido de participar no estudo. Os dois questionários foram distribuídos pelos investigadores antes ou depois de um treino, no clube ou na escola. Foram dadas instruções de preenchimento e foi referido que as respostas seriam confidenciais, para estimular os jovens a responder espontaneamente e com honestidade. Foi chamada a atenção para a inexistência de respostas certas ou erradas. Os questionários levavam aproximadamente 20 minutos a serem preenchidos.

4.3. Resultados e discussão dos resultados

Estatística descritiva

A Tabela 18 mostra as médias e o desvio padrão das orientações para a tarefa e para o ego e das dimensões do *Sports Attitudes Questionnaire*, para o total da amostra e por género. O padrão geral, transversal a todos os grupos, consiste em elevada orientação para a tarefa e baixa orientação para o ego. Os rapazes estão mais orientados para o ego do que as raparigas. A elevada orientação para a tarefa expressa por estes atletas é consistente com outros estudos com amostras similares (Lemyre, Roberts & Ommundsen, 2002; Ommundsen, Roberts, Lemyre & Miller, 2005), mas os resultados da orientação para o ego são mais baixos do que os divulgados nos mesmos estudos.

Os resultados do SAQp (Tabela 18) mostram a aceitação generalizada das atitudes pró-sociais (*convenção* e *compromisso*) e a rejeição das atitudes anti-sociais (*batota* e *anti-desportivismo*). As principais diferenças entre grupos são mais evidentes nos factores socialmente negativos, com as raparigas a expressar uma mais acentuada rejeição das dimensões *batota* e *anti-desportivismo*. Estes resultados estão de acordo com os obtidos por Whitehead, Lee e Hatzigeorgiadis (2003).

Tabela 18. Média e desvio-padrão das orientações para a tarefa e para o ego (TEOSQp) e das dimensões do *Sports Attitudes Questionnaire* (SAQp) para toda a amostra e por género.

		Total n=482	rapazes n=248	Raparigas n=234
TEOSQp	Tarefa	4.18±0.64	4.17±0.68	4.18±0.51
	Ego	2.20±0.97	2.44±0.99	1.95±0.88
	Batota	2.06±1.09	2.15±1.15	1.92±0.96
SAQp	Anti-desportivismo	2.43±1.13	2.69±1.13	2.10±0.96
	Convenção	4.19±0.80	4.16±0.81	4.20±0.76
	Compromisso	4.39±0.58	4.43±0.63	4.34±0.55

Foi calculada a matriz de correlação entre as variáveis latentes (orientação para a tarefa, orientação para o ego, batota, anti-desportivismo, convenção e compromisso). As orientações para a tarefa e para o ego não se correlacionam. Entre as dimensões do SAQp, foram encontradas duas correlações significativas, entre a *batota* e o *anti-desportivismo* ($r=+0.67$, $p\leq 0.01$), bem como entre a *convenção* e o *compromisso* ($r=+0.27$, $p\leq 0.01$). Foram também encontradas correlações positivas entre a orientação para a *tarefa* e a *convenção* ($r=+0.29$, $p\leq 0.01$) e o *compromisso* ($r=+0.40$, $p\leq 0.01$). A orientação para o *ego* surge positivamente correlacionada com a *batota* ($r=+0.30$, $p\leq 0.01$) e o *compromisso* ($r=+0.33$, $p\leq 0.01$), e negativamente com a *convenção* ($r=-0.16$, $p\leq 0.01$).

Tabela 19. Correlações entre as variáveis latentes do TEOSQp e do SAQp

	Ego	Tarefa	Batota	Anti-despor.	Convenção	Comprom.
Ego						
Tarefa	0.05					
Batota	0.30**	-0.11				
Anti-despor.	0.33**	-0.09	0.67**			
Convenção	-0.16**	0.29**	-0.04	0.02		
Comprom.	-0.04	0.40**	-0.01	0.02	0.27**	

** $p\leq 0.01$

Modelação de equações estruturais

As relações entre a orientação para o ego e a concordância de resultados na batota e no anti-desportivismo (relação directa), bem como entre a orientação para a tarefa e a

concordância de resultados na convenção e no compromisso (relação directa) foram examinadas através do programa EQS (versão 5.7). De acordo com os resultados da matriz de correlação (Tabela 19), o modelo actualizado colocava a hipótese de a orientação para o ego estar inversamente relacionada com o construto convenção.

Foi realizada uma análise de trajetória com o objectivo de verificar o hipotético papel preditor das orientações disposicionais para a realização de objectivos sobre as atitudes morais. Em particular, o modelo estimado previa que a orientação para a *tarefa* seria preditora das atitudes socialmente positivas, como a *convenção* e o *compromisso*, enquanto que a orientação para o *ego* seria preditora das atitudes socialmente negativas, como a *batota* ou o *anti-desportivismo* (Figura 1).

O ajuste do modelo foi avaliado através dos índices CFI (0.97) e SRMR (0.04) (Tabachnik & Fidell; 2001; Chatzisarantis & Hagger, 2005). Os valores de corte foram estabelecidos em: 0.95 para o CFI e 0.08 para o SRMR. Para a estimativa do modelo foi utilizado o método da máxima probabilidade.

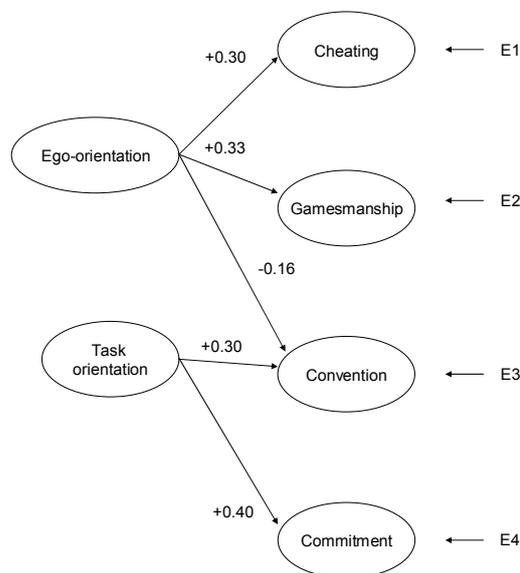


Figura 1. Solução do modelo de trajetória.

Discussão

Os resultados da estatística descritiva das orientações para a realização de objectivos e das atitudes face ao desporto dos atletas portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos sugerem a aceitação generalizada das componentes positivas do desportivismo e uma orientação para a tarefa elevada, acompanhada por uma baixa orientação para o ego. Os resultados são semelhantes aos encontrados em estudos anteriores com amostras portuguesas (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004; Gonçalves, Cardoso, Freitas, Lourenço, & Coelho e Silva 2005; Gonçalves et al., 2006)), mas de certo modo diferentes dos de outros estudos (Miller et al., 2005; Weiss & Ferrer-Caja, 2002), em especial os baixos resultados da orientação para o ego.

O objectivo principal do estudo consistia na avaliação da hipótese de que a orientação para a tarefa seria preditora da expressão de atitudes pró-sociais no desporto, bem como avaliar a hipótese de que a orientação para o ego seria preditora da expressão de atitudes anti-sociais no desporto, entre atletas portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos. O modelo estimado foi confirmado pelos resultados. A orientação para a tarefa surge como preditora dos factores Respeito pelas Convenções Sociais e Compromisso com o Desporto. Por outro lado, a orientação para o ego é preditora da expressão de atitudes socialmente negativas, ou seja, da Batota e do Anti-desportivismo.

Embora não incluída no modelo hipotético, mas teoricamente plausível, a orientação para o ego apresenta uma correlação negativa estatisticamente significativa com a convenção, dando a entender que os indivíduos orientados para o ego apresentam maiores probabilidades de expressão de atitudes de desrespeito pelas convenções sociais nos campos desportivos. Estes resultados sugerem uma relação bipolar entre a orientação para o ego e as dimensões anti-sociais do SAQp, enquanto que a orientação para a tarefa parece estar relacionada com as atitudes pró-sociais.

O ponto de partida da abordagem teórica foram os estudos de Lee e Whitehead (1999) e de Whitehead, Lee e Hatzigeorgiadis (2003), que postulam as orientações para a realização de objectivos como exercendo um efeito mediador na relação entre valores e atitudes. Todavia, em estudos anteriores (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004; Gonçalves Cardoso, Freitas, Lourenço, & Coelho e Silva, 2005) ficou demonstrado que existiam incongruências psicométricas do modelo, sugrindo a emergência de

especificidades culturais que podem influenciar os resultados, como já fora apontado por Weiss e Ferrer-Caja(2002), a propósito da orientação para a realização de objectivos.

O presente modelo é confirmado pelos resultados da amostra. Mas o modelo conceptual está de acordo com outros estudos que apresentam evidências de correlação positiva entre a orientação para a tarefa e as variáveis morais socialmente valorizadas, enquanto que a orientação para o ego demonstra correlações positivas com as atitudes socialmente negativas (Duda, 2001, D'Arripe-Longueville, Pantaleon, & Smith, 2006). Boixadós, Cruz, Torregrosa e Valiente (2004), apesar de utilizarem outro instrumento para medir o desportivismo e as orientações contextuais para a realização de objectivos, encontraram uma associação similar em amostra de futebolistas espanhóis dos 10 aos 14 anos de idade.

Kavussanu e Spray (2006), em estudo com praticantes masculinos de futebol com idades entre os 12 e os 17 anos, embora usando uma abordagem estruturalista e o clima percebido, encontraram um efeito significativo do envolvimento desportivo no funcionamento moral e um efeito significativo do clima percebido orientado para o resultado sobre os níveis mais baixos de juízo moral. Este estudo confirma as evidências recolhidas por Kavussanu e Ntoumanis (2003) com uma amostra de atletas adultos. Do mesmo modo, Fry e Newton (2003), em estudo com jovens jogadores de ténis, argumentam que tanto a orientação disposicional para a tarefa, como a orientação para a tarefa contextual representam factores chave para a promoção de atitudes de desportivismo.

Apesar dos cuidados a ter e evitar comparações entre construtos diversos, em especial entre objectivos disposicionais e o clima contextual percebido, é possível sugerir um padrão em que as orientações para a realização de objectivos auto-referenciadas podem promover a expressão de atitudes de desportivismo, enquanto que as orientações normativas são potencialmente preditoras da expressão de atitudes morais negativas. O presente estudo coloca em evidência as orientações para a realização de objectivos como preditores das atitudes morais em sentido positivo ou negativo, com um efeito esperável sobre os comportamentos desportivos. Salientamos, de acordo com vários autores (Boixadós, Cruz, Torregrosa, & Valiente, 2004; Chantal, Robin, Vernat, & Bernache-Assolant, 2005; Kavussanu & Spray, 2006; Roberts, 2001), que a

preocupação com o sucesso normativo e com a comparação social entre pares, inerente à orientação para o ego, pode afectar o desenvolvimento moral dos jovens atletas.

Whitehead, Andrée e Lee (2004), em estudo com praticantes ingleses de Atletismo, com idades entre os 11 e os 16 anos, salientam a importância da interacção entre as variáveis disposicionais e contextuais, apontando que “os resultados são equivalentes quando as perspectivas de realização de objectivos possuem o mesmo significado, independentemente da sua origem disposicional ou contextual”. O conhecimento das orientações para a realização de objectivos disposicionais e do seu potencial papel preditor sobre as atitudes desportivas pode representar um enquadramento teórico importante para intervenções educativas junto dos jovens atletas, pares e adultos significantes, em especial treinadores e famílias (Vazou, Ntoumanis, & Duda, 2006). Estamos de acordo com outros autores (Boixados, Cruz, Torregrosa & Valiente, 2004; Miller, Roberts & Ommundsen, 2005; Sousa, Cruz, Torregrosa, Vilches & Viladrich, 2006) sobre a importância da disseminação da informação nos programas de formação dos treinadores. Para os treinadores e outros adultos significantes, as orientações para a realização de objectivos representariam um elo entre as atitudes do indivíduo e o ambiente ecológico. Em consequência, na investigação com crianças e jovens, “torna-se importante estabelecer o nível de orientação para a tarefa e para o ego do praticante” (Roberts, 2001).

Limitações do estudo e implicações para o futuro

O modelo testado adequa-se à hipótese de estudo, ou seja, que as orientações para a tarefa ou para o ego são preditores de atitudes desportivas positivas ou negativas respectivamente. Para além disso, a orientação para o ego prediz negativamente a expressão de atitudes de Respeito pelas Convenções Sociais. Todavia, existem importantes limitações e no futuro, é necessária mais investigação sobre o tema.

Como objectivo complementar do estudo surgia a avaliação da validade transcultural do modelo para a população de jovens atletas portugueses. Em primeiro lugar, os obstáculos culturais não podem ser ignorados, apesar da globalização dominante. A maior parte dos instrumentos usados na pesquisa e que são publicados nas revistas internacionais são originalmente em Inglês e são validados para populações de língua inglesa. Como referiram Weiss e Smith (2002), as respostas a questionários de

orientação para a realização de objectivos de populações com passados étnicos, culturais e educativos diversos, reflectem claramente essas diferenças. Mesmo que o padrão geral dos resultados seja semelhante, as propriedades psicométricas dos instrumentos podem ser afectadas (Gonçalves & Coelho e Silva, 2004; Gonçalves, Cardoso, Freitas, Lourenço & Coelho e Silva 2005).

O presente estudo recorreu unicamente às orientações disposicionais como variáveis predictoras e com um modelo dicotómico. O estudo do contexto, em especial do clima motivacional criado pelo treinador e percebido pelos atletas (Boixadós et al., 2004), ou pelos pares (Vazou, Ntoumanis & Duda, 2005), representa um passo importante na obtenção de um enquadramento do problema mais claro e completo e permitir a generalização do modelo. Também a pesquisa dos *clusters* de orientações para a realização de objectivos e a sua relação com as atitudes permitiria uma visão mais detalhada das diferenças entre grupos e, conseqüentemente, fornecendo informações mais exactas aos treinadores e às famílias (McArdle & Duda, 2005), tendo em consideração as diferenças étnicas e culturais acima referidas. A exploração do efeito dos grupos de idade e do aumento do nível competitivo permanece também como um importante tópico de pesquisa (D'Arripe-Longueville, Pantaléon & Smith, 2006; Magyar & Feltz, 2003).

Permanece o problema, relativamente inexplorado, do real significado e impacto nos jovens das orientações para a tarefa/aperfeiçoamento ou para o ego/resultado. Certas estratégias usadas por treinadores para promover, nos treinos e nas competições, climas auto-referenciados ou normativos podem ser percebidas de modo distinto pelos jovens atletas (Whitehead, Andrée & Lee, 2004; Miller, Roberts & Ommundsen, 2005).

Se assumirmos, de acordo com as evidências de vários estudos, que o aperfeiçoamento das atitudes de desportivismo entre os jovens é facilitado pela orientação para a tarefa ou por clima de envolvimento na tarefa, é crucial determinar o perfil real de orientação para a realização de objectivos dos indivíduos e o significado percebido das estratégias dos treinadores (Smith, Balaguer & Duda, 2006). Para clarificar a questão, é importante usar metodologias variadas. A investigação quantitativa revelou padrões característicos e apontou direcções de intervenção, que devem ser complementadas por pesquisas qualitativas e observacionais. A

complexidade do t3pico requer tamb3m a combina33o de outras vari3aveis e teorias (Whitehead, Andr3e & Lee, 2004; Conroy, Kaye & Coatsworth, 2006).

O objectivo final da investiga33o visa fornecer 3s organiza33es que dirigem o desporto infante-juvenil informa33o v3lida de modo a incluir o tema do desenvolvimento moral dos jovens atrav3s do desporto nos programas de forma33o de treinadores e de outros adultos significantes (Cruz, 2003; Sousa et al., 2006). O passo seguinte consiste em avaliar, em estudos longitudinais, as interven33es no 3mbito das percep33es dos jovens, de modo a captar uma imagem viva dos efeitos morais do desporto.

Capítulo 5

A SENSIBILIDADE ECOLÓGICA DA ORIENTAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE OBJECTIVOS E DAS ATITUDES FACE À PRÁTICA DESPORTIVA

5.1. Efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre as Atitudes face à prática desportiva e sobre a Orientação para a Realização de Objectivos

Face a uma proposta de modelo baseada nos construtos Atitudes face ao desporto e Orientação para a Realização de Objectivos, apresentada no capítulo 4, interessa verificar a sua sensibilidade à variação de contextos ecológicos, de modo a aferir de possível generalização da proposta para os vários sub-grupos de praticantes. Adoptando a amostra utilizada para os estudos dos capítulos 3 e 4, foram testados os efeitos do género (masculino e feminino), do contexto de prática (escolar e federado) e do tipo de modalidade (individual e de equipa) sobre a Orientação para a Realização de Objectivos e sobre as Atitudes face ao desporto, expressas através do TEOSQp e do SAQp respectivamente. Posteriormente e tendo em conta a dimensão de orientação para o rendimento do desporto infanto-juvenil, procedeu-se a idêntico estudo relativamente ao nível desportivo, testando os efeitos da elitização sobre os mesmos construtos.

O procedimento adoptado foi a constante do capítulo 3, ponto 1. No tratamento estatístico foi usada a técnica MANOVA factorial, tratando-se da extensão multivariada da análise da variância. A técnica testa a hipótese das diferenças entre médias dos grupos criados pela variável independente não terem ocorrido por acaso, sendo a variável dependente uma combinação linear de todas as variáveis dependentes em análise, criada para maximizar as diferenças entre grupos.

Os dados sugerem uma adequação a estudos precedentes referidos na literatura (Roberts, 2001; Duda, 2001). As diferenças entre grupos são significativas em relação a qualquer das dimensões da Orientação para a Realização de Objectivos, quando analisadas conjuntamente. Todavia, para o género, é a orientação para o ego que diferencia rapazes e raparigas, dado que no que diz respeito à orientação para a tarefa os resultados não são significativos (Tabelas 20 e 21).

Tabela 20. Análise da variância para testar os efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre os itens do questionário de orientação para a realização de objectivos.

	Género		Contexto		Tipo modalidade	
	F	p	F	p	F	p
1) ...sou o único executar as técnicas	15.881	**	3.419	n.s.	5.014	*
2) ...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	0.119	n.s.	5.348	*	9.838	**
3) ...consigo fazer melhor do que os meus colegas	22.528	**	5.059	*	2.823	n.s.
4) ...os outros não conseguem fazer tão bem como eu	22.472	**	3.768	*	4.806	*
5) ...aprendo algo que me dá prazer fazer	11.628	**	0.612	n.s.	6.092	**
6) ...os outros cometem erros e eu não	24.254	**	6.519	**	5.847	*
7) ...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	2.250	n.s.	3.030	n.s.	3.747	*
8) ...trabalho realmente bastante	4.010	*	10.504	**	4.980	*
9) ...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	16.178	**	0.594	n.s.	2.007	n.s.
10) ...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	0.709	n.s.	0.220	n.s.	2.181	n.s.
11) ...sou o melhor	23.648	**	5.146	*	0.033	n.s.
12) ...sinto que uma técnica que aprendo está bem	8.730	**	2.554	n.s.	0.540	n.s.
13) ...faço o meu melhor	0.057	n.s.	0.449	n.s.	0.003	n.s.

n.s. (não significativo), * (p≤.05), ** (p≤.01)

O mesmo se observa quanto aos efeitos de tipo de modalidade e de contexto de prática, em que é a orientação para o ego que mais diferencia os grupos (Tabelas 22 e 23). No que diz respeito ao efeito de contexto, observa-se que são os praticantes de desporto escolar que apresentam maior orientação para o ego, embora ainda abaixo do nível 3 (Tabela 24).

Tabela 21. Médias para cada um dos grupos gerados pela análise da variância utilizada para testar conjuntamente os efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre os itens do questionário de orientação para a realização de objectivos.

	Género		Contexto		Tipo modalidade	
	Mas	Fem	Esc	Fed	Ind	Col
	n=					
1) ...sou o único executar as técnicas	2.23	1.79	2.12	1.90	2.14	1.88
2) ...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	4.37	4.34	4.56	4.25	4.22	4.49
3) ...consigo fazer melhor do que os meus colegas	2.90	2.34	2.77	2.48	2.73	2.52
4) ...os outros não conseguem fazer tão bem como eu	2.41	1.89	2.27	2.03	2.28	2.03
5) ...aprendo algo que me dá prazer fazer	4.16	4.47	4.28	4.36	4.20	4.44
6) ...os outros cometem erros e eu não	2.27	1.69	2.14	1.82	2.13	1.83
7) ...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	4.14	4.28	4.30	4.12	4.11	4.30
8) ...trabalho realmente bastante	4.04	3.86	4.12	3.78	3.84	4.06
9) ...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	2.84	2.36	2.65	2.55	2.69	2.51
10) ...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	4.20	4.28	4.27	4.22	4.17	4.31
11) ...sou o melhor	2.37	1.79	2.23	1.93	2.09	2.07
12) ...sinto que uma técnica que aprendo está bem	3.86	3.56	3.80	3.62	3.67	3.75
13) ...faço o meu melhor	4.56	4.57	4.59	4.54	4.56	4.57

Mas (masculino), Fem (feminino), Esc (escolar), Fed (federado), Ind (individual), Col (colectivo)

Tal como na discussão dos resultados do SAQ, os atletas do desporto escolar surgem como mais propensos a adoptar atitudes socialmente negativas ou a iniciarem processos de motivação normativamente referenciados. Face à especificidade que reveste o desporto escolar nos sistemas desportivo e educativo português, com enquadramento profissionalmente qualificado e organização de competições própria, impõe-se a necessidade de estudar com maior profundidade o contexto de prática, com

recurso simultâneo a outras metodologias e alargando a pesquisa aos “adultos significantes”.

Tabela 22. Análise da variância para testar os efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre a orientação para a tarefa e para o ego, analisadas conjuntamente.

Efeito	Lambda de Wilks	F (2,477)	p
Género	0.926	18.960	**
Contexto de prática	0.978	5.284	**
Tipo de modalidade	0.973	6.497	**

n.s. (não significativo), * (p≤.05), ** (p≤.01)

Tabela 23. Análise da variância para testar os efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre a orientação para a tarefa e para o ego, analisadas separadamente.

	Género		Contexto		Tipo modalidade	
	F	p	F	p	F	P
Orientação para a tarefa	0.003	n.s.	4.305	*	7.171	**
Orientação para o ego	37.833	**	6.869	**	5.121	*

n.s. (não significativo), * (p≤.05), ** (p≤.01)

Tabela 24. Médias para cada um dos grupos gerados pela análise da variância utilizada para testar conjuntamente os efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre a orientação para a tarefa e para o ego.

	Género		Contexto		Tipo modalidade	
	Mas	Fem	Esc	Fed	Ind	Col
n=	248	234	167	315	222	260
Orientação para a tarefa	4.19	4.19	4.26	4.13	4.11	4.27
Orientação para o ego	2.50	1.98	2.36	2.12	2.34	2.14

Mas (masculino), Fem (feminino), Esc (escolar), Fed (federado), Ind (individual), Col (colectivo)

5.2. Efeitos do Nível Desportivo sobre as Atitudes e a Orientação para a Realização de Objectivos em Jovens Atletas dos 13 aos 16 anos

5.2.1. Preâmbulo

Tradicionalmente a prática desportiva dos jovens tem sido encarada como um percurso orientado para patamares presumivelmente mais elevados de excelência. A formação do atleta é dividida por etapas que correspondem não só à aquisição das técnicas dos vários desportos, como ao nível de crescimento e maturação e ao grau de empenhamento no treino e na competição (Martin, 1999). Nos últimos anos temos vindo a assistir ao início da prática em idades cada vez mais baixas, acompanhada da fidelização a uma única modalidade, levando a que seja possível a um atleta adolescente de 16 anos possuir uma experiência de participação no treino de quase 10 anos.

Os teóricos do treino desportivo apontam o início da etapa de especialização desportiva para a adolescência (14-15 anos), indicando que, a partir desse momento, o jovem atleta domine a técnica e a tática do seu desporto e seja sujeito a um volume de treino que vai representar a maior parte do seu tempo livre (Marques, 1999; Manso, Granell, Girón & Abella, 2003). De acordo com estes pressupostos, as organizações desportivas de âmbito internacional, nacional e local elaboram programas para a detecção, selecção e preparação dos mais aptos, promovendo centros de treino e competições destinados a uma elite de adolescentes atletas. Para além dos desportos que tradicionalmente implicam a iniciação e a especialização ainda na infância, como por exemplo a Ginástica, outras modalidades tendem a assegurar a selecção dos seus talentos em idades mais baixas. Por exemplo, na maioria dos jogos desportivos colectivos, a competição internacional que envolve selecções nacionais tem o seu início antes dos 16 anos, o que significa que a preparação especializada dos jogadores se desenrola a partir de idades que até há pouco tempo se consideravam pertencentes a etapas de iniciação.

Coloca-se o problema de saber se a elitização dos jovens atletas poderá ter consequências negativas sobre o seu desenvolvimento moral e sobre o tipo de objectivos a alcançar. Se é vulgarmente aceite que o desporto é um poderoso veículo de educação cívica e do carácter dos indivíduos, não é menos verdade que alguns estudos têm vindo a pôr em causa essa crença, sugerindo que a prática desportiva representaria como que um limbo amoral (Coakley, 2001; Shields, Bredemeier & Power, 2002). O processo de socialização no desporto implica a adopção de atitudes, normas e comportamentos que distinguem a identidade dos grupos, levando o indivíduo a assumir a particular subcultura da sua modalidade, do seu clube, ou da sua equipa (Donnelly & Young, 2001). E se, durante a infância e até cerca dos 12 anos, os outros significantes são primordialmente os pais, na adolescência, a influência maior na formatação da identidade grupal passa a ser exercida pelos pares e pelos treinadores (Weiss & Smith, 2002).

A influência das variáveis ecológicas, ou seja, a tendência para o conformismo com as *regras não escritas do jogo* e com o *espírito da equipa*, poderá levar os jovens atletas a considerar como aceitáveis, em treino e sobretudo em competição, atitudes e comportamentos eticamente reprováveis ou agressivos face ao adversário. A

permanência na mesma equipa durante vários anos pode conduzir à convivência com um ambiente propício à batota ou à agressividade (Stephens, 2000).

A influência do clima de treino propiciado pelo treinador, no contexto mais lato do clima organizacional em que a actividade está inserida, pode ter um efeito decisivo nas crenças, atitudes e comportamentos (Miller, Roberts & Ommundsen, 2005), levando até à erosão dos valores culturais dos praticantes (Greendorfer, 2002). Os fundamentos conceptuais dos programas de actividade desportiva para os jovens (ênfase sobre o resultados desportivo e a selecção dos melhores ou sobre o aperfeiçoamento das tarefas e a participação de todos) poderão significar, para os atletas, percepções diferenciadas sobre as aprendizagens sociais que lhes são propostas (Eccles & Barber, 2001).

A questão da elevação do nível competitivo

A elevação do nível desportivo, reforçado através do aumento da idade e do empenhamento no treino, acompanhado da participação em competições cada vez mais exigentes, poderá conduzir a uma orientação exclusiva para o resultado desportivo (em termos de vitória ou de progressão numa carreira), geradora de situações em que quaisquer meios, mesmo que eticamente reprováveis, sejam válidos para atingir os fins (Kavussanu & Ntoumanis, 2003; Stornes & Roland, 2004). A percepção de que o resultado justifica o esbatimento do respeito pelas regras e pelo oponente, porque é assim que se passa nos níveis superiores de competição, seria assim mais elevada nos jovens atletas inseridos em programas de elitização, num processo de legitimação da *profissionalização das atitudes* (Visek & Watson, 2005).

Interessa assim estudar os efeitos da prática desportiva sobre as atitudes dos atletas adolescentes de elite. Trata-se de uma população que tem sido alvo de relativamente pouco interesse, apesar do incremento recente de programas com início em idades peri-pubertárias e cada vez mais exigentes, dos pontos de vista dos factores do treino e do empenhamento pessoal. As pesquisas anteriores, ou não demarcaram claramente o que se entendia por elite desportiva jovem (Lee, 1996; Lee, Whitehead & Balchin, 2000; McArdle & Duda, 2004), ou limitaram a análise a uma única modalidade ou género (Halliburton & Weiss, 2002; Efferink-Gemser *et al.*, 2004).

No presente trabalho, entende-se por elite o grupo de jovens talentosos numa modalidade desportiva e que foram seleccionados pela respectiva federação nacional para integrarem o percurso para o alto rendimento. De referir que, no caso de vários desportos (tanto individuais como de equipa), os atletas estão concentrados em centros de treino, em regime de internato, durante todo o ano lectivo.

Eferink-Gemser (2005), em estudo com jovens praticantes federados de Hóquei em Campo afirma que, na vertente psicológica, o que verdadeiramente distingue os atletas de elite da não elite é a maior motivação intrínseca dos primeiros. Ora, investigações realizadas na última década (para uma revisão abrangente, ver Duda, 2001) têm revelado a forte correlação positiva entre a motivação intrínseca e a orientação para a realização de objectivos (*achievement goals orientation*).

Ao mesmo tempo e ao longo dos últimos anos, os resultados da investigação têm vindo a sugerir uma associação entre a Orientação para a Realização de Objectivos e as Atitudes face ao desporto e ainda com os comportamentos adoptados pelos indivíduos no decorrer da aprendizagem desportiva (Duda, 2001; Roberts, 2001; Roberts & Walker, 2001). Neste sentido, a avaliação da orientação para a realização de objectivos expressa pelos praticantes revela-se de interesse para o estudo dos efeitos morais da prática desportiva de elite por parte dos jovens.

Partindo das preocupações pedagógicas e do quadro teórico acima descritos, foi realizada a pesquisa que procurou responder às seguintes questões: a) quais as Atitudes e a Orientação para a Realização de Objectivos expressas por jovens atletas federados, de várias modalidades, dos 13 aos 16 anos, em função do género e do nível de prática desportiva (local ou de elite); b) quais os efeitos do nível de prática desportiva sobre a Orientação para a Realização de Objectivos dos jovens atletas, em função do género; c) quais os efeitos do nível de prática desportiva sobre as Atitudes face à prática desportiva dos jovens atletas, em função do género.

5.2.2. Procedimentos

Amostra

A amostra é a constante da Tabela 28. Os atletas de nível local estão inscritos nas respectivas federações e participam regularmente em competições de âmbito local ou

nacional, conforme ao seu nível de prática. Os atletas de elite são aqueles que integram as seleções que se preparam para competições internacionais do escalão etário a que pertencem, em função da escolha dos treinadores nacionais.

Tabela 28. Distribuição da amostra consoante o género e o nível desportivo

	Masculino	Feminino
Local	191	130
Elite	56	53

Os atletas de nível local são praticantes de Andebol (n=18), Atletismo (n=42), Badminton (n=56), Basquetebol (n=12), Futebol (n=71), Ginástica (n=16), Natação (n=23), Ténis de mesa (n=7), Ténis (n=16) e Voleibol (n=60). Os atletas de elite integram as seleções nacionais de Basquetebol (femininos, n=14), Natação (masculinos, n=13; femininos, n=9), Voleibol (masculinos, n=15; femininos, n=14) e Judo (masculinos, n=28; femininos, n=16). As idades dos sujeitos variam entre os 13 e os 16 anos, sendo a média 15.5 ± 1.1 para o grupo de elite e 14.9 ± 1.1 para os atletas de nível local.

5.2.3. Resultados e discussão dos resultados

A estatística descritiva dos efeitos do nível desportivo sobre os itens do Questionário de Atitudes no Desporto (SAQ) está expressa nas Tabelas 29, para o sexo masculino e 30, para o sexo feminino. As diferenças significativas, no que diz respeito aos rapazes, centram-se nos itens relativos ao compromisso com o desporto, em que os atletas de elite expressam resultados superiores [item 1 “Vou a todos os treinos” ($t=-6.131$, $p \leq 0.01$); item 6 “Dou sempre o meu melhor” ($t=-4.547$, $p \leq 0.01$); item 11 “Estou sempre a pensar como melhorar” ($t=-4.202$, $p \leq 0.01$); item 15 “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder” ($t=-6.262$, $p \leq 0.01$); item 21 “Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros” ($t=-3.639$, $p \leq 0.01$)].

Embora o efeito da prática de elite não pareça emergir nos itens agregados a dimensões socialmente negativas, são curiosamente os atletas de nível local que mostram maior predisposição para adoptar atitudes anti-desportivas [item 2 “Às vezes perco tempo a perturbar os adversários” ($t=2.227$, $p \leq 0.05$); item 18 “Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco” ($t=2.316$, $p \leq 0.05$)].

No caso das raparigas, o padrão de respostas é semelhante, não se notando diferenças nos itens relacionados com a batota ou com o anti-desportivismo e existindo maior concordância nas respostas nos dois níveis de prática. Apenas em itens conotados com o compromisso com o desporto [item 1 “Vou a todos os treinos” ($t=-5.815$, $p\leq 0.01$)] e com o respeito pelas convenções [item 17 “Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários” ($t=-3.405$, $p\leq 0.01$)], as atletas de elite expressam resultados significativamente mais elevados do que as suas pares de nível local.

Tabela 29. Estatística descritiva e resultados da prova t para testar o efeito do nível desportivo sobre os itens do questionário de atitudes face ao desporto (SAQ), para o sexo masculino.

Itens	Local		Elite		t	p
	Média	D.p.	Média	D.p.		
1. Vou a todos os treinos	3.93	1.07	4.01	0.59	-6.131	**
2. Às vezes perco tempo a perturbar os adversários	2.58	1.21	2.18	1.13	2.227	*
3. Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	2.35	1.23	2.29	1.36	0.340	n.s.
4. Cumprimento os adversários após uma derrota	4.15	0.97	4.46	0.85	-2.207	*
5. Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	2.31	1.33	2.16	1.35	0.758	n.s.
6. Dou sempre o meu melhor	4.25	0.94	4.70	0.54	-4.547	**
7. Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	3.09	1.31	2.95	1.57	0.644	n.s.
8. Cumprimento o treinador adversário	3.61	1.07	3.91	1.21	-1.773	n.s.
9. Faço batota se ninguém der por isso	2.29	1.26	2.14	1.26	0.786	n.s.
10. Por vezes tento enganar os meus adversários	2.66	1.24	2.55	1.39	0.547	n.s.
11. Estou sempre a pensar em como melhorar	4.25	0.81	4.66	0.58	-4.202	**
12. Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	4.03	0.89	4.20	0.84	-1.280	n.s.
13. Por vezes é preciso fazer batota	2.38	1.27	2.16	1.33	1.105	n.s.
14. Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	3.09	1.38	2.89	1.51	0.918	n.s.
15. Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	4.01	0.97	4.66	0.58	-6.262	**
16. Não há problema em fazer batota se ninguém notar	2.31	1.30	2.13	1.21	0.970	n.s.
17. Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	4.10	0.91	4.59	0.63	-3.747	**
18. Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	2.71	1.25	2.27	1.30	2.316	*
19. Por vezes faço batota para obter vantagem	2.29	1.25	1.96	1.19	1.717	n.s.
20. É uma boa ideia irritar os meus adversários	2.69	1.24	2.41	1.32	1.437	n.s.
21. Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	4.01	0.92	4.50	0.74	-3.639	**
22. Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	4.37	0.76	4.64	0.72	-2.413	*
23. Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	2.71	1.26	2.80	1.49	-0.441	n.s.

n.s. (não significativo), * ($p\leq .05$), ** ($p\leq .01$)

Relativamente à orientação para a tarefa e para o ego, os resultados para os sexos masculino e feminino estão compreendidos nas tabelas 31 e 32 respectivamente. Tudo se passa como se, neste construto particular, o nível desportivo não provocasse qualquer efeito sobre os praticantes. Apenas os rapazes demonstram diferenças significativas em itens relacionados com a tarefa, com os atletas de elite a expressarem orientações mais elevadas [item 8 “trabalho realmente bastante” ($t=-3.041$, $p\leq 0.01$) ; item 13 “faço o meu melhor” ($t=-4.494$, $p\leq 0.01$)].

Aparentemente, para os jovens atletas portugueses de elite, o aumento do volume e da intensidade do treino, acompanhado da maior frequência e exigência das

competições e da pressão para a obtenção de resultados de excelência, não exercem influências moralmente negativas. Bem pelo contrário, as diferenças significativas, a favor dos praticantes de elite, surgem em itens que reflectem empenhamento na tarefa e respeito pelas convenções sociais, áreas em que o desporto é considerado veículo óptimo para o desenvolvimento do carácter e da sociabilidade (Shields, Bredemeier & Power, 2002).

Tabela 30. Estatística descritiva e resultados da prova *t* para testar o efeito do nível desportivo sobre os itens do questionário de atitudes face ao desporto (SAQ), para o sexo feminino.

Itens	Local		Elite		t	p
	Média	D.p.	Média	D.p.		
1. Vou a todos os treinos	3.85	1.09	4.64	0.68	-5.815	**
2. Às vezes perco tempo a perturbar os adversários	2.28	1.15	2.17	1.19	0.567	n.s.
3. Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	1.74	0.98	1.74	0.98	0.016	n.s.
4. Cumprimento os adversários após uma derrota	4.20	1.05	4.53	0.97	-1.956	*
5. Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	1.87	1.14	1.79	1.06	0.422	n.s.
6. Dou sempre o meu melhor	4.38	0.79	4.45	0.70	-0.610	n.s.
7. Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	2.22	1.28	2.49	1.25	-1.288	n.s.
8. Cumprimento o treinador adversário	3.77	1.13	4.11	1.12	-1.871	n.s.
9. Faço batota se ninguém der por isso	1.76	1.00	1.66	0.94	0.630	n.s.
10. Por vezes tento enganar os meus adversários	2.35	1.28	2.47	1.23	-0.570	n.s.
11. Estou sempre a pensar em como melhorar	4.36	0.82	4.60	0.53	-2.369	*
12. Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	4.05	1.03	4.42	0.80	-2.346	*
13. Por vezes é preciso fazer batota	1.83	1.06	1.91	1.01	-0.438	n.s.
14. Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	2.83	1.36	2.77	1.35	0.258	n.s.
15. Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	4.33	0.93	4.45	0.82	-0.834	n.s.
16. Não há problema em fazer batota se ninguém notar	1.78	1.00	1.74	1.00	0.252	n.s.
17. Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	4.15	1.07	4.70	0.72	-3.405	**
18. Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	2.05	1.21	1.94	1.05	0.582	n.s.
19. Por vezes faço batota para obter vantagem	1.66	0.92	1.77	0.89	-0.754	n.s.
20. É uma boa ideia irritar os meus adversários	2.18	1.20	2.17	1.27	0.036	n.s.
21. Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	4.31	0.82	4.47	0.75	-1.252	n.s.
22. Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	4.38	0.89	4.64	0.88	-1.774	n.s.
23. Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	2.02	1.08	2.43	1.29	-2.079	*

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

Os resultados revelam uma acentuada orientação pró-social ao nível das Atitudes, corroborada pela clara orientação para a Tarefa da generalidade dos respondentes. Os dados confirmam os estudos de Lee (1996) e de Whitehead, Lee e Hatzigeorgiadis (2003), com jovens ingleses praticantes de vários desportos, e o de Gonçalves & Coelho e Silva (2004), com basquetebolistas federados masculinos, em que foi utilizado apenas o TEOSQ.

Tabela 31. Estatística descritiva e resultados da prova t para testar o efeito do nível desportivo sobre os itens do questionário de orientação para a realização de objectivos no desporto (TEOSQ), para o sexo masculino.

		Local		Elite		t	p
		Média	D.p.	Média	D.p.		
1	...sou o único executar as técnicas	1.99	1.06	1.73	0.96	1.665	n.s.
2	...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	4.14	0.84	4.27	0.75	-1.011	n.s.
3	...consigo fazer melhor do que os meus colegas	2.42	1.17	2.84	1.12	-2.354	*
4	...os outros não conseguem fazer tão bem como eu	2.15	1.11	2.14	0.98	0.023	n.s.
5	...aprendo algo que me dá prazer fazer	4.33	0.74	4.55	0.57	-2.086	*
6	...os outros cometem erros e eu não	1.83	1.01	1.52	0.74	2.123	*
7	...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	4.06	0.84	4.32	0.72	-2.083	*
8	...trabalho realmente bastante	3.74	1.08	4.11	0.68	-3.041	**
9	...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	2.62	1.25	3.00	0.93	-2.448	*
10	...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	4.10	0.79	4.41	0.60	-2.669	**
11	...sou o melhor	1.98	1.06	1.73	0.96	1.593	n.s.
12	...sinto que uma técnica que aprendo está bem	3.58	1.06	3.52	1.06	0.392	n.s.
13	...faço o meu melhor	4.37	0.88	4.77	0.47	-4.494	**

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

Tabela 32. Estatística descritiva e resultados da prova t para testar o efeito do nível desportivo sobre os itens do questionário de orientação para a realização de objectivos no desporto (TEOSQ), para o sexo feminino.

		Local		Elite		t	p
		Média	D.p.	Média	D.p.		
1	...sou o único executar as técnicas	1.64	0.90	1.64	0.79	-0.023	n.s.
2	...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	4.49	0.72	4.58	0.72	-0.791	n.s.
3	...consigo fazer melhor do que os meus colegas	2.14	0.90	2.42	1.13	-1.586	n.s.
4	...os outros não conseguem fazer tão bem como eu	1.72	0.86	1.83	0.85	-0.819	n.s.
5	...aprendo algo que me dá prazer fazer	4.52	0.79	4.57	0.66	-0.419	n.s.
6	...os outros cometem erros e eu não	1.58	1.03	1.51	0.89	0.416	n.s.
7	...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	4.24	0.91	4.40	0.69	-1.132	n.s.
8	...trabalho realmente bastante	3.82	0.99	4.02	0.75	-1.512	n.s.
9	...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	2.09	0.96	2.45	0.89	-2.353	*
10	...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	4.38	0.88	4.42	0.86	-0.267	n.s.
11	...sou o melhor	1.48	0.80	1.55	0.97	-0.450	n.s.
12	...sinto que uma técnica que aprendo está bem	3.40	1.09	3.49	0.87	-0.592	n.s.
13	...faço o meu melhor	4.49	0.71	4.49	0.75	0.015	n.s.

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

Contudo, os *scores* expressos pelos jovens portugueses são significativamente mais altos do que os dos seus pares ingleses, ou de jovens futebolistas noruegueses (Miller *et al.*, 2005) que, apesar de seguirem o mesmo padrão de respostas, expressam resultados mais elevados nos itens relacionados com a *batota*, o *anti-desportivismo* ou o *ego*, o que demonstra a sensibilidade dos instrumentos às variações culturais (Weiss & Ferrer-Caja, 2002; Hanrahan & Biddle, 2002).

A análise multivariada do efeito do nível desportivo sobre as dimensões extraídas do questionário de atitudes face à prática desportiva mostrou ser significativo para o sexo masculino [Λ de Wilks=0.891, $F_{(4,242)}=7.37$, $p \leq .01$] e também para o sexo feminino [Λ de Wilks=0.948, $F_{(4,178)}=2.452$, $p \leq .05$].

Entre as raparigas o efeito do nível desportivo sobre as atitudes face ao desporto deve-se sobretudo às diferenças notadas na dimensão *convenção* ($F=8.437$, $p\leq.05$) apesar de também se ter observado uma tendência do grupo de elite valorizar a outra dimensão pró-social, *compromisso*. Entre os rapazes, as diferenças detectadas pela análise multivariada são atribuíveis à maior valorização que o grupo de elite dedica aos factores pró-sociais (*convenção*, $F=10.840$, $p\leq.01$; *compromisso*, $F=29.013$, $p\leq.01$).

Quando se testam os efeitos do nível desportivo sobre as dimensões extraídas do SAQp e do TEOSQp, o padrão de respostas dos jovens atletas sobressai com maior nitidez. Com efeito, no que diz respeito às Atitudes, é nas dimensões *convenção* ($F=10.840$, $p\leq.01$) e *compromisso* ($F=29.013$, $p\leq.01$) que os rapazes de elite se diferenciam dos seus pares de nível local, não existindo qualquer efeito significativo nas dimensões *batota* e *anti-desportivismo*, embora os praticantes de nível local tendam a apresentar resultados mais elevados.

No caso das raparigas, apenas na dimensão *convenção* ($F=8.437$, $p\leq.05$), as atletas de elite se diferenciam positivamente das praticantes de nível local. Contudo, é de assinalar que, tanto nos rapazes como nas raparigas, a tendência das respostas é idêntica, com resultados baixos nas dimensões socialmente negativas e muito elevados nas dimensões consideradas socialmente positivas, independentemente do nível de prática.

Tabela 33. Estatística descritiva e resultados da prova F para testar o efeito do nível desportivo sobre os factores extraídos do questionário de atitudes face ao desporto (SAQ), para o sexo masculino.

	Local (n=191)		Elite (n=56)		F	p
	Média	D.p.	Média	D.p.		
Batota	2.33	1.11	2.14	1.14	1.232	n.s.
Anti-desportivismo	2.80	1.00	2.61	1.19	1.468	n.s.
Convenção	4.06	0.70	4.40	0.64	10.840	**
Compromisso	4.13	0.65	4.63	0.44	29.013	**

n.s. (não significativo), * ($p\leq .05$), ** ($p\leq .01$)

Tabela 34. Estatística descritiva e resultados da prova F para testar o efeito do nível desportivo sobre os factores extraídos do questionário de atitudes face ao desporto (SAQ), para o sexo feminino.

	Local (n=130)		Elite (n=53)		F	p
	Média	D.p.	Média	D.p.		
Batota	1.75	0.76	1.77	0.84	0.026	n.s.
Anti-desportivismo	2.12	0.89	2.26	0.99	0.896	n.s.
Convenção	4.13	0.81	4.50	0.70	8.437	*
Compromisso	4.34	0.58	4.50	0.54	2.676	n.s.

n.s. (não significativo), * ($p\leq .05$), ** ($p\leq .01$)

A análise multivariada do efeito do nível desportivo sobre as dimensões extraídas do questionário de atitudes face à prática desportiva mostrou ser significativo para o sexo masculino [Λ de Wilks =0.976, $F_{(2,244)}=3.042, \leq .05$] mas não para o sexo feminino [Λ de Wilks =0.981, $F_{(2,180)}=1.702, n.s$].

A orientação para a tarefa e para o ego adequa-se à matriz já entrevista para as atitudes. Os rapazes atletas de elite apenas se diferenciam significativamente dos seus pares de nível local na dimensão tarefa, sendo as respostas praticamente idênticas na dimensão ego. Para as raparigas, não surgem quaisquer discrepâncias entre os resultados para ambos os níveis de prática (tabelas 35 e 36). A ausência de efeitos da prática de elite no caso das raparigas pode dever-se aos níveis mais elevados por elas demonstrados, tanto nas atitudes pró-sociais (Lee, 1996; Whitehead, Lee & Hatzigeorgiadis, 2003), como na orientação para a tarefa (Duda, 2001). Estando à partida menos inclinadas para a batota ou para o anti-desportivismo e menos orientadas para o ego do que os rapazes, parece natural que o efeito do nível desportivo não surja como significativo.

Tabela 35. Estatística descritiva e resultados da prova F para testar o efeito do nível desportivo sobre os factores extraídos do questionário de orientação para a realização de objectivos no desporto (TEOSQ), para o sexo masculino.

	Local (n=191)		Elite (n=56)		F	p
	Média	D.p.	Média	D.p.		
Tarefa	4.05	0.66	4.28	0.46	5.987	**
Ego	2.17	0.87	2.16	0.63	0.002	n.s.

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

Tabela 36. Estatística descritiva e resultados da prova F para testar o efeito do nível desportivo sobre os factores extraídos do questionário de orientação para a realização de objectivos no desporto (TEOSQ), para o sexo feminino.

	Local (n=130)		Elite (n=53)		F	p
	Média	D.p.	Média	D.p.		
Tarefa	4.19	0.56	4.28	0.46	1.087	n.s.
Ego	1.77	0.51	1.90	0.64	1.922	n.s.

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

Especulando sobre os resultados, fica a impressão de que, para os jovens praticantes de elite, a procura da excelência desportiva não representa qualquer pressão para obter resultados a qualquer custo e apenas induz a um maior empenhamento no treino e, conseqüentemente, na execução das tarefas. Neste sentido, o facto de integrar ou não a elite desportiva não possui efeitos relevantes sobre as questões éticas no desporto infanto-juvenil. Estes resultados estão em consonância com a afirmação de Halliburton & Weiss (2002), baseado num estudo com ginastas femininas sobre o clima

motivacional percebido, de que não é a elevação do nível desportivo que diferencia as atletas, mas sim o aumento da idade.

Ao mesmo tempo, a elevada orientação para a tarefa, a muito reduzida orientação para o ego, em conjunção com a marcada orientação pró-social das atitudes, observadas nos atletas portugueses de todos os níveis de prática, suscitam alguma perplexidade quando confrontadas com a importância, sublinhada por vários autores (Harwood & Hardy, 1999; Harwood, Hardy & Swain, 2000; Duda, 2001), dos critérios normativos para o sucesso no desporto de elite. Mesmo tendo em conta as afirmações de Duda (2001), referindo que, ao expressar de forma elevada ambas as orientações, o atleta de elite assegura dois critérios para avaliar o sucesso, é a baixa orientação para o ego, tanto dos rapazes ($M=2.16$) como das raparigas ($M=1.90$) que ressalta dos dados do estudo.

De acordo com Roberts (2001) e Miller, Roberts e Ommundsen (2005), a elevada orientação para a tarefa e a baixa orientação para o ego poderão resultar do clima motivacional proporcionado pelos treinadores, o que contrasta com a ideia prevalecente que, à medida que o nível de prática sobe, os treinadores passam a privilegiar o sucesso competitivo (Greendorfer, 2002; Cruz, 2003). Corroborando esta ideia, Wolfenden & Holt (2005), em estudo com praticantes de ténis, pertencentes à elite jovem inglesa, e com os seus respectivos treinadores evidencia a ênfase colocada por estes últimos sobre o auto-aperfeiçoamento, o esforço e a perseverança, conceitos estreitamente relacionados com a orientação para a *tarefa* e com o *empenhamento*. Todavia, os mesmos treinadores apontam a importância vital da participação frequente em competições desafiantes, como meio de aferir progressos e de progressão em direcção ao profissionalismo.

Poder-se-á também especular sobre a hipótese de a orientação revelada pelos atletas de elite resultar da selecção inicial e secundária dos jovens, que vai promover dentro do processo de treino aqueles praticantes com disposições motivacionais bem determinadas. Sabendo-se que menos de 5% da população reúne condições físicas e psicológicas para atingir o alto rendimento desportivo, o problema da selecção dos talentos coloca-se com enorme acuidade quando os objectivos das organizações desportivas, públicas e privadas se centram na obtenção de resultados nas maiores

competições nacionais e internacionais. Será que todo o enquadramento ecológico da elite jovem portuguesa não confere importância à obtenção de resultados e à interiorização de um sentido de carreira desportiva? Em estudos com populações semelhantes, Gonçalves & Coelho e Silva (2004b) afluíram a questão, ao sugerirem que a origem social dos jovens atletas portugueses iria influenciar a sua orientação motivacional e moral no desporto. Na mesma linha, Wolfenden & Holt (2005) afirmam que a maioria dos estudos sobre os modelos de promoção de talentos desportivos se baseiam em amostras oriundas da classe média.

A clarificação desta e de outras questões com ela relacionadas requer outros estudos, com recurso a outros instrumentos e metodologias, de carácter inter-disciplinar. Um dos pontos a completar da amostra consiste na ausência de praticantes de elite de Futebol, a modalidade que oferece mais hipóteses de carreira profissional aos jovens atletas.

Por último, é importante realçar que qualquer avanço no conhecimento do nosso desporto infanto-juvenil em geral e dos efeitos dos processos de elitização, só poderá ser cabalmente realizado através de estudos longitudinais, que acompanhem sistematicamente a carreira dos praticantes e avaliem os resultados obtidos.

Capítulo 6

ESTUDO DO IMPACTO DA ACÇÃO DO TREINADOR SOBRE O AMBIENTE MORAL NO TREINO DE JOVENS

6.1. Introdução

O presente estudo recorre a metodologias mistas (quantitativas e observacionais) como complemento dos estudos anteriores. O ponto de partida, já referido anteriormente, postula que os praticantes acedem às normas e valores que enquadram o seu desenvolvimento moral através de interacções com o seu grupo social.

Os capítulos anteriores apontaram a importância do ambiente de treino para a adopção de atitudes socialmente positivas ou negativas. Ao mesmo tempo, a literatura sustenta as afirmações que colocam o treinador como o adulto mais significativo para os adolescentes atletas. O comportamento do treinador vai ter um impacto duradouro nas experiências desportivas, emocionais e sociais dos atletas, através do filtro das suas próprias percepções, remetendo para Roberts (2001) e Miller, Roberts e Ommundsen (2005), que apontam o clima motivacional proporcionado pelos treinadores determinante das orientações motivacionais.

Avaliar a conduta dos treinadores de jovens em treino e competição constitui um desafio metodológico que não pode ser solucionado com recurso a uma única via. Um dos métodos utilizados é a observação directa e o registo, mediante a codificação adequada dos conteúdos resultantes das acções e discurso dos treinadores

O Sistema de Avaliação de Conduta de Treinadores (*Coach Behavior Assessment System, CBAS*), de Smith, Smoll e Hunt (1977), permite observar e analisar a comunicação verbal dos treinadores com os atletas, mediante o uso de registos áudio-visuais apropriados. O CBAS, sustentado por estudos preliminares, parte do pressuposto que os comportamentos dos treinadores se dividem em dois grandes grupos: reactivos, quando se traduzem em respostas imediatas a acções de um atleta ou de toda a equipa, ou espontâneos, quando resultam de iniciativa do treinador não relacionada com uma acção precedente.

Os comportamentos reactivos respondem a acções positivas ou a erros dos atletas, enquanto que os comportamentos espontâneos podem, ou não, ser relevantes para a competição. Os autores identificam doze categorias de comunicação, das quais seis são dirigidas ao atleta individualmente e integram três dimensões comportamentais dos treinadores:

- a) sustentadora, que engloba (1) *reforço positivo* e (2) *ânimo ao erro*;
- b) instrutiva, com (3) *instrução técnica geral* e (4) *instrução técnica ao erro*;
- c) punitiva, integrando (5) *punição* e (6) *instrução técnica punitiva*.

Das restantes seis categorias do CBAS, duas reflectem a indiferença do treinador face a acções, positivas ou negativas, do atleta: (7) *não reforço* e (8) *ignorar o erro*.

As outras quatro exprimem comunicação direccionada para a equipa ou para outros presentes:

- a) iniciativas destinadas a prevenir ou sanar episódios de disciplina: (9) *manter o controle*;
- b) intervenções para encorajar a equipa: (10) *ânimo geral*;
- c) intervenções para melhorar ou alterar a organização da equipa: (11) *organização geral*;
- d) comunicação direccionada a não participantes na competição e não se relacionando com esta: (12) *comunicação geral*.

Para o presente estudo foi escolhida a modalidade desportiva Basquetebol. Tratou-se de uma amostra de conveniência, dada a disponibilidade das organizações e dos treinadores e a regularidade e equilíbrio das competições. . É importante evidenciar que, mais do que investigar as diferenças de contextos, importa compreender as diferenças e semelhanças entre treinadores em contextos desportivos similares (Werthner & Trudel, 2006).

Neste caso específico do Basquetebol, de acordo com as sugestões de Cruz (2003), consideraram-se as seguintes particularidades quanto às acções dos jogadores:

- a) Condutas acertadas: ressalto defensivo ou ofensivo com oposição de adversário; cesto convertido; roubo de bola sem falta pessoal; intercepção de lançamento sem falta.

b) Erros: violações às regras (passos, duplo drible, 3 segundos, sair do campo, etc.); perda da bola sem lançamento (*turn over*) por intervenção do adversário ou por erro técnico.

Outras acções, tanto positivas (assistências, bloqueios efectuados, faltas provocadas), como negativas (esquecer-se de defender, falhar um lançamento, não bloquear) só são consideradas se o treinador proferir algum comentário, reforçar ou censurar. Se não existir reacção por parte do treinador, este tipo de acção não será tido em conta.

Partindo destes pressupostos, o presente estudo visa observar e analisar a comunicação de treinadores de Basquetebol de atletas masculinos sub-16 anos em situação de competição, utilizando o *Coach Behavior Assessment System/CBAS* e testar a hipótese de que a experiência dos treinadores vai exercer efeito significativo sobre as Atitudes face à prática desportiva, sobre as Orientações para a Realização de Objectivos e sobre as Percepções do comportamento do treinador expressas pelos atletas das equipas orientadas pelos treinadores observados.

6.2. Métodos

6.2.1. Amostra

Treinadores

A amostra de treinadores foi constituída por seis elementos, federados na modalidade de Basquetebol, do escalão de Cadetes masculinos (sub 16 anos) e que foram divididos em dois subgrupos, experientes e inexperientes. Estes últimos não poderiam ter uma carreira de preparação e orientação de equipas superior a dois anos. Tendo em conta os regulamentos da *Federação Portuguesa de Basquetebol*, os treinadores inexperientes eram também aqueles com o grau inferior de formação curricular, escalonada em três níveis.

A selecção dos participantes foi realizada através de consulta a associações distritais da modalidade de Basquetebol, que indicou os treinadores que respondiam aos critérios de participação no estudo e forneceu os respectivos contactos. Posteriormente, o investigador comunicou com os dirigentes dos clubes e com os treinadores, a quem

explicou os objectivos da pesquisa e solicitou a autorização do clube e a concordância do treinador. O investigador principal reuniu separadamente com cada um dos treinadores, que responderam a perguntas relacionadas com dados pessoais e profissionais relevantes para o estudo. As características demográficas da amostra são apresentadas nas Tabelas 37 e 38.

Tabela 37. Características demográficas dos treinadores experientes.

	Treinador A	Treinador B	Treinador C
Idade	44	42	53
Habilitações académicas	12º ano	12º ano	11º ano
Habilitações desportivas	Nível II	Nível II	Nível II
Anos de carreira como jogador	6	12	20
Nível máximo como jogador	Junior	3ª divisão	Profissional
Anos de carreira como treinador	24	23	15
Nível máximo como treinador	2ª divisão	Junior	Liga profissional
Anos no actual escalão	3	10	1

As habilitações desportivas dos treinadores são conferidas pela Federação Portuguesa de Basquetebol e estruturam-se em três níveis: o nível I, que habilita para treinar equipas com idades até 16 anos, o nível II, que permite treinar equipas juniores e seniores e o nível III que dá acesso ao treino de equipas de alto rendimento.

O subgrupo de treinadores experientes apresenta homogeneidade na idade, habilitações académicas e desportivas e nos anos de carreira como treinadores. O treinador C apresenta um percurso diferente dos outros, com uma carreira de jogador e de treinador que atingiu o topo de rendimento nacional, ao contrário dos treinadores A e B, que centraram as suas carreiras nos escalões etários mais jovens e em níveis de competição inferiores. Os treinadores inexperientes constituem um subgrupo homogéneo e apenas diferem nas habilitações académicas, que vão desde a escolaridade obrigatória até à licenciatura.

Tabela 38. Características demográficas dos treinadores inexperientes.

	Treinador D	Treinador E	Treinador F
Idade	32	23	26
Habilitações académicas	6º ano	11º ano	Licenciado
Habilitações desportivas	Nível I	Nível I	Nível I
Anos de carreira como jogador	1	4	3
Nível máximo como jogador	3ª divisão	Junior	Junior
Anos de carreira como treinador	2	2	2
Nível máximo como treinador	Cadetes/sub 16	Cadetes/sub 16	Cadetes/sub 16
Anos no actual escalão	1	1	1

Atletas

Foram inquiridos 58 jogadores praticantes de Basquetebol federado no escalão de Cadetes masculinos (sub 16 anos) e integrantes das equipas orientadas pelos treinadores participantes no estudo. Dos 58 jogadores, 31 integravam as equipas supervisionadas por treinadores experientes e 27 das equipas supervisionadas por treinadores inexperientes. Foram considerados apenas os jogadores que participavam regularmente nos treinos e nos jogos da equipa.

6.2.2.Instrumentos

Foram aplicados aos atletas os seguintes questionários:

- *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ, Chi & Duda, 1995). A versão portuguesa do questionário foi obtida por Fonseca e Biddle (1996) e validada para a população alvo por Gonçalves, Freitas, Cardoso, Lourenço e Coelho e Silva (2005). As respostas aos 13 itens foram dadas em escala de Likert de 1 a 5, em que (1) *discordo totalmente*, (2) *discordo*, (3) *não concordo nem discordo*, (4) *concordo*, (5) *concordo totalmente*.
- *Sport Attitudes Questionnaire* (*Questionário de Atitudes face ao Desporto/SAQ*). As atitudes face ao desporto foram avaliadas com recurso ao questionário de Lee e Whitehead (1999). O instrumento é composto de 23 itens que pretendem identificar a opinião dos respondentes sobre o modo como praticam o seu desporto principal. Os participantes responderam em escala de Likert de 1 a 5, em que (1) *discordo totalmente*, (2) *discordo*, (3) *não concordo nem discordo*, (4) *concordo*, (5) *concordo totalmente*. A versão portuguesa foi validada por Gonçalves, Coelho e Silva, Cruz, Lee & Chatzisarantis (2006).
- *Coach Behavior Assessment System* (CBAS), de Smith, Smoll e Hunt (1977). A versão portuguesa foi obtida a partir da versão castelhana (Cruz, manuscrito não publicado). Esta versão foi obtida através de tradução por dois peritos em Ciências do Desporto com muito bons conhecimentos de inglês, seguida de retroversão por um tradutor cuja língua materna era o inglês. Os participantes responderam aos 11 itens do questionário em escala de Likert de 1 a 5, em que (1) *discordo totalmente*, (2) *discordo*, (3) *não concordo nem discordo*, (4) *concordo*, (5) *concordo totalmente*.

6.2.3.Procedimentos

Foram gravados 18 jogos, três por treinador, da fase regular de um campeonato organizado pela *Federação Portuguesa de Basquetebol*. Os jogos foram registados em vídeo, com recurso a Câmara de vídeo *Sony DCR-SR 190* e as intervenções do treinador registadas mediante a utilização de microfone remoto e receptor *Sennheiser SG301*. Posteriormente as gravações foram transcritas para CD, de modo a serem visionadas em computador e analisadas.

O número de três jogos observados por treinador, que seguiu as indicações do orientador do trabalho, destinou-se a minimizar as particularidades inerentes a jogos com adversários, resultados ou incidências específicas e a revelar um padrão habitual de intervenção do treinador. Estudos precedentes (Cruz, 2003; Sousa, Cruz, Torregrosa, Vilches & Viladrich, 2006) adoptaram a mesma estratégia de acumulação de três unidades e observação, isto é, três jogos por cada treinador em estudo, para conferir robustez relativamente a padrões de intervenção atribuíveis ao acaso.

As gravações de cada um dos jogos foram analisadas por dois observadores diferentes e os dados registados em grelha de observação própria, correspondente às 12 categorias do CBAS (Anexo 6). Nas células reservadas a cada categoria registaram-se o número de episódios por jogo. Os observadores participaram em duas sessões de formação, orientadas pelo investigador principal, de modo a uniformizar critérios e esclarecer eventuais dúvidas sobre a interpretação dos episódios observados.

A congruência entre observadores foi avaliada através do *índice k* de Cohen (Cohen, 1960), referido na literatura como o mais utilizado na análise de variáveis categóricas (Landis & Koch, 1977). O *índice k* indica o grau de concordância existente entre observadores, para além do esperável devido ao acaso. Na Tabela 39 apresentam-se os valores do *k* de Cohen para as observações dos três jogos de cada treinador. De acordo com Landis e Koch (1977), os valores de *k* situados entre 0.41 e 0.60 denotam uma concordância entre observadores moderada, enquanto que a concordância se pode considerar boa quando os valores de *k* se situam entre 0.61 e 0.80.

Tabela 39. Valores médios por clube do k de Cohen para as observações dos jogos de Basquetebol

Treinador	A	B	C	D	E	F
Valor de k	0.67	0.65	0.61	0.59	0.67	0.65

Após ter sido obtido o consentimento dos encarregados de educação dos atletas para a sua participação no estudo, o TEOSQ e o SAQ, que procuram discernir dados disposicionais, foram aplicados no início de sessões de treino, na semana seguinte à gravação do primeiro jogo do respectivo clube. O CBAS e o PMSC-2, que pressupõem um conhecimento aprofundado do treinador por parte dos jogadores, foram aplicados no início de sessões de treino, na semana seguinte à gravação do último jogo do respectivo clube, o que correspondeu a sensivelmente seis meses após o início da época desportiva.

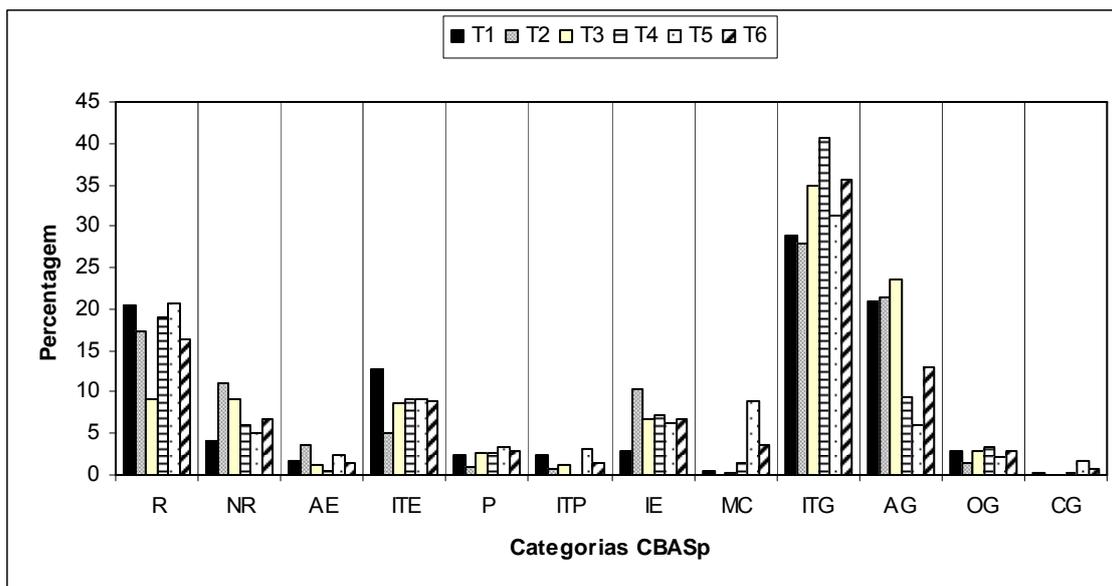
6.2.4. Tratamento de dados

Na análise das grelhas de observação de jogos, foram consideradas as ocorrências por categoria e as percentagens do total de ocorrências que cabem a cada categoria. Para o tratamento dos dados resultantes da aplicação dos questionários TEOSQ, SAQ e CBAS e, em particular para testar o efeito da experiência do treinador sobre as respostas dos atletas, foi aplicada estatística descritiva e t-teste. Para testar o efeito da variável independente experiência do treinador sobre as variáveis dependentes dimensões extraídas dos referidos instrumentos, foi utilizada a técnica MANOVA de análise multivariada da variância. Os tratamentos foram efectuados com recurso ao programa SPSS, versão 14.0.

6.3. Resultados e discussão dos resultados

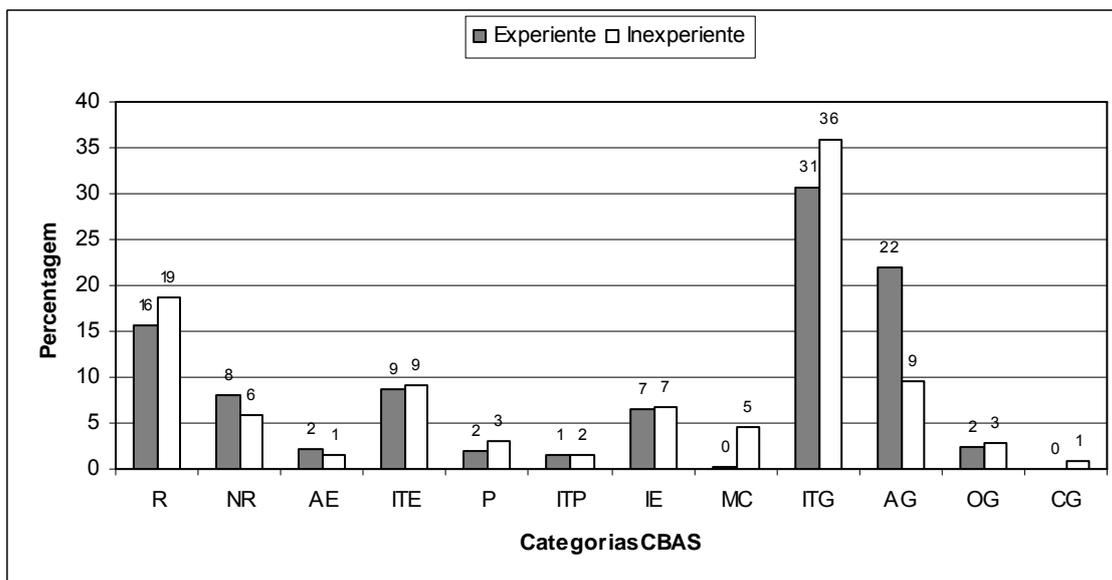
Os resultados são apresentados graficamente nas figuras 2 e 3, o primeiro gráfico mostrando as percentagens correspondentes a cada categoria do CBAS por cada um dos seis treinadores observados. A Figura 3 mostra as percentagens correspondentes às categorias do CBAS por sub-grupos de treinadores, experientes e inexperientes.

Apesar das diferenças individuais, todos os treinadores convergem em privilegiar as categorias *reforço*, *instrução técnica geral* e *ânimo geral* como as que merecem maior ocorrência de episódios. De notar que apenas estas três categorias apresentam percentagens de ocorrências totais superiores a dez. Em termos absolutos, independentemente da experiência, os treinadores realizam cerca de 200 intervenções por jogo, resultando uma média de 1 intervenção em cada 15 segundos.



LEGENDA: R (reforço), NR (não reforço), AE (ânimo ao erro), ITE (instrução técnica geral), P (punição), ITP (instrução técnica punitiva), IE (ignorar o erro), MC (manter o controlo), ITG (instrução técnica geral), AG (ânimo geral), OG (organização geral), CG (comunicação geral).

Figura 2. Percentagens das categorias do CBAS para cada um dos seis treinadores observados.



LEGENDA: R (reforço), NR (não reforço), AE (ânimo ao erro), ITE (instrução técnica geral), P (punição), ITP (instrução técnica punitiva), IE (ignorar o erro), MC (manter o controlo), ITG (instrução técnica geral), AG (ânimo geral), OG (organização geral), CG (comunicação geral).

Figura 3. Percentagens das categorias do CBAS para os grupos de treinadores experientes e inexperientes.

Discussão

Os dois grupos de treinadores focam as suas intervenções durante o jogo em três categorias: *reforço*, *instrução técnica geral* e *ânimo geral*. Entre os treinadores

experientes, as categorias mais frequentes são, por esta ordem, *instrução técnica geral*, *ânimo geral* e *reforço*. Por sua vez, os treinadores com menor experiência recorrem com maior frequência à *instrução técnica geral*, seguida de *reforço* e só depois *ânimo geral*. As categorias *ânimo ao erro*, *punição*, *instrução técnica punitiva*, *organização geral* e *comunicação geral* parecem ter valor residual, com frequências relativas quase sempre inferiores a 5%.

A análise comparativa do perfil de intervenção dos treinadores consoante a experiência, evidencia diferenças estatisticamente significativas em quatro dos onze domínios, a saber: *instrução técnica punitiva* ($t=3,159$, $p\leq 0.01$), *manter o controlo* ($t=2,623$, $p\leq 0.05$), *ânimo geral* ($t=2,063$, $p\leq 0.05$), e *comunicação geral* ($t=3,979$, $p\leq 0.01$).

No que diz respeito à *instrução técnica punitiva*, ela é mais frequente nos treinadores inexperientes, tal como as intervenções para *manter o controlo* do comportamento dos jogadores ou a *comunicação geral*. Pelo contrário, o *ânimo geral* aparece como mais frequente nos comportamentos dos treinadores experientes.

Por conseguinte, a experiência desportiva parece dispensar uma maior necessidade de intervir para controlar a disciplina e punir, sendo valorizada a importância de manter o estado anímico favorável durante a competição. Enquanto o treinador inexperiente parece preocupado com a eclosão de comportamentos desviantes, o treinador experiente privilegia a indução de um estado de activação para a competição.

A presente análise baseia-se na ponderação de frequências de intervenções, não se devendo inferir que o impacto emocional de um episódio de Reforço seja equivalente ao que resulta de Instrução Técnica Punitiva ou de Punição, menos frequentes mas potencialmente causadores de maior perturbação para o jovem atleta. A menor frequência de certas intervenções negativas do treinador não deve mascarar o impacto que possam vir a ter.

Atitudes

De acordo com a Tabela 40, dos 23 itens do questionário, existem 10 (itens 1, 4, 6, 8, 11, 12, 15, 17, 21, 22) em que a concordância é socialmente desejável (4 ou 5 na escala de 1 a 5). Nesses itens, por duas vezes são observadas diferenças estatisticamente significativas (itens 17 e 22). O grupo supervisionado por treinadores experientes responde sempre com valores de concordância superiores.

Tabela 40. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito da experiência do treinador sobre as respostas dos jovens ao SAQp.

		Inexperiente (n=27)		Experiente (n=31)		t	p
		Média	D.p.	Média	D.p.		
1	Vou a todos os treinos	4.22	0.97	4.45	0.85	-0.958	0.34
2	Às vezes perco tempo a perturbar os adversários	1.93	0.96	2.55	1.23	-2.159	≤0.05*
3	Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	1.59	1.01	3.00	1.44	-4.355	≤0.01**
4	Cumprimento os adversários após uma derrota	4.56	0.70	4.58	0.72	-0.134	0.89
5	Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	2.22	1.25	2.19	1.28	0.086	0.93
6	Dou sempre o meu melhor	4.37	0.79	4.35	0.71	0.079	0.94
7	Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	2.93	1.21	3.61	1.31	-2.068	≤0.05*
8	Cumprimento o treinador adversário	4.59	0.57	4.77	0.56	-1.219	0.23
9	Faço batota se ninguém der por isso	1.89	1.19	2.39	1.20	-1.583	0.12
10	Por vezes tento enganar os meus adversários	2.93	1.36	3.26	1.24	-0.975	0.33
11	Estou sempre a pensar em como melhorar	4.48	0.64	4.45	0.57	0.188	0.85
12	Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	4.00	1.14	4.42	0.72	-1.643	0.11
13	Por vezes é preciso fazer batota	2.04	1.34	2.29	1.27	-0.737	0.46
14	Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	3.00	1.21	3.32	1.30	-0.973	0.34
15	Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	4.04	1.16	4.42	0.67	-1.560	0.12
16	Não há problema em fazer batota se ninguém notar	2.44	1.42	2.61	1.38	-0.457	0.65
17	Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	4.00	1.21	4.68	0.48	-2.734	≤0.01**
18	Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	2.15	1.03	3.06	1.24	-3.043	≤0.01**
19	Por vezes faço batota para obter vantagem	2.00	1.07	2.32	1.08	-1.139	0.26
20	É uma boa ideia irritar os meus adversários	2.37	1.21	3.16	1.46	-2.221	≤0.05*
21	Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	4.44	0.70	4.23	0.56	1.303	0.20
22	Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	4.67	0.56	4.90	0.30	-1.978	≤0.05*
23	Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	2.56	1.16	3.23	1.43	-1.944	≤0.05*

Existem 13 itens em que a resposta socialmente desejável seria de discordância, isto é, 1 ou 2 na escala de 1 a 5. Por seis vezes (itens 2, 3, 7, 18, 20, 23) as diferenças são estatisticamente significativas, com o grupo enquadrado por treinadores inexperientes a revelar uma posição de maior discordância. Desses seis itens, por cinco vezes (item 3 “era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”, item 7 “como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”, item 18 “se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”, item 20 “é uma boa ideia irritar os meus adversários”, item 23 “tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”) a média do grupo supervisionado por treinadores inexperientes é de discordância, enquanto os seus pares orientados por treinadores mais experientes respondem com resultados acima de 3.00. Os resultados sugerem que os praticantes dos treinadores experientes estão mais predispostos a respeitar as regras do jogo e a manter um nível ligeiramente superior de empenhamento, mas também mais abertos a fazer algo mais para chegar à vitória.

A estatística descritiva das dimensões extraídas do SAQp e f-testes decorrentes da análise multivariada da variância para testar o efeito da experiência do treinador estão patentes na Tabela 41.

Tabela 41. Análise multivariada da variância (MANOVA) para testar o efeito da experiência do treinador sobre as dimensões extraídas do SAQp.

	Inexperiente (n=27)		Experiente (n=31)		F	p
	Média	D.P.	Média	D.P.		
Batota	1.88	0.98	2.50	1.01	5.587	≤0.05
Antidesportivismo	2.50	0.90	3.27	1.08	8.453	≤0.01
Convenção	4.45	0.53	4.73	0.40	5.233	≤0.05
Compromisso	4.33	0.58	4.36	0.39	0.053	n.s.[0.82]

Quando analisamos o efeito da experiência do treinador sobre as dimensões extraídas do SAQp, observa-se um efeito estatisticamente significativo [Lambda de Wilks=0.764, $F_{(4,53)}=4.101$, $p\leq 0.01$], em que a significância da prova multivariada é atribuível aos factores *batota*, *anti-desportivismo* e *convenção*. Para todas as variáveis dependentes, os jogadores sob orientação de treinadores experientes revelam pontuações médias superiores. No caso da *batota*, tal significa uma demonstração de menor discordância (embora, em ambos os casos, a média de respostas seja inferior a 3.00) e, no caso do *anti-desportivismo*, de certa concordância, ao contrário dos seus pares que treinam sob a supervisão de treinadores inexperientes (uma vez que a média das respostas deste último

grupo se situa abaixo de 3.00, enquanto que a média do outro grupo está acima de 3.00). De realçar que a menor discordância dos atletas treinados por treinadores experientes relativamente ao desportivismo, é correlato de maior concordância face ao *respeito pelas convenções sociais*.

Orientação para a realização de objectivos

Entre os 13 itens do TEOSQp, apresentados na Tabela 42 apenas por uma vez foi observada a existência de diferenças estatisticamente significativas, no item 12 “sinto que uma técnica que aprendo está bem” ($t=2.253$, $p\leq 0.05$). Este resultado pode ser atribuível ao acaso, não tendo correspondência na análise multivariada dos efeitos da experiência do treinador sobre as dimensões latentes do instrumento. O efeito da experiência do treinador sobre as dimensões do TEOSQp não é significativo. Dado que a precedente análise de trajectória apontou a *tarefa* como preditor das dimensões socialmente positivas do SAQ e o *ego* como preditor das dimensões socialmente negativas, seria plausível que a acção do treinador não seria nula sobre as atitudes, pelo menos através da variável ecológica da orientação para a realização de objectivos. Por outro lado, o efeito da experiência do treinador sobre as atitudes é significativo no que diz respeito à *batota*, *anti-desportivismo* e *convenção*. Do mesmo modo, o efeito da experiência é significativo sobre itens do CBASp. Estes resultados sugerem que existem outros factores que podem funcionar como mediadores na expressão de atitudes por parte dos atletas e a necessitar de outras investigações.

Na tabela 43, apresentam-se os resultados da estatística descritiva das dimensões extraídas do TEOSQp e F-testes decorrentes da análise multivariada da variância para testar o efeito da experiência do treinador. Verifica-se que nem a dimensão *tarefa* nem a dimensão *ego* se mostram sensíveis ao efeito da experiência do treinador (Lambda de Wilks=0.995, $F_{(2,58)}=0.153$, $p=0.86$), confirmando as evidências resultantes da exploração dos itens do questionário e questionando os estudos prévios apresentados no capítulo anterior.

Tabela 42. Estatística descritiva e prova t para testar o efeito da experiência do treinador sobre os itens do TEOSQp.

		Inexperiente (n=30)		Experiente (n=31)		t	p
		Média	D.p.	Média	D.p.		
1	...sou o único executar as técnicas	1.97	0.81	1.68	0.83	1.376	0.17
2	...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	4.20	0.76	4.35	0.71	-0.822	0.41
3	...consigo fazer melhor do que os meus colegas	2.40	1.07	2.35	1.23	0.153	0.88
4	...os outros não conseguem fazer tão bem como eu	2.03	1.07	1.87	0.85	0.660	0.51
5	...aprendo algo que me dá prazer fazer	4.27	0.91	4.32	0.70	-0.270	0.79
6	...os outros cometem erros e eu não	1.53	0.94	1.45	0.68	0.392	0.70
7	...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	4.00	0.91	3.77	1.12	0.864	0.39
8	...trabalho realmente bastante	3.43	1.22	3.58	0.96	-0.525	0.60
9	...ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	1.93	1.14	1.97	0.88	-0.132	0.90
10	...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	4.10	0.85	4.16	0.86	-0.281	0.78
11	...sou o melhor	1.53	0.90	1.52	0.77	0.080	0.94
12	...sinto que uma técnica que aprendo está bem	3.77	0.77	3.19	1.17	2.253	≤0.05*
13	...faço o meu melhor	4.43	0.50	4.48	0.81	-0.291	0.77

Tabela 43. Análise multivariada da variância (MANOVA) para testar o efeito da experiência do treinador sobre as dimensões extraídas do TEOSQp.

	Inexperiente(n=30)		Experiente(n=31)		f	p
	Média	D.P.	Média	D.P.		
Tarefa	3.46	0.49	3.44	0.43	0.016	0.90
Ego	1.90	0.69	1.81	0.65	0.300	0.59

Coach Behavior Assessment System/CBAS

Na tabela 44 é apresentada a estatística descritiva das dimensões extraídas do CBASp e provas t decorrentes da análise multivariada da variância para testar o efeito da experiência do treinador. O estudo das respostas proporcionadas pelo CBAS, revela que o efeito da variável independente – experiência ou inexperiência do treinador – é significativo em seis dos onze itens, sendo de notar que em outros três itens o nível de significância se situa até 0.11. Os jogadores que desenvolvem a sua prática desportiva sob a orientação de um treinador experiente são mais vezes lembrados das táticas que devem seguir (item 1, $t=-2.134$, $p\leq 0.05$), são mais vezes animados quando cometem um erro (item 3, $t=-2.293$, $p\leq 0.05$), são mais vezes informados sobre as correcções necessárias para evitar novos erros (item 4, $t=-3.290$, $p\leq 0.01$), vêem os seus erros ignorados com menor frequência (item 7, $t=2.038$, $p\leq 0.05$), são menos vezes distraídos

pelas intervenções do treinador (item 10, $t=2.091$, $p\leq 0.05$), e recebem mais vezes instruções táticas durante os episódios de substituições (item 11, $t=-3.411$, $p\leq 0.01$).

Tabela 44. Estatística descritiva e prova t para testar o efeito da experiência do treinador sobre os itens do CBASp.

		Inexperiente (n=27)		Experiente (n=31)		t	p
		Média	D.p.	Média	D.p.		
1	...vai-te lembrando as diferentes táticas que deves seguir? (por exemplo: como defender, como atacar, como te deves colocar,...)	3.78	1.12	4.29	0.59	-2.134	$\leq 0.05^*$
2	...felicita-te quando fazes uma "boa jogada"? (por exemplo: roubar uma bola, marcar um cesto...)	4.19	0.88	4.29	0.56	-0.527	0.60
3	...anima-te quando cometes um erro? (por exemplo: quando perdes uma bola, quando fazes "passos"...)	3.11	1.16	3.71	0.82	-2.293	$\leq 0.05^*$
4	...quando cometes um erro explica-te como tens de o corrigir?	3.48	1.16	4.32	0.70	-3.290	$\leq 0.01^{**}$
5	...zanga-se quando cometes um erro? (por exemplo: ralha-te, substitui-te...)	3.04	1.13	2.61	0.88	1.607	0.11
6	...quando dá uma instrução após um erro, fá-lo a gritar ou a ralar?	2.78	1.05	2.39	0.67	1.663	0.10
7	...ignora os erros que cometes? (não faz comentários, nem positivos, nem negativos)	2.30	1.07	1.77	0.88	2.038	$\leq 0.05^*$
8	...se não estás atento, chama-te a atenção para que escutes as suas instruções?	3.93	0.92	4.32	0.75	-1.814	0.08
9	...anima-te?	3.70	0.99	3.87	0.89	-0.678	0.50
10	...distrai-se com facilidade? (por exemplo: fala de coisas que não têm a ver com o jogo ou com o treino)	2.04	0.94	1.58	0.72	2.091	$\leq 0.05^*$
11	...quando faz substituições, dá-te instruções sobre a tática a seguir?	3.59	1.12	4.42	0.62	-3.411	$\leq 0.01^{**}$

Os resultados sugerem que o treinador experiente está mais atento aos aspectos técnico-táticos do jogo e confere maior importância às intervenções contextualizadas e imediatamente resultantes das acções dos jogadores. A experiência parece permitir ao treinador uma maior prontidão para intervir no jogo e melhor reactividade às

necessidades de apoio e encorajamento dos atletas. Todavia, em estudo com treinadores de Futebol do escalão de sub-16, na Catalunha, utilizando idêntica metodologia Sousa, Cruz, Torregrosa, Vilches e Viladrich (2006) mostram que os atletas dos treinadores com menos experiência percebem um menor conhecimento do jogo dos seus treinadores, mas maior apoio e encorajamento, face aos seus pares orientados por treinadores mais experientes. Os mesmos autores sugerem que as diferenças entre os treinadores se localizam menos na sua experiência de treino do que na biografia do treinador e na sua formação pessoal e desportiva, propondo uma abordagem individualizada do treinador em futuras intervenções com carácter formativo.

Capítulo 7

CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA O FUTURO

A resposta à questão fundadora da investigação, que interroga o desporto infanto-juvenil sobre a sua aptidão para ser veículo de desenvolvimento de competências pró-sociais, apresenta um conteúdo plural, multifacetado e só aparentemente contraditório. As conclusões e os seus corolários, sugestões para futuras pesquisas, são testemunho da abertura que os vários trabalhos proporcionaram e do muito que existe ainda por fazer. Se os estudos apontam soluções e vias de diagnóstico e de intervenção junto dos vários agentes desportivos, colocam também a urgência de explorar cabalmente os caminhos que falta percorrer, sem fechamentos epistemológicos ou trincheiras disciplinares.

7.1. Conclusões

1) A validade psicométrica para a população de jovens praticantes desportivos portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos, das versões portuguesas do *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* e do *Sports Attitudes Questionnaire*, reiterada pela invariância factorial com diferentes amostras, ficou solidamente estabelecida. A utilização dos dois instrumentos para o estudo das questões morais no desporto infanto-juvenil fica assim disponível para futuras pesquisas. Pelo contrário, o *Youth Sport Values Questionnaire-2* revelou discrepâncias entre a estrutura resultante dos estudos feitos em Inglaterra e os estudos aqui apresentados, sugerindo inadequação transcultural do instrumento. Tais discrepâncias podem constituir também um reflexo das diferenças de resultados no TEOSQ entre amostras provenientes de contextos culturais diversos e sublinhadas por Weiss e Ferrer-Caja (2002), em que os scores dos atletas portugueses na dimensão *ego* são claramente mais baixos do que os seus pares oriundos de contextos anglo-saxónicos ou do Norte da Europa. Os cuidados a ter na transposição de instrumentos para ambientes culturais diferentes daquele onde foram criados e validados saem reforçados destes estudos.

2) O modelo proposto, que teoriza que as orientações para a realização de objectivos podem ser predictoras das atitudes face à prática desportiva, nomeadamente que a orientação para a *tarefa* prediz a expressão de atitudes socialmente positivas, enquanto que a orientação para o *ego* prediz a expressão de atitudes socialmente

negativas revelou-se estatisticamente válido, é teoricamente plausível, bem como ecologicamente informativo. Para além disso, o facto de a orientação para o *ego* predizer negativamente a expressão de atitudes de respeito pelas convenções sociais, reforça a solidez teórica do modelo e é congruente com a fundamentação conceptual da pesquisa. A informação disponível para os adultos significantes, em especial para o treinador, sugere que a promoção de ambientes de treino e de competição orientados para a tarefa constituem de facto meios idóneos para assegurar a expressão de atitudes pró-sociais por parte dos jovens praticantes desportivos. As correlações positivas entre as orientações disposicionais para a tarefa e o clima motivacional de tarefa (*mastery climate*) e entre as orientações disposicionais para o ego e o clima motivacional percebido para o resultado (*performance climate*) vão na mesma direcção (Newton, Duda & Yin, 2000; Smith, Smoll & Cumming, 2007).

3) A sensibilidade dos construtos que integram o modelo preditivo aos ambientes ecológicos, testada pelos efeitos das variáveis independentes género, contexto de prática e tipo de modalidade, ficou demonstrada nos estudos apresentados no Capítulo 5. O facto de, tanto a orientação para a realização de objectivos como as atitudes face à prática desportiva serem sensíveis aos ambientes, coloca aos agentes desportivos a tarefa de adaptarem a sua acção às particularidades que moldam o treino e a competição dos jovens atletas. A atenção a prestar ao desporto feminino, deve ter em conta que as raparigas tendem a perceber a preparação desportiva de modo diferente dos rapazes – mais centrado na *tarefa* e menos receptivo a atitudes socialmente negativas – que requerem uma abordagem específica por parte dos treinadores de jovens. Do mesmo modo, torna-se premente investigar de forma mais detalhada o ambiente desportivo escolar, face aos resultados que sugerem maior aceitação de atitudes socialmente negativas por parte dos alunos atletas.

4) O estudo observacional do treinador em competição e do efeito de variáveis demográficas e profissionais sobre o tipo de comunicação com os atletas, os construtos morais expressos por estes e sobre as percepções do comportamento do treinador foi realizado com recurso ao *Coach Behavior Assessment System/CBAS*, de Smith, Smoll e Hunt (1977). Os resultados, na modalidade desportiva Basquetebol, demonstraram que a experiência profissional do treinador possui um efeito estatisticamente significativo

sobre as categorias observadas do CBAS e sobre as atitudes face à prática desportiva e as percepções dos atletas. A debilidade dos efeitos sobre a orientação para a realização de objectivos levanta problemas conceptuais que requerem o refinamento futuro da pesquisa, tal como foi acima referido. Permanece todavia a necessidade de aprofundar o conhecimento individualizado do treinador, dado que outros estudos (Sousa, Cruz, Torregrosa, Vilches & Viladrich, 2006) referem a necessidade de basear a intervenção no indivíduo e não na média do grupo estudado. Aliás, o estudo observacional tem já na sua génese a vocação de intervenção junto dos treinadores. Os resultados demonstram que os treinadores mais inexperientes apresentam maiores debilidades ao nível das categorias do CBAS referentes ao ânimo ao praticante ou ao reforço dos seus sucessos. Ao mesmo tempo, os atletas das equipas destes treinadores estão mais predispostos a aceitar a *batota* ou o *anti-desportivismo* para chegar à vitória. Quer seja através de intervenções não institucionais, quer seja através de formação curricular ou contínua, os treinadores devem estar conscientes que a sua acção não se limita a transmissão de conhecimentos específicos de uma modalidade desportiva, mas possui um impacto educativo, social e pessoal mais profundo.

7.2. Limitações do estudo

Os limites do trabalho estão intimamente ligados à sua alavancagem na teoria social cognitiva que, na esteira das advertências de Brustad (2002), poderá correr o risco de deriva positivista, quando esses limites não são inteiramente assumidos. As vantagens teóricas residiram prioritariamente na procura de instrumentos que permitissem a investigação com grandes amostras em contextos variáveis (Lourenço, 2002). A moldura teórica, consubstanciada no modelo preditivo detalhado no Capítulo 4, constitui um guia de incontestável utilidade para os responsáveis pela prática desportiva infanto-juvenil, mas carece de ser complementado por via de abertura epistemológica de cariz multi-metodológico.

Buisman & van Rossum (2001) argumentam que o estabelecimento dos valores socialmente positivos é feito a partir do ponto de vista dos adultos. Embora os cuidados conceptuais e metodológicos na elaboração dos instrumentos destinados a populações jovens sejam sublinhados por Lee (1996) e por Lee, Whitehead e Balchin (2000), é possível que os resultados sejam enviesados por deficiente compreensão do fraseado

dos questionários ou pela sua inadequação ao ambiente sócio-cultural dos respondentes. Fica aberta a questão de clarificar as reais percepções dos construtos por parte dos jovens atletas.

As teorias estruturalista e social cognitiva – apresentadas com maior detalhe no Capítulo 1 – assumem-se como divergentes na abordagem das questões morais no desporto infanto-juvenil, mas são similares nas evidências e conclusões. Contudo, Kavussanu (2006), Kavussanu e Ntoumanis (2003), Kavussanu e Spray (2006) referem que as evidências de um modelo preditor de comportamentos pró-sociais só são relevantes para a dimensão *ego*. A exploração de dimensões de orientação para a realização de objectivos não explícitas através do TEOSQ (e também do POSQ) surge como uma linha de pesquisa actual e de futuro (Harackiewicz, Barron, Pintrich, Elliot & Thrash, 2002; Baranik, Barron & Finney, 2007) apesar das reservas expressas por Roberts (2001). Também as precauções expressas por Sage e Kavussanu (2007) e por Sage, Kavussanu e Duda (2006), que sustentam que é preciso ter em consideração as relações complexas e a possível interacção entre orientação para a tarefa e para o ego. Trata-se de uma área de investigação a ter em conta no futuro.

Interessa também estudar o relacionamento dos construtos imbrincados com o desenvolvimento de competências pró-sociais, atitudes e orientação para a realização de objectivos com outros temas de importância maior para o desporto infanto-juvenil, nomeadamente a satisfação com a prática, o bem-estar dos jovens, o compromisso com o desporto ou o abandono. A plausível concatenação dos construtos, abordada parcialmente nos artigos descritivos de Roberts (2001) e Duda (2001) e o possível papel mediador de variáveis como as orientações para a realização de objectivos permitiria o esboço de um modelo de desportivismo, teoricamente mais abrangente e de implicações práticas mais sustentadas.

O desaparecimento de referências aos constrangimentos à subjectividade pode conduzir a uma situação na qual – em coincidência com o estilo pretensamente pós-moderno de cultura – se deixe de chamar a atenção para o facto de sobre a subjectividade operarem restrições sistémicas objectivas e de a intencionalidade não incidir sobre uma *tabula rasa* carente de determinações (Follari, 2003). Na nossa interacção com o mundo, a certeza prática é mais importante do que a certeza formal

(Toulmin, 2003) e a busca de mudança social por parte dos investigadores, desejada pelo estudo da realidade do desporto infanto-juvenil, deve ter em conta as complexidades, quer das situações estudadas, quer do posicionamento social dos investigadores (Taylor, 2003). Se os cientistas expõem e exploram o seu contexto social de pesquisa, sem o objectivo de reestruturar de forma participativa a produção de conhecimento e a mudança social então a riqueza de investigação desemboca na pobreza de consequências práticas. A ideia de que a teoria crítica não precisa de se tornar senso comum para ser socialmente validada é um dos sentidos comuns mais enraizados e mistificadores da teoria crítica (Santos, 2000).

7.3. Sugestões para futuros estudos

- 1) Replicação do estudo com uma amostra composta exclusivamente de atletas de Desporto Escolar.
- 2) Replicação do estudo com praticantes de elite integrantes de projectos de formação de atletas profissionais.
- 3) Pesquisa do construto Clima Motivacional Percepcionado, traduzindo e validando os instrumentos adequados e investigando o seu potencial relacionamento com as orientações disposicionais e as Atitudes face à prática desportiva.
- 4) Exploração de *clusters* de Orientação para a Realização de Objectivos e o seu potencial relacionamento com as Atitudes face à prática desportiva.
- 5) Realização de estudos observacionais, usando a metodologia CBAS, em diferentes modalidades desportivas.
- 6) Realização de estudos observacionais, usando a metodologia CBAS, em situação de treino.
- 7) Pesquisa qualitativa da Orientação para a realização de Objectivos e das Atitudes face à prática desportiva, mediante a realização de entrevistas a atletas.
- 8) Pesquisa qualitativa das crenças, atitudes e objectivos dos treinadores, mediante entrevista e observação de comportamentos.
- 9) Pesquisa qualitativa da Orientação para a realização de Objectivos e das Atitudes face à prática desportiva, mediante o recurso a metodologias etnográficas.
- 10) Pesquisa do potencial relacionamento da Orientação para a realização de Objectivos e das Atitudes face à prática desportiva com o abandono da prática.

11) Pesquisa do potencial relacionamento da Orientação para a realização de Objectivos e das Atitudes face à prática desportiva com o estuto sócio-económico dos praticantes.

12) Realização de estudos de intervenção, com atletas e treinadores, com desenho longitudinal, que explorem a variância dos construtos sob o efeito da variável tempo de prática.

Bibliografia

- Adelino, J., Vieira, J., & Coelho, O. (2005). Caracterização da prática desportiva juvenil federada. Lisboa, Instituto do Desporto de Portugal.
- Alves, F. (2002). Desporto, Saúde e Educação. Pode o movimento associativo alhear-se dos grandes desígnios do desenvolvimento nacional? In *Alta Competição. Uma cultura de exigência*. Lisboa. Confederação do Desporto de Portugal.
- Anderson, D. (2002). Do Critical Periods Determine when to Initiate Sport Skill Learning? In F. Smoll, R. Smith (eds), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp 105-152). Dubuque. Kendall/Hunt.
- Bandura, A. (1977). Social learning. New Jersey, Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1991). Social cognitive theory of moral thought and action. In W. Kurtines & J. Gewirtz (Eds.), *Handbook of moral behavior and development. Vol. 1: Theory* (pp. 45-100). Hillsdale, NJ, Erlbaum.
- Baranik, L., Barron, K., & Finney, S. (2007). Measuring goal orientation in a work domain – construct validity evidence for the 2x2 framework. *Educational and Psychological Measurement*, 67, 4, 697-718.
- Bengoechea, E., Streat, W. (2007). On the interpersonal context of adolescents' sport motivation. *Psychology of Sport and Exercise*, 8, 195-217.
- Bento, J.O. (2004). *Desporto. Discurso e substância*. Porto. Campo das Letras.
- Boixadós, M., & Cruz, J. (1995). Construction of a fairplay attitude scale in soccer. In R. Vanfraechem-Raway & Y. Vanden Auweele (eds). *Proceedings of the IX European Congress on Sport Psychology* (pp. 4-11). Brussels. Belgian Federation of Sport Psychology.
- Boixadós, M., Cruz, J., Torregrosa, M., & Valiente, L. (2004). Relationships among motivational climate, satisfaction, perceived ability, and fair play attitudes in young soccer players. *Journal of Applied Sport Psychology*, 16, 301-317.
- Bourdieu, P. (1997) *Meditações pascalianas*. Lisboa, Celta.
- Bredemeier, B. (1999). Youth sport as a moral community. In R. Malina (Ed.) *Proceedings of the congress Youth Sports in the 21st Century: Organized sports in the Lives of Children and Adolescents* (pp. 16-17). East Lansing, The Institute for the Study of Youth Sports at Michigan State University.
- Bredemeier, B., Shields, D. (1986). Game reasoning and interactional morality. *Journal of Genetic psychology*, 147, 257-275.
- Bretschneider, W-D. (2001). Effects of sport club activities on adolescent development in Germany. *European Journal of Sport Science*, 1, 2, 1-11.
- Brustad, R. (2002). A critical analysis of knowledge construction in sport psychology. In T. Horn (Ed), *Advances in Sport Psychology* (pp 21-38). Champaign, Ill, Human Kinetics.
- Brustad, R., Babkes, M., & Smith, A. (2001). Youth in sport. Psychological considerations. In R.N. Singer, H.A. Hausenblas, & C.M. Janelle (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (pp. 604-635). New York, Wiley.
- Brustad, R., & Partridge, J. (2002). Parental and Peer Influence on Children's Psychosocial Development through Sport. In F. Smoll & R. Smith (Eds), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp. 187-210). Dubuque, Kendall/Hunt.
- Buisman, A., & van Rossum, J. (2001). Values and value clarification in sports. In J. Steenbergen, P. De Knop, A. Elling (eds) *Values and norms in sport* (pp. 117-136). Oxford, Meyer & Meyer Sport.

- Byrne, B.M. (1989). A primer to LISREL. Basic application and programming for confirmatory factor analytic models. New York, Springer-Verlag
- Byrne, B.M. (1998). Structural equation modelling with LISREL, PRELIS and SIMPLIS: Basic concepts, applications and programming. Mahawah, NJ., Lawrence Erlbaum Associates.
- Cashmore, E. (2005). Making sense of sports (4ª edição). Oxon, Routledge.
- Cassidy, T., Jones, R., Potrac, P. (2004). Understanding sports coaching. Oxon, Routledge.
- Castells, M. (2002). *A sociedade em rede*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2003). O poder da identidade. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chantal, Y., Robin, P., Vernat, J-P., & Bernache-Assolant, I. (2005). Motivation, sportspersonship, and athletic aggression: a mediational analysis. *Psychology of Sport and Exercise*, 6, 233-249.
- Chatoupis, C., & Emmanuel, C. (2003). The effects of two disparate instructional approaches on student self-perceptions in elementary physical education. *European Journal of Sport Science*, 3, 1, 1-16.
- Chatzisarantis, N., & Hagger, M. (2005). Effects of a brief intervention based on the Theory of Planned Behavior on a leisure-time physical activity participation. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 27(4), 470-487.
- Chi, L., & Duda, J. (1995). Multi-sample confirmatory factor analysis of the Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 66, 2, 91-98.
- Christodoulidis, T., Papaioannou, A., & Digelidis, N. (2001). Motivational climate and attitudes toward exercise in greek senior high school: a year-long intervention. *European Journal of Sport Science*, 1, 4, 1-12.
- Coakley, J. (2001). Sport in Society: issues and controversies (7th ed.). Boston, McGraw-Hill.
- Coelho e Siva, M., & Malina, R. (2004). Biological and social relationships of participation motivation in youth sports. In Manuel Coelho e Silva & Robert Malina (Eds.), *Children and Youth in Organized Sports* (pp. 54-69). Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Coelho e Siva, M., Rocha, I.L., Gonçalves, C.E. (2006). Treinador de Jovens e formação de jovens treinadores. In M. Coelho e Silva, C.E. Gonçalves & A. Figueiredo (Eds.), *Desporto de Jovens ou Jovens no Desporto?* (pp. 183-196). Coimbra, Faculdade de Ciências do desporto e Educação Física.
- Cohen, J. A. (1960). Coefficient of agreement for nominal scales. *Educational Psychological Measurement*, 20, 36-37.
- Conroy, D., & Coatsworth, J.D. (2004). The effects of coach training on fear of failure in youth swimmers: a latent growth curve analysis from a randomized, controlled trial. *Applied Developmental Psychology*, 25, 193-214.
- Conroy, D., & Coatsworth, J.D. (2006). Coach training as a strategy for promoting youth social development. *The Sport Psychologist*, 20, 128-144.
- Conroy, D., Coatsworth, J.D., & Fifer, A. (2005). Relations dynamiques ente la compétence perçue et la peur de l'échec chez de jeunes athlètes. *Revue Européenne de Psychologie Appliquée*, 55, 99-110.
- Conroy, D., Elliot, A., & Hofer, S. (2003). A 2x2 achievement goals questionnaire for sport : evidence for factorial invariance, temporal stability, and external validity. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 25, 69-92.

- Conroy, D., Kaye, M., & Coatsworth, J.D. (2006). Coaching climates and the destructive effects of mastery-avoidance achievement goals on situational motivation. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 28, 456-476.
- Cruz, J. (2003). Asesoramiento psicológico a entrenadores de deportistas jóvenes. In Antonio Oña Sicilia & Alfonso Bilbao Guerrero (Eds). *Proceedings of the II World Congress of Physical Activity and Sport Sciences: Sport and Quality of Life* (pp. 80-96). Granada, Alhambra.
- Cruz, J., Boixadós, M., Valiente, L., & Torregrosa, M. (2001). Se pierde el “fairplay” y la deportividad en el deporte en edad escolar? *Apunts: Educación Física y Deportes*, 64, 6-16.
- Cruz, J., Boixadós, M., Valiente, L., & Capdevila, L. (1995). Prevalent values in young spanish soccer players. *International Review for the Sociology of Sport*, 30, 353-373.
- Cruz, J., Boixadós, M., Torregrosa, M., Valiente, L., & Villamarin, F. (2001). Values, socio-moral attitudes and achievement goals among youth team sports participants in Spain. In A. Papaioannou, M. Goudas, Y. Theodorakis (eds), *In the Dawn of the Millenium: 10th World Congress of Sport Psychology* (pp.195-197). Skiathos, Grécia. Christodoulidi Publications.
- Cruz, J., Boixadós, M., Valiente, L., Torregrosa, M., & Mimbbrero, J. (1996). Existe un deporte educativo?: papel de las competiciones deportivas en el proceso de socialización del niño. *Revista de Psicología del Deporte*, 9-10, 111-132.
- D'Arripe-Longueville, F., Pantaléon, N., & Smith, A.L. (2006). Personal and situational predictors of sportpersonship in young athletes. *International Journal of Sport Psychology*, 37, 38-57.
- David, P. (2005). Human rights in youth sport. Oxon, Routledge.
- Disch J (1989). Selected multivariate statistical techniques. In MJ Safrit; TM Wood (Editors). *Measurement concepts in physical education and exercise science*. Champaign, Illinois. Human Kinetics Books. Pp:155-180.
- Donnelly, P., Young, K. (2001). The construction and Confirmation of Identity in Sport Subcultures. In Andrew Yiannakis e Merrill J. Melnick (eds.). *Contemporary Issues in Sociology of Sport* (pp.399-412). Champaign, Human Kinetics.
- Duda, J. (2001). Achievement Goal Research in Sport : Pushing the Boundaries and Clarifying some Misunderstandings. In G. Roberts (ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp. 129-182). Champaign, Ill. Human Kinetics.
- Dunn, J., Dunn, J.C., & Syrotuik, D. (2002). Relationship between multidimensional perfectionism and goal orientations in sport. *Journal of Sport & Exercise Psycholgy*, 24, 376-395.
- Eccles, J., & Barber, B. (2001). Student Council, Volunteering, Basketball, or Marching Band: what Kind of Extracurricular Involvement Matters? In Andrew Yiannakis e Merrill J. Melnick (eds.). *Contemporary Issues in Sociology of Sport* (pp.125-142). Champaign, Human Kinetics.
- Elferink-Gemser, M.T., Visscher, C., Lemmink, K., & Mulder, Th. (2004). Relation between multidimensional performance characteristics and level of performance in talented youth field hockey players. *Journal of Sport Sciences*, 22, 1053-1063.
- Ewing, M., & Seefeldt, V. (2002). Patterns of Participation in American Agency-Sponsored Youth Sports. In F. Smoll & R. Smith (Eds), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp. 39-59). Dubuque: Kendall/Hunt.
- Felz, D., & Kontos, A. (2002). The nature of sport psychology. In T. Horn (Ed), *Advances in Sport Psychology* (pp. 3-20). Champaign, Ill, Human Kinetics.

- Follari, R. (2003). Um discurso sobre as ciências: a abertura aos tempos. In B.S. Santos (Ed.) *Conhecimento prudente para uma vida decente* (pp. 209-226). Porto, Edições Afrontamento.
- Fonseca, A. (1999). Atribuições em contextos de actividade física ou desportiva. *Tese de Doutoramento*. FCDEF, Universidade do Porto.
- Fonseca, A.M., & Biddle, S.J. (1996). Estudo inicial para a adaptação do Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ) à realidade portuguesa. *Actas da IV International Conference on Psychological Assessment: Development and Contexts*. Braga, Minho University Press.
- Fraser-Thomas, J., Côté, J., & Deakin, J. (2005). Youth sport programs : an avenue to foster positive youth development. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 10, 1, 19-40.
- Fry, M.D., & Newton, M. (2003). Application of achievement goal theory in a urban youth tennis setting. *Journal of Applied Sport Psychology*, 15, 50-66.
- Gano-Overway, L., Guivernau, M., Magyar, T., Waldron, J., & Ewing, M. (2005). Achievement goal perspectives, perceptions of the motivational climate, and sportpersonship: individual and team effects. *Psychology of Sport and Exercise*, 6, 215-232.
- Gernigon, C., D'Arripe-Longueville, F., Delignières, D., Ninot, G. (2004). A dynamical systems perspective on goal involvement states in sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 26, 572-596.
- Gilbert, W., Trudel, P. (2004). Role of the coach: how model youth team sport coaches frame their roles. *The Sport Psychologist*, 18, 21-43.
- Gomes, R. M. (2005). O governo da educação em Portugal. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Gonçalves, C.A. (2004). A educação para os valores na educação física e no desporto infanto-juvenil. *Comunicação apresentada no Congresso "O Desporto, a Ética e os Valores"*. Lisboa. Universidade Lusófona.
- Gonçalves, C.E. (2004). Desporto infanto-juvenil e educação moral -situação, constrangimentos e perspectivas. *Treino Desportivo Especial*, 6, 68-74.
- Gonçalves, C.E., & Coelho e Silva, M. (2004a). Valores e orientação motivacional em basquetebolistas portugueses dos 13-16 anos de idade. *Actas do III Congress of the Spanish Association of Sport Sciences*. Valencia, University of Valencia.
- Gonçalves, C.E., & Coelho e Silva, M. (2004b). Contemporary trends and issues in youth sports in Portugal. In Manuel Coelho e Silva & Robert Malina (eds), *Children and Youth in Organized Sports* (pp. 15-30) Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Gonçalves, C.E., Coelho e Silva, M., & Lee, M. (2004). Valores no desporto de jovens: estudo com jovens basquetebolistas dos 13 aos 16 anos de idade. In N Garcia, CE Gonçalves, M Coelho e Silva (Editores). *Perspectivas do Desporto de Jovens para uma Educação pelo Desporto*. Direcção Regional de Educação Física e Desporto – Secretaria Regional de Educação – Região Autónoma dos Açores, Câmara Municipal da Horta, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra.
- Gonçalves, C.E., Coelho e Silva, M., & Cruz, J. (2005). The effect of gender, context and type of sport on the "Sports Attitudes Questionnaire" among Portuguese young athletes. In *Proceedings of the AIESEP World Congress*. Lisbon, Faculty of Human Movement.
- Gonçalves, C.E., Cardoso, L., Freitas, F., Lourenço, J., & Coelho e Silva, M. (2005). Valores no desporto de jovens: concepções, instrumentos e limitações. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 30-31, 93-110.

- Gonçalves, C.E., Coelho e Silva, M., Cruz, J., Lee, M.J., & Chatzisarantis, N. (2006). Tradução e validação do Sports Attitudes Questionnaire para atletas portugueses dos 13-16 anos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 6, 1, 38-49.
- Greendorfer, S., Lewko, J., & Rosengren, K. (2002) Family and Gender-Based Influences in Sport Socialization of Children and Adolescents. In F. Smoll & R. Smith (Eds), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp. 153-186). Dubuque: Kendall/Hunt.
- Griffin, L., Brooker, R., & Patton, K. (2005). Working towards legitimacy: two decades of Teaching games for Understanding. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 10, 3, 213-223.
- Gruneau, R. (1999). Class, Sports and Social Development. Champaign, Ill. Human Kinetics.
- Guivernau, M., & Duda, J. (2002). Moral atmosphere and athletic aggressive tendencies in young soccer players. *Journal of Moral Education*, 31, 1, 67-85.
- Gustafsson, H., Kenttä, G., Hassmén, P., & Lundqvist, C. (2007). Prevalence of burnout in competitive adolescent athletes. *The Sport Psychologist*, 21, 21-37.
- Halliburton, A., Weiss, M. (2002). Sources of competence information and perceived motivational climate among adolescent female gymnasts varying in skill level. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 24, 396-419.
- Hanrahan, S., & Biddle, S. (2002). Measurement of achievement orientations: psychometric measures, gender, and sport differences. *European Journal of Sport Science*, 2, 5, 20-32.
- Harackiewicz, J., Barron, K., Pintrich, P., Elliot, A., & Thrash, T. (2002). Revision of achievement goal theory: necessary and illuminating. *Journal of Educational Psychology*, 94, 3, 638-645.
- Harwood, C., Hardy, L., Swain, A. (2000). Achievement goals in sport: a critique of conceptual and measurement issues. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 22, 235-255.
- Harwood, C., Cumming, J., & Fletcher, D. (2004). Motivational profiles and psychological skills use within elite youth sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, 16, 318-332.
- Hobsbawm, E. (2004). Manifeste pour l'histoire. *Le Monde Diplomatique*, 609.
- Hollembeak, J., & Amorose, A. (2005). Perceived coaching behaviors and college athletes' intrinsic motivation: a test of Self-Determination Theory. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 20-36.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1-55.
- Hughes, R., & Coakley, J. (2001). Positive deviance among athletes: the implications of overconformity to the sport ethic. In A. Yiannakis, M. J. Melnick (Eds), *Contemporary Issues in Sociology of Sport* (pp. 361-374). Champaign, Ill, Human Kinetics.
- Joreskog, K.G., Sorbom, D. (1989). LISREL 7: A guide to the program and application. Chicago, Illinois, Scientific Software International Inc.
- Kant, I. (1998). Crítica da faculdade do juízo. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Kavussanu, M. (2006). Motivational predictors of prosocial and antisocial behavior in football. *Journal of Sport Sciences*, 24, 6, 575-588.

- Kavussanu, M., & Ntoumanis, N. (2003). Participation in sport and moral functioning: does ego orientation mediate their relationship? *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 25, 501-518.
- Kavussanu, M., & Spray, C. (2006). Contextual influences on moral functioning of male youth footballers. *The Sport Psychologist*, 20, 1-23.
- Keating, J. (2001). Sportsmanship as a moral category. In W.J. Morgan, K. Meier & A. Scneider (Eds.), *Ethics in Sport* (pp. 7-20). Champaign, Il, Human Kinetics.
- Keech, M., & Mcfee, G. (2000). Locating issues and values in sport and leisure cultures. In Mark Keech, Graham Mcfee (eds) *Issues and values in sport and leisure cultures* (pp. 1-24). Oxford. Meyer & Meyer Sport.
- Kirk, D. (2006). Sport education, critical pedagogy, and learning theory: toward an intrinsic justification for physical education and youth sport. *Quest*, 58, 255-264.
- Knoppers, A., Boom, A. ten, Buisman, A., Elling, A., & De Knop, P. (2001). Values and Norms in Sport. In J. Steenbergen, P. De Knop, A. Elling (Eds.) *Values and norms in sport*. (pp. 17-32) Oxford, Meyer & Meyer Sport.
- Krane V, Baird SM (2005). Using ethnography in applied sport psychology. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 87-107.
- Kretchmar, R.S. (2005). Practical philosophy of sport and physical activity (2nd edition). Champaign, Il, Human Kinetics.
- Landis, J.R.,& Koch, G.C. (1997). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 37, 439-446.
- Lee, M.J. (1996). Young people, sport and ethics: an examination of fairplay in youth sport. *Unpublished report submitted to the Sports Council Research Unit*, London.
- Lee, M.J. (2004). The importance of values in coaching process. In M. Coelho e Silva & R. Malina (Eds.), *Children and Youth in Organized Sports* (pp. 82-94). Coimbra, University Press.
- Lee, M.J. (2004). Values in physical education and sport: a conflict of interests? Unpublished manuscript, The Physical Education Association of the United Kingdom, London.
- Lee, M.J., & Cockman, M. (1991). Ethical issues in sport: emergent values among youth football and tennis players. *Unpublished report submitted to the Sports Council Research Unit*, London.
- Lee, M.J., & Whitehead, J. (1999). The effects of values, achievement goals, and perceived ability on moral attitudes in youth sport. Report provided to the Economic and Social Research Council, Swindon, England.
- Lee, M.J., Whitehead, J., & Balchin, N. (2000). The measurement of values in youth sport: development of the youth sport values questionnaire. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 22, 307-326.
- Lemyre, P.N., Roberts, G., & Ommundsen, Y. (2002). Achievement goal orientations, perceived ability, and sportspersonship in youth soccer. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, 120-136.
- Lourenço, O. (2002). *Psicologia de desenvolvimento moral* (3ª edição). Coimbra, Almedina.
- Magyar, T.M., & Felz, D. (2003). The influence of dispositional and situational tendencies on adolescent girls' sport confidence sources. *Psychology of Sport & Exercise*, 4, 175-190.
- Malina, R., Bouchard, C., & Bar-Or, O. (2004). Growth, maturation and physical activity. Champaign, Ill, Human Kinetics.
- Manso, J.M., Granell, J.C., Girón, P.L., Abella, C.P. (2003). *El talento deportivo*. Madrid, Editorial Gymnos.

- Marques, A. (2002). Conceito geral de treino de jovens - aspectos filosóficos e doutrinários da actividade e do treinador. *Treino Desportivo*, 20, 4-11.
- Marques, A., & Oliveira, J. (2004). Promoting Quality in Youth Sports. In M. Coelho e Silva & R. Malina (Eds), *Children and Youth in Organized Sports* (pp. 31-42). Coimbra, University Press.
- Martin, D. (1999). Capacidade de performance e desenvolvimento no desporto de jovens. In J. Adelino, J. Vieira & O. Coelho (Eds), *Treino de Jovens* (pp. 37-60). Lisboa, Secretaria de Estado do Desporto.
- May, R. (2001). The sticky condition of sportsmanship: contexts and contradictions in sportsmanship among high school basketball players. *Journal of Sport and Social Issues*, 25, 4, 372-389.
- McArdle, S., & Duda, J. (2004). Exploring social-contextual correlates of perfectionism in adolescents: a multivariate perspective. *Cognitive Therapy and Research*, 28, 6, 765-788.
- McAuley, E., Duncan, T.E., & Tammen, V.V. (1989). Psychometric properties of the Intrinsic Motivation Inventory in a competitive sport setting. A confirmatory factor analysis. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 60, 1, 48-58.
- McCullick, B., & Belcher, D. (2005). What works in coaching certification programs? The participants' view. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 10, 2, 121-137.
- McDonough, M., & Crocker, P. (2005). Sport participation motivation in young adolescents girls: the role of friendship quality and self-concept. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 76, 4, 456-467.
- Melo de Carvalho, A. (1987) Desporto Escolar. Inovação pedagógica e nova escola. Lisboa, Editorial Caminho.
- Miller, B., Roberts, G., & Ommundsen, Y. (2005). Effects of perceived motivational climate on moral functioning, team moral atmosphere perceptions, and the legitimacy of intentionally injurious acts among competitive youth football players. *Psychology of Sport & Exercise*, 6, 461-477.
- Morgan W (2001). Patriotic sports and the moral making of nations. In W.J. Morgan, K. Meier & A. Schneider (Eds.), *Ethics in Sport* (pp. 370-392). Champaign, Il, Human Kinetics.
- Myers, N., Felz, D., Maier, K., Wolfe, E., & Reckase, M. (2006). Athlete's evaluation of their head coach coaching competency. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 77, 1, 111-121.
- Newton, M., Duda, J., & Yin, Z. (2000). Examination of the psychometric properties of the Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire-2 in a sample of female athletes. *Journal of Sport Sciences*, 18, 275-290.
- Newton, M., Watson, D., Kim, M-S., & Beacham, A. (2006). Understanding motivation of underserved youth in physical activity settings. *Youth & Society*, 37, 3, 348-371.
- Nicholls, J.G. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MA., Harvard University Press.
- Ntoumanis, N., & Vazou, S. (2005). Peer motivational climate in youth sport: measurement development and validation. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 27, 432-455.
- Ommundsen, Y., Roberts, G., Lemyre, P-N., & Miller, B. (2005). Peer relationships in adolescent competitive soccer: Associations to perceived motivational climate, achievement goals and perfectionism. *Journal of Sport Sciences*, 23, 9, 977-989.
- Orlick, T. (2002). Enhancing children's sport and life experiences. In Frank Smoll & Ronald Smith (eds), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp. 465-474). Dubuque, Kendall/Hunt.

- Pais, J.M. (2003). *Culturas juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Papacharisis, V., Goudas, M., Danish, S., &Theodorakis, Y. (2005). The effectiveness of teaching a life skills program in a sport context. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 247-254.
- Papaioannou, A., Marsh, H., &Theodorakis, Y. (2004). A multilevel approach to motivational climate in physical education and sport settings: an individual or a team construct? *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 26, 90-118.
- Passer, M., & Wilson, B. (2002). Motivational, Emotional, and Cognitive Determinants of Children's Age-Readiness for Competition. In F. Smoll & R. Smith (Eds), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp. 83-104). Dubuque: Kendall/Hunt.
- Pedhazur, E.L. (1982). *Multiple regression in behavioural research – explanation and prediction*. Fort Worth. Holt, Rinehart & Winston.
- Peiró, C., & Sanchís, J.M. (2004). Las Propiedades Psicométricas de la Versión Inicial del Cuestionario de Orientación a la Tarea Y al Ego (TEOSQ) Adaptado a la Educación Física en su Traducción al Castellano. *Revista de Psicología del Deporte*, 13, 1, 26-40.
- Penney, D. (2006). Coaching as teaching: new acknowledgements in practice. In R. Jones (Ed.) *The Sports Coach as an Educator: re-conceptualizing sports coaching* (pp. 25-35). Oxon, Routledge.
- Pires, G. (1996). *Desporto Escolar. Desenvolvimento e gestão de projectos*. Departamento de Ciências do Desporto, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
- Prat, M., & Soler, S. (2003). *Actitudes, Valores y Normas en la Educación Física y el Deporte*. Barcelona. INDE.
- Rawls, J. (1971). *A theory of justice*. Oxford, Oxford University Press.
- Reinboth, M., & Duda, J. (2004). The motivational climate, perceived ability, and athlete's psychological and physical well-being. *The Sport Psychologist*, 18, 237-251.
- Rhodes, R., & Courneya, K. (2005) Threshold assessment of attitude, subjective norm, and perceived behavioral control for predicting exercise intention and behavior. *Psychology of Sport and Exercise*, 6, 349-361.
- Roberts, G. (2001). Understanding the Dynamics of Motivation in Physical Activity: the Influence of Achievement Goals on Motivational Process. In G. Roberts (ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp. 99-120). Champaign, Ill. Human Kinetics.
- Roberts, G., & Walker, B. (2001). La théorie des buts d'accomplissement dans le domaine du sport et des activités physiques. In F. Cury, P. Sarrazin (Eds.), *Théories de la Motivation et Pratiques Sportives : état des recherches* (pp. 57-95). Paris, Presses Universitaires de France.
- Roberts, G., Treasure, D., & Balague, G. (1998). Achievement goals in sport: the development and validation of the perception of success questionnaire. *Journal of Sports Sciences*, 16, 337-347.
- Rodriguez, D., Wigfield, A., Eccles, J. (2003). Changing competence perceptions, changing values: implications for youth sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, 15, 67-81.
- Romand, P., & Pantaléon, N. (2007). A qualitative study of rugby coaches' opinions about the display of moral character. *The Sport Psychologist*, 21, 58-77.
- Rupp, M.T., Segal, R. (1989). Confirmatory factor analysis of a professional scale in pharmacy. *Journal of Social and Administrative Pharmacy*, 6, 31-38.

- Ryan, R., & Deci, E. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist*, 55, 68-78.
- Sage, L., & Kavussanu, M. (2007). The effects of goal involvement on moral behavior in an experimental manipulated competitive setting. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29, 2, 190-207.
- Sage, L., Kavussanu, M., & Duda J. (2006). Goal orientations and moral identity as predictors of prosocial and antisocial functioning in male association football players. *Journal of Sports Sciences*, 24, 5, 455-466.
- Santos, B.S. (2000). A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência. Porto, Edições Afrontamento.
- Scanlan, T. (2002). Social Evaluation and the Competition Process: a Developmental Perspective. In Frank Smoll & Ronald Smith (eds), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp. 393-408). Dubuque, Kendall/Hunt.
- Schwarz, S. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 4, 19-45.
- Seefeldt, V., & Clark, M. (2002). The continuing evolution in youth sports: what does the future hold? In F. Smoll & R. Smith (eds), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp. 591-621). Dubuque. Kendall/Hunt.
- Shields, D., Bredemeier, B. (1995). Character Development Through Physical Activity. Champaign, Il. Human Kinetics.
- Shields, D., Bredemeier, B., & Power, F. (2002). Character development and children's sport. In F. Smoll & R. Smith (eds), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp. 537-563). Dubuque. Kendall/Hunt.
- Siedentop, D. (2002). Junior sport and the evolution of sport cultures. *Journal of Teaching in Physical Education*, 21, 392-401.
- Simpkins, S., Ripke, M., Huston, A., & Eccles, J. (2005). Predicting participation and outcomes in out-of-school activities. *New directions for youth development*, 105, 51-69.
- Smith, A., Balaguer, I., & Duda, J. (2006). Goal orientation profile differences on perceived motivational climate, perceived peer relationships, and motivation-related responses of youth athletes. *Journal of Sport Sciences*, 24, 12, 1315-1327.
- Smith, R., Smoll, F., & Hunt, E. (1977). A system for the behavioral assessment of athletic coaches. *Research Quarterly*, 48, 401-407.
- Smith, R., Smoll, F., & Cumming, S. (2007). Effects of a motivational climate intervention for coaches on young athletes' sport performance anxiety. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29, 1, 39-59.
- Smith, S., Fry, M., Ethington, C., & Li, Y. (2005). The effect of female athletes' perceptions of their coaches' behaviors on their perceptions of the motivational climate. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 170-177.
- Smoll, F., & Smith, R. (2002). Coaching behavior research and intervention in youth sports. In F. Smoll & R. Smith (Eds.), *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective* (pp. 211-234). Dubuque. Kendall/Hunt.
- Sobral, F. (1994). Desporto infanto-juvenil: prontidão e talento. Lisboa, Livros Horizonte.
- Sousa, C., Cruz, J., Torregrosa, M., Vilches, D., & Viladrich, C. (2006). Evaluación conductual y programa de asesoramiento personalizado a entrenadores (PAPE) de deportistas. *Revista de Psicología del Deporte*, 15, 2, 263-278.
- Sousa, J., & Magalhães, J. (2006). Desporto Escolar. Um Retrato. Lisboa, Ministério da Educação.

- Standage, M., Treasure, D., Duda, J., & Prusak, K. (2003). Validity, Reliability, and invariance of the Situational Motivation Scale (SIMS) across diverse physical activity contexts. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 25, 19-43.
- Steenbergen, J. (2001). The Double Character of Sport. In J. Steenbergen, P. De Knop, A. Elling (Eds) *Values and norms in sport* (pp. 33-56). Oxford, Meyer & Meyer Sport.
- Stephens, D. (2000). Predictors of likelihood to aggress in youth soccer: an examination of coed and all-girl teams. *Journal of Sport Behavior*, 23, 311-325.
- Stornes, T., Roland, E. (2004). Handball and Agression: an Investigation of Adolescent Handball Players' Perceptions of Agressive Behavior. *European Journal of Sport Science*. Volume 4, 1, 1-13.
- Tabachnick, B.G., & Fidell, L.S. (2001). Using multivariate statistics (Fourth edition). Bóston, Allyn & Bacon.
- Taylor, P. (2003). A reconstrução da complexidade ecológica sem regras. In B.S. Santos (Ed.) *Conhecimento prudente para uma vida decente* (pp. 529-552). Porto, Edições Afrontamento.
- Teixeira de Sousa, J. (1988). Contributo para o Estudo do Associativismo Desportivo em Portugal. Lisboa, Instituto Superior de Educação Física, Universidade Técnica de Lisboa.
- Theodosiu, A., Papaioannou, A. (2005). Motivational climate, achievement goals and metacognitive activity in physical education and exercise involvement in out-of-school settings. *Psychology of Sport & Exercise*, 6, 1-19.
- Theodoulides, A. (2000). Teaching Moral Values Through Physical Education and Sport. In M. Keech, G. Mcfee (Eds.), *Issues and values in sport and leisure cultures* (pp.167-186). Oxford, Meyer & Meyer Sport.
- Torregrosa, M., & Lee, M. (2000). El estudio de los valores en psicología del deporte. *Revista de Psicología del Deporte*, 9,1-2, 71-83.
- Torregrosa, M., Figueroa, J., Garcia-Mas, A., Sousa, C., Vilches, D., Villamarin, F., & Cruz, J. (2005). La relación entre las familias (padres y madres) y el compromiso deportivo de futbolistas cadetes. Comunicação ao *Congresso Sul-americano de Psicologia do Desporto*. Montevideu.
- Toulmin, S. (2003). Como a razão perdeu o seu equilíbrio. In B.S. Santos (Ed.) *Conhecimento prudente para uma vida decente* (pp. 253-272). Porto, Edições Afrontamento.
- Treasure, D. (2001). Enhancing young people's motivation in youth sport: an achievement goal approach. In G. Roberts (Ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp. 129-182). Champaign, Ill: Human Kinetics.
- Tsorbatsoudis, H., & Emmanouilidou, M. (2005). Predicting moral behavior in physical education classes: an application of the Theory of Planned Behavior. *Perceptual and Motor Skills*, 100, 1055-1065.
- Vallerand, R. (2001). A Hierarchical Model of Intrinsic and Extrinsic Motivation in Sport and Exercise. In G. Roberts (Ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp. 263-320). Champaign, Ill: Human Kinetics.
- Vallerand, R., & Grouzet, F. (2001). Pour un modèle hiérarchique de la motivation intrinsèque et extrinsèque dans les pratiques sportives et l'activité physique. In F. Cury, P. Sarrazin (Eds.), *Théories de la Motivation et Pratiques Sportives : état des recherches* (pp. 57-95). Paris, Presses Universitaires de France.
- Vallerand, R., Deshaies, P., Courier, J.P., Brière, N., & Pelletier, L. (1996). Toward a Multidimensional Definition of Sportsmanship. *Journal of Applied Sport Psychology*, 8, 89-101.

- Vallerand, R., Briere, N., Blanchard, C., & Provencher, P. (1997). Development and validation of the multidimensional sportspersonship orientations scale. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 16, 126-140.
- Vazou, S., Ntoumanis, N., & Duda, J. (2005). Peer motivational climate in youth sport: a qualitative inquiry. *Psychology of Sport & Exercise*, 6, 497-516.
- Vazou, S., Ntoumanis, N., & Duda, J. (2006). Predicting young athletes' motivational indices as a function of their perceptions of the coach- and peer-created climate. *Psychology of Sport & Exercise*, 7, 215-233.
- Verkhoshansky, Y. (2002). Teoría y metodología del entrenamiento deportivo. Barcelona, Editorial Paidotribo.
- Vissek, A., & Watson, J. (2005). Ice hockey player's legitimacy of aggression and professionalization of attitudes. *The Sport Psychologist*, 19, 178-192.
- Wallhead, T., & O'Sullivan, M. (2005). Sport education: physical education for the new millenium? *Physical Education and Sport Pedagogy*, 10, 2, 181-210.
- Watson, D., Newton, M., Kim, M-S. (2003). Recognition of values-based constructs in a summer physical activity program. *The Urban Review*, 35, 3, 217-232.
- Weigand, D., Carr, S., Petherick, C., & Taylor, A. (2001). Motivational climate in sport and physical education: the role of significant others. *European Journal of Sport Science*, 1, 4, 1-13.
- Weiss, M., & Ferrer-Caja, E. (2002). Motivational orientation and sport behavior. In T. Horn (Ed), *Advances in Sport Psychology* (pp 101-183). Champaign, Ill, Human Kinetics.
- Weiss, M., & Smith, A. (2002). Moral development in sport and physical activity: theory, research, and intervention. In T. Horn (ed.), *Advances in Sport Psychology* (pp. 243-280). Champaign, Ill, Human Kinetics.
- Weiss, W., & Weiss M. (2007). Sport commitment among competitive female gymnasts: a developmental perspective. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78, 1, 90-102.
- Werthner, P., & trudel, P. (2006). A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. *The Sport Psychologist*, 20, 198-212.
- Whitehead, J., Andrée, K., & Lee, M.J. (2004). Achievement perspectives and perceived ability: how far do interactions generalize in youth sport? *Psychology of Sport & Exercise*, 5, 291-317.
- Whitehead, J., Lee, M., & Hatzigeorgiadis, N. (2003). Goal orientations as mediators for the personal value system. *Journal of Sport Sciences*. 21, 4.
- Williams, J., Jerome, G., Kenow, L., Rogers, T., Sartain, T., & Darland, G. (2003). Factor structure of the coaching behavior questionnaire and its relationship to athlete variables. *The Sport Psychologist*, 17, 16-34.
- Wolfenden, L.E., & Holt, N. (2005). Talent development in elite junior tennis: perceptions of players, parents, and coaches. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 108-126.
- Würth, S., Lee, M.J., & Alfermann, D. (2003). Parental involvement and athlete's career in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 5, 21-33.

